

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Zigomar Baroni Junior

**TRAJETÓRIA POLÍTICO-MILITAR DE FRUCTUOSO  
RIVERA E AS MISSÕES (1811-1828)**

Passo Fundo

2009

Zigomar Baroni Junior

**TRAJETÓRIA POLÍTICO-MILITAR DE FRUCTUOSO  
RIVERA E AS MISSÕES (1811-1828)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de mestre em História sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Golin.

Passo Fundo

2009

Dedico este trabalho, em especial, a minha esposa Rosana B. Schneider, esposa carinhosa que estimulou e facilitou minha caminhada.  
A minha filha Lavínia, filha querida, razão de meus esforços.

Agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Carlos Golin, incentivador e sábio em suas orientações.

Um carinhoso agradecimento ao meu amigo Fernando Comiran, que tornou possível muitos parágrafos deste trabalho por suas idéias e dicas.

“O tolo não vê a mesma árvore que o sábio [...]”.  
Provérbio Chinês

## RESUMO

Rivera viveu em um período histórico de grandes transformações políticas e sociais na região limítrofe entre as colônias americanas das decadentes coroas ibéricas. Durante as primeiras três décadas do século XIX, a região platina, zona limítrofe entre as colônias portuguesas e hispânicas na América Meridional, sofreu uma onda de movimentos de cunho político: a desestruturação do pacto colonial, o processo de independência de Buenos Aires, sua vinculação fronteiriça com a Banda Oriental e as Missões, sendo as Missões território disputado pelas coroas ibéricas e mais tarde pelas suas ex-colônias meridionais. Neste panorama, a política platina gerou uma série de tendências políticas, que surgiram no intuito de suplantar o vácuo de poder deixado pelas coroas ibéricas na região. Neste trabalho serão apresentadas as principais fases políticas de Frutuoso Rivera, do início de sua atuação junto ao artiguismo até a campanha das Missões em 1828. A articulação política do caudilho com a política platina o levou a primeira presidência do Uruguai, e o espaço entre 1811 a 1828 foi o momento de estruturação e alavancagem de sua carreira política. Suas atitudes polêmicas o fizeram um político singular, sempre envolvido em todas as principais pendengas e transformações políticas platinas da época. Assim, neste trabalho buscar-se-á integrar os principais processos políticos com a figura de Rivera, juntamente com o poder das Missões Orientais no jogo político da vida do caudilho.

Palavras-chave: América Meridional. Política Platina. Guerra Cisplatina. Uruguai. Frutuoso Rivera.

## ABSTRACT

Rivera lived in a historical period of great political and social transformation in the bordering region between the American colonies and the decadent Iberian nations. During the first three decades of century XIX, the River Plate region, bordering area between the Portuguese and Hispanic colonies in the Meridional America, has passed through movements of political character: the colonial pact destructuralization, the independence process of Buenos Aires, its bordering attachment with the Oriental Banda and Missões, where the Missões territory disputed by the Iberian nations and later by their ex-meridional colonies. In this panorama, the Plate politics created a series of political tendencies which appeared with the purpose of supplanting the vacuum of the power left by the Iberian nations in the region. The main political stages of Rivera will be presented in this work, from the beginning of his performance with the *artiguismo* to the Missões campaign in 1828. The caudilho political articulation with the Plate politics led him to the first Uruguay Presidency, and the period between 1811 and 1828 was the organization and leverage moment of his political carrier. His polemic attitudes changed him into a singular politician, always involved in all main Plate politics concerns and transformation of that time. Therefore, in this work, it has been searched to integrate the main political processes with Rivera's image, together with the power of the Missões Orientais in the political game of the caudilho's life.

Key-words: Meridional America. River Plate Politics. Cisplatine War. Uruguay. Frutuoso Rivera.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. A REGIÃO DA BANDA ORIENTAL E SEUS ANTECEDENTES .....	12
1.1. Missões Orientais .....	12
1.2. Tratado de Madrid .....	14
1.3. Guerra Guaranítica e a expulsão dos Jesuítas .....	15
1.4 A tomada dos Sete Povos das Missões em 1801.....	17
1.5. A Crise do sistema colonial hispânico: Surgimento de novas tendências políticas e interesses econômicos no Prata.....	19
2. RIVERA NA BANDA ORIENTAL ARTIGUISTA.....	30
2.1. Junta de Buenos Aires X Realistas em Montevideú.....	30
2.2. Federalismo de Artigas .....	32
2.3. Invasão luso-brasileira na Banda Oriental: Fim do Protetorado de Artigas .....	39
3. RIVERA: CORONEL DA CISPLATINA .....	53
3.1. A Conquista da Cisplatina .....	53
3.2. A Cisplatina.....	57
3.3. Os <i>Treinta y tres Orientales</i> e a Guerra entre o Império do Brasil e Buenos Aires.....	65
4. RIVERA E AS MISSÕES.....	74
4.1. Conseqüências da adesão ao movimento Revolucionário .....	74
4.2. Frutuoso Rivera X Juan Antonio Lavalleja .....	80
4.3. Fim da Guerra Cisplatina: As Missões .....	81
4.4. A Paz.....	86
4.5 Tendências políticas no Prata após a guerra da Cisplatina .....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	95
FONTES.....	98
REFERÊNCIAS.....	99



## INTRODUÇÃO

A região banhada pelo rio da Prata desde o século XVII foi um território de disputas entre as coroas ibéricas. A criação da Colônia do Santíssimo Sacramento pelos portugueses na região deu início a acirradas disputas pela posse do território. Várias foram as estruturas criadas pelas coroas ibéricas para a legitimação da posse na região. A inserção dos jesuítas e a criação de fortes e portos foram iniciativas criadas pelas duas coroas durante os séculos XVII e XVIII. Tratados de paz e limites foram confeccionados para delimitar o grau de abrangência que uma ou outra coroa tinha como sua fronteira legítima.

As guerras na Europa em que se envolviam Portugal e Espanha movimentavam também as suas colônias, em especial as zonas fronteiriças na América do Sul. O final do século XVIII e início século XIX mostravam que tinha chegado o momento de eclipse das estruturas políticas, tanto com relação às políticas européias – onde o absolutismo estava em decadência –, quanto com relação da política utilizada pelas metrópoles em seus domínios coloniais.

As ondas liberais marcadas pelo movimento iluminista, a independência dos EUA e a revolução francesa marcaram o princípio do fim da dominação colonial Ibérica na América. As políticas expansionistas de Napoleão foram o estopim e deram o início a todas estas novas tendências políticas aglutinadas na região do Prata, marcando o fim das estruturas de dominação e poder tanto de Portugal como da Espanha na América.

As guerras desencadeadas por Napoleão contra a Inglaterra, principalmente pela supremacia na Europa, atingiram em cheio os países então coadjuvantes da batalha. Portugal, aliado secular dos ingleses, e Espanha, então aliada da França, tornaram-se o palco principal das lutas européias no final de 1807. Portugal, por não atender as imposições napoleônicas e Espanha, por ter cedido a entrada do exército francês para a invasão do território lusitano, viram suas coroas ameaçadas. No caso de Portugal, a solução encontrada foi fugir às pressas para o Brasil; já para a Espanha, a coroa foi ameaçada quando aprisionada por Napoleão e trocada por membros da família do imperador francês.

Para Portugal, a colônia americana tornou-se sede da coroa, transformando-se na metrópole, sendo assim, a colônia tornou-se sede político-administrativa portuguesa. No caso espanhol, as colônias ficaram sem metrópole, os vice-reis sem reis, uma vez que a estrutura colonial havia sido demolida pelas guerras napoleônicas.

O Prata foi um território cobiçado tanto por Portugal quanto pela Espanha, e por um breve momento até mesmo pela Inglaterra. Com a criação do vice-reinado do Prata, em 1776<sup>1</sup>, essa região passou a ser a porta de entrada para as regiões ricas em minério de prata do interior da América espanhola, assim como o vice-reinado do Peru, criado em 1542. A região do Prata era grande produtora de couro e possuía extenso território, com dois portos chave para o domínio do comércio e de ligação para o interior. Também era ponto fronteiro e de constantes atritos com a colônia portuguesa na América<sup>2</sup>.

O panorama dessa região começou a ser modificado com a conquista das Missões Orientais por Portugal em 1801<sup>3</sup>, juntamente com as invasões britânicas em Buenos Aires, em 1806, e em Montevideu em 1807<sup>4</sup> e, por fim, com a ruptura do poder colonial espanhol em 1808. Aos poucos estes fatores desencadearam mudanças radicais na política da região, e as águas do Prata não seriam mais as mesmas no século XIX, devido à enorme onda de conflitos. Até o final do século XVIII, disputas políticas tinham como protagonistas principais as coroas ibéricas; com a sua desestruturação, a América colonial ganhou outras tendências políticas locais, e com a região platina não foi diferente das demais regiões coloniais da América espanhola, as forças políticas crioulas se agruparam em torno de líderes locais.

A região platina recebeu, no início do século XIX, de um modo distinto, mas não menos radicais, as ondas revolucionárias que atingiram a Europa nas duas últimas décadas do século XVIII. Este período mostrou que não existiu de forma alguma uma homogeneidade política entre os atores da sociedade colonial platina. A diversidade de tendências existente dentro da sociedade platina nas primeiras décadas do século XIX foi o motor das rápidas mudanças e constantes conflitos belicosos para a hegemonia política da região.

Como teria que agir um político para a obtenção do poder nesta região conflituosa do período pós-invasão francesa dos países ibéricos até a configuração dos estados independentes na região do antigo vice-reinado?

Neste sentido, pretendemos analisar os acontecimentos ocorridos na região da Banda Oriental ligado a trajetória política de José Frutuoso Rivera<sup>5</sup> e sua ascensão ao poder no

---

<sup>1</sup> Criação do Vice-reinado do Prata pelos Bourbons espanhóis em 1776, motivados pela crescente importância do estuário do Prata, para a defesa e escoamento da produção colonial espanhola. Cf. KOSSOK, Manfred. *El Virreinato del Rio de la Plata*. Buenos Aires: La Pléyade, 1972, p. 52-54.

<sup>2</sup> Cf. LEVENE, Ricardo. Vice-Reinado do Rio da Prata. In: *História das Américas*. São Paulo: Jackson, 1965. V.III. p. 392-394.

<sup>3</sup> Conquistada por Borges do Canto. Cf. CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo: Ed. Clio Livros, 2003.

<sup>4</sup> Cf. CAMARGO, Fernando. *Britânicos no Prata: Caminhos da hegemonia*. Passo Fundo: EDIUPF, 1996, p. 63-70.

<sup>5</sup> Frutuoso Rivera (Montevideo Rep. Oriental 1788 – Cerro Largo, 1854). Militar e político Uruguaio, que serviu os exércitos de Buenos Aires, de Artigas e também a coroa portuguesa (1820- 1822), bem como o imperial

Uruguai. Também pretendemos relacionar a importância das Missões Orientais em sua trajetória política, análise que será vinculada com os acontecimentos de maior determinância no processo político da região nas primeiras três décadas do século XIX.

Em primeiro momento, esboçaremos de forma resumida e em linhas gerais a região das Missões Orientais, os principais tratados entre as coroas ibéricas e identificaremos as principais correntes políticas que existiam na região do Prata nos primeiros anos do século XIX até 1828, ano da declaração de paz entre Brasil e Buenos Aires. O reconhecimento das tendências políticas da região nos proporcionará uma maior compreensão do intrincado e complexo panorama político da região e, também, auxiliará em nossa pesquisa sobre as motivações da invasão e posterior retirada de Rivera das Missões Orientais em 1828, e qual a repercussão desta campanha em sua trajetória política. No segundo momento de nossa análise, procuraremos identificar o início da atuação política de Rivera dentro do artiguismo, sua importância para Artigas e como seu prestígio dentro da Banda Oriental, com o passar dos anos, aumentava.

O terceiro capítulo de nosso trabalho destacará a atuação de Rivera na Cisplatina, sua mudança política, as motivações que fizeram aceitar e auxiliar a dominação luso-brasileira em um primeiro momento e brasileira em um segundo. Também sua relação com o movimento de independência da Banda Oriental liderado por Juan Antonio Lavalleja. No quarto capítulo nossa análise chega ao momento da guerra entre as Províncias Unidas do Rio da Prata e o Brasil pela Cisplatina. Procuraremos analisar a conduta política e militar de Rivera dentro da guerra, suas relações com Buenos Aires e Lavalleja, também as motivações que o levaram a fazer a chamada *Campanha das Missões* e como ela foi utilizada para sua vitória política, em 1830, que o levou a primeira presidência do novo país: O Uruguai.

De imediato, temos consciência das dificuldades impostas para nossa análise, pois a região fervilhava não só em conflitos políticos, mas, também, de disputas territoriais, processos de independências coloniais, jogos de interesses econômicos diversos, lutas regionais distintas e outras disputas tanto de cunho político quanto econômico entre os vários setores sociais da região.

A trajetória de Rivera é, sem dúvida, singular, pelo fato de se tratar de um dos mais polêmicos políticos da época. Tal trajetória se mostra importante, pois o levou ao poder de um

---

brasileiro (1822-1825), quando da revolta dos “trinta e três” volta a lutar pela libertação da então Cisplatina do jugo brasileiro. Invade as Missões Orientais em fevereiro de 1828. Cf. FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 2ª ed. rev.ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 530-531.

Estado criado em meio às tensões políticas da época, mesmo com vários inimigos de grande poder e prestígio. Suas relações e estratégias o tornam um político importante.

## 1. A REGIÃO DA BANDA ORIENTAL E SEUS ANTECEDENTES

### 1.1. Missões Orientais

As Missões Orientais foram fundadas em continente americano a partir 1682, pelos padres Inacianos da Companhia de Jesus, sob jurisdição espanhola. No aspecto geopolítico, as Missões estabeleciam “a fronteira entre territórios coloniais”<sup>6</sup>.

A evangelização e a “introdução à civilidade” aos indígenas “infieis” foram os principais objetivos das Missões religiosas na América espanhola. Esta prerrogativa se dava principalmente pelo espírito cruzadista ainda impregnado tanto na Espanha como em Portugal, somente modificando o território da própria península mourisca e, agora, os novos territórios que se descobriam<sup>7</sup>.

Na região sul instalaram-se em reduções na região dos atuais Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, onde começaram a cristianização dos nativos. O grupo nativo que foi mais abrangido pelas missões jesuíticas foi o Guaraní<sup>8</sup>. Os jesuítas encontraram dificuldades em converter os indígenas, e ainda é discutido o grau de conversão.

É discutido entre os autores o grau de conversão dos índios ao Cristianismo, assim como os jesuítas discutiam na época o grau de racionalidade do pensamento indígena, mesmo após decênios de vida nas Missões. Problema de difícil solução mas que poderá explicar o papel desempenhado pelo missionário jesuíta ante seus neófitos. Nos primeiros momentos da ação missionária, os resultados foram mínimos<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> KERN, Arno Alvarez. Ações evangelizadoras e culturais de missionários portugueses e espanhóis no Rio da Prata, nos séculos XVI, XVII e XVIII, em territórios do sul do Brasil. Braga: Congresso Internacional de História – Missionação portuguesa e Encontro de Culturas, 1993. v-2. p.490. In: GOLIN, Tau. *A Fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 48.

<sup>7</sup> Cf. KERN, Arno Alvarez. *Missões: Uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 97.

<sup>8</sup> Índios que habitavam desde a foz do Rio Orinoco até o rio da Prata. Dividiam-se em várias parciaisidades. Os Missionários jesuítas reuniram os guaranis em reduções a partir de 1609, na região de Guairá, PR, e desde 1626, na margem esquerda do rio Uruguai, com a fundação de São Nicolau. Cf. FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 2ª ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 290.

<sup>9</sup> KERN, Arno Alvarez. *Missões: Uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 102.

Esta catequização efetiva na parte meridional da América se deu a partir de 1634, onde fundaram-se as reduções, no lado esquerdo do Rio Uruguai, onde é hoje o Rio Grande do Sul. Com o ataque dos bandeirantes as reduções foram destruídas, com a retirada dos missionários, foram abandonadas grandes quantidades de gado que criavam nas reduções, reserva esta que veio a se tornar a futura base da economia da região nos séculos seguintes.

O gado encontrou enorme quantidade de pastagens e se proliferou (*cimarrón*), vindo a ter enorme valor econômico, pois dele passou-se a extrair o couro que tinha valor comercial no mercado europeu. A partir do final do século XVIII, passou-se a extrair a sua carne, utilizada para a fabricação de charque. Este era vendido para o sudeste brasileiro, bem como para outras colônias da América Central como Cuba, uma vez que era a base da alimentação dos cativos.

Por volta de 1680, com a fundação da Colônia de Sacramento, os interesses da Espanha para salvaguardar a fronteira se intensificam.

Nas palavras de Golin:

O retorno jesuítico-guarani foi motivado pela adoção portuguesa de uma segunda forma de ocupação meridional: o enclave. Quase que instantaneamente à fundação da Colônia do Sacramento, às margens do Rio da Prata, em 1680, pelos portugueses, os missionários, sob jurisdição espanhola, deram início à edificação dos Sete Povos, a partir de São Borja, em 1682, concluindo o processo em Santo Ângelo em 1706. A partir de então, as Missões se convertiam na 'fronteira entre os territórios coloniais'<sup>10</sup>.

Em 1682 começaram a ser fundados os chamados *Sete Povos das Missões Orientais*, com as reduções de São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Luiz Gonzaga, São Lourenço Mártir, São João Baptista e Santo Ângelo Custódio. Foram construídas com intenções de garantir posse do território espanhol e servir de fronteira para o território espanhol e português na América do Sul, já que Portugal demonstrava interesse pela região com a fundação da Colônia de Sacramento.

As Missões desempenharam o papel de fronteira entre as colônias de Portugal e Espanha, demonstrando que sua posição geográfica era de fundamental importância estratégica na geopolítica colonial. Golin chama atenção que:

---

<sup>10</sup> GOLIN, Tau. *A Fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 48.

De 1680 a 1756, a fronteira entre os dois Impérios coloniais, em uma área que corresponde aproximadamente a três quintos do Rio Grande do Sul, esteve representada pelos Sete Povos, povoados e pelas estâncias e ervais missioneiros. Somente após a derrota indígena na Guerra Guaranítica, em 1756, é que a fricção fronteiriça tomou o aspecto de zona entre dois Estados tipicamente coloniais<sup>11</sup>.

Este papel fronteiriço que fazia os Sete Povos se desfez principalmente pelas disposições do Tratado de Madri. As negociações entre as Coroas proporcionaram uma mudança de conotação no papel dos Sete Povos.

## 1.2. Tratado de Madrid

Em 1750 foi assinado entre as duas coroas Ibéricas o Tratado de Madrid. Ficou estabelecido que as Missões Orientais passassem a integrar a colônia portuguesa, em troca da Colônia do Sacramento. Portugal havia fundado Sacramento, dentro de território espanhol, para obter e manter a livre navegação no Rio da Prata.

O Tratado de Madrid revogou o Tratado de Tordesilhas e, com isso, anulou o meridiano que dividia os territórios americanos entre Portugal (leste) e Espanha (oeste). No tratado estabeleceu-se o princípio do *Uti Possidetis*<sup>12</sup> – quem tem a posse tem o direito. O *Uti Possidetis* determinou uma mudança radical na geopolítica da região colonial ibérica e suas implicações também seriam sentidas a longo prazo. Tau Golin aponta que “os Tratados de Madri, de Santo Ildefonso – no período colonial –, assim como os convênios de 1828 e 1851 – durante o Império – pautaram-se em maior ou menor grau pelo princípio do *uti-possidetis*”<sup>13</sup>. Sobre o tratado de Madri, a diplomacia portuguesa procurou acabar com as prerrogativas do Tratado de Tordesilhas, já que havia um reconhecimento por parte de Madri, no que diz respeito ao avanço português sobre a linha de Tordesilhas. Cortesão destaca que

---

<sup>11</sup> GOLIN, 2002, p. 48-49.

<sup>12</sup> Princípio de legitimidade da posse de terra romano, quem a utiliza tem a posse legítima. Cf. HEINSFELD, 2007, p. 48.

<sup>13</sup> GOLIN, 2002, p. 50.

Apesar dos grandes erros que as deformavam, o governo de Madri ficava pela primeira vez inteirado do muito que a expansão mineradora dos portugueses para oeste excedia a linha de Tordesilhas.<sup>14</sup>

O Tratado de Madrid legitimou as conquistas de Portugal no território sul-americano, que através de Alexandre de Gusmão, um hábil diplomata português, houve a adoção do princípio do *uti possidetis*.

O Tratado de Madrid também modificou a estrutura social da região platina: “Finalmente, as atenções convergiram à zona dos Sete Povos das Missões, com ambos concordando com a proposta: Portugal cederia a Colônia do Sacramento, recebendo em troca a região missioneira onde estavam as reduções guarani, organizadas pelos jesuítas”<sup>15</sup>.

Tais modificações transformaram as fronteiras coloniais e modificaram a relação Missões-fronteira. “O tratado procurou definir a diminuição do espaço missioneiro, limitando-o entre os rios Uruguai, Ibicuí e Negro”<sup>16</sup>. A diminuição do espaço missioneiro, aliado a retirada dos guarani-missioneiros de sua terra – ocasionadas pelo Tratado de Madri – tornaram-se os fatores preponderantes para a deflagrar a guerra guaraníca.

Esta troca territorial teve influência nas disputas pela região das Missões no início do século XIX. Entre os Estados de herança cultural espanhola, a República Oriental do Uruguai e as Províncias Unidas do Rio da Prata e, do outro lado da disputa, o Reino de Portugal e o Império do Brasil, a partir de 1822. Os primeiros desconsideravam o Tratado de Madrid e os últimos baseavam-se nele para estabelecer seus argumentos geopolíticos em torno do direito de posse.

### 1.3. Guerra Guaranítica e a expulsão dos Jesuítas

A mudança de posse das Missões desagradou os jesuítas. Pelo Tratado de Madri, eram obrigados a abandonar os Sete Povos, provocando a reação indígena guarani, a Guerra Guaranítica (1753-1756). Os exércitos de Portugal e Espanha uniram-se; foram estabelecidas

---

<sup>14</sup> CORTESÃO, Jaime. Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1956. Parte I, t.2, p.165.

<sup>15</sup> HEINSFELD, Adelar. *Fronteira Brasil/Argentina: A Questão de Palmas – de Alexandre de Gusmão a Rio Branco*. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 40-41.

<sup>16</sup> QUEVEDO, Júlio Ricardo do Santos. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: BOEIRA, Nelson; Golin, Tau (Org). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 126.



duas partidas mistas – portuguesa e espanhola – para delimitar as fronteiras entre as duas coroas, mas

A rebelião indígena suspendeu os trabalhos de suas partidas. Entre os portugueses, apenas Sá e Faria cumpriram as suas missões (1753-1754) durante a Guerra Guaranítica. A resistência guarani ocorreu no início de 1753. Seus cabildos e caciques não aceitaram os artigos do Tratado de Madri que previam a troca da Colônia do Sacramento, pertencente a Portugal, pelos Sete Povos, possessão espanhola. Os índios, como súditos da Espanha, deveriam evacuar suas terras e reduções, retirando-se do contemporâneo Rio Grande do Sul para a margem ocidental do rio Uruguai, hoje território argentino e paraguaio<sup>17</sup>.

Estas disputas territoriais motivaram o aumento do poderio militar português no sul, mas onze anos após o Tratado de Madri, os interesses das Coroas Ibéricas haviam se modificado, e um novo acordo foi costurado. Segundo Southey,

Ambas as Coroas teriam ficado satisfeitas com a anulação. Os portugueses julgaram ganhar no negócio, reputando à Colônia do Sacramento muito maior importância para seus interesses do que qualquer alargamento de território a oeste da linha demarcada pelo Tratado de Tordesilhas. Os espanhóis, por sua vez, ficavam satisfeitos, pois nunca haviam se convencido de que na negociação daquele tratado não tiveram os portugueses sido favorecidos pela predileção nacional da rainha Maria Bárbara, portuguesa de nascimento<sup>18</sup>.

Mas o Tratado de El Pardo teve uma curta vigência. Dois anos após a sua assinatura, as hostilidades entre as duas Coroas voltaram; tropas espanholas invadiram o território ocupado, pelos lusos, os hispano-americanos apoderaram-se dos Fortes de Santa Tereza, da Vila de Rio Grande e de São José do Norte. Somente foram rechaçados pelas milícias lusitanas em 1776<sup>19</sup>. Então Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Santo Ildefonso, tendo como objetivo a resolução dos problemas limítrofes do sul da América. Por este Tratado, criavam-se os “campos neutrais”, faixa de terra sobre a qual nenhum dos dois impérios, em permanente litígio, teria jurisdição.

---

<sup>17</sup> GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: EDIUPF, Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 1998, p. 29.

<sup>18</sup> SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1984; Brasília: INL, 1977, v.III, p. 276-277.

<sup>19</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). *Anais da Província de São Pedro*. Série Documenta 11. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 88-104.

Com o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, as negociações entre as duas Coroas voltaram a tratar dos limites coloniais na América do Sul. Desta vez, ficaram estabelecidos que a Espanha ficava com a Colônia do Sacramento, os Sete Povos da Missões recuando a fronteira portuguesa até o rio Piratini.

Com o tratado de Santo Ildefonso a Espanha adquiriu o domínio territorial do Prata e, também, fez com que Portugal retrocedesse em suas ambições territoriais na região. No que diz respeito à região das Missões, o governo passou a ser exercido por administradores laicos espanhóis. Pode-se ressaltar que os problemas surgidos com esta nova gestão agravaram a insatisfação de muitos índios e corroboram na sua aliança com os luso-brasileiros, em 1801<sup>20</sup>.

Mas os limites não serão respeitados por ambos os lados. Muitos luso-brasileiros, como hispano-americanos invadiram os campos neutrais em busca de gado. Com a guerra das Laranjas entre as duas Coroas Ibéricas acontecendo na Europa, em 1801. Houve a ocorrência de uma nova motivação para que as fronteiras ao sul da América sofressem mudanças, e as Missões Orientais mudassem de lado mais uma vez, passando agora a integrar o território português.

#### **1.4 A tomada dos Sete Povos das Missões em 1801**

A revolução francesa desencadeou uma onda liberal que balançou com as estruturas dos reis absolutistas da Europa, colocando em xeque o Antigo Regime. Mesmo antes de Bonaparte alçar-se ao poder absoluto na França, o continente europeu já se debatia em conflitos de cunho político e militar. Um exemplo que podemos citar desses confrontos foi a Guerra das Laranjas<sup>21</sup>, entre Portugal e Espanha, em 1801. Este movimento era uma premissa do que aconteceriam alguns anos mais tarde com as incursões napoleônicas. Na América, em 1801, as guerras européias já manifestariam suas implicações.

Em 1801, Portugal, aliado secular inglês, e Espanha, naquele momento sofrendo forte influência da política francesa e com a Inglaterra arquiinimiga da França, a Espanha foi utilizada para iniciar um conflito com Portugal. Em 20 de fevereiro de 1801, a Espanha declarou guerra a Portugal. Iniciou-se a chamada Guerra das Laranjas, que foi encerrada pelo

---

<sup>20</sup> Cf. CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo, Ed. Clio Livros, 2001, p. 109-121.

<sup>21</sup> Cf. CAMARGO, 2001, p. 45.

tratado de Badajós. Esta guerra teve poucas ações em território europeu, mas alterou as fronteiras geopolíticas, no território platino.

Na região do Prata, durante o período colonial, ocorreu mais intenso contato entre as colônias de Portugal e Espanha, através de relações lícitas ou ilícitas. Para Fernando Camargo, não foi surpreendente que, “na região platina, justamente, fossem ocorrer os acontecimentos mais significativos com relação à Guerra das Laranjas e os fenômenos europeus do início do século XIX”<sup>22</sup>.

Inversamente, na região do Prata quem iniciou as hostilidades foi o lado português. Formou-se “um grupo de luso-brasileiros que vivia a margem do esquema oficial da colônia portuguesa e se propôs, voluntariamente a fazer frente aos espanhóis”. “Seu suposto líder era José Borges do Canto”<sup>23</sup>. O mesmo atacou e conquistou as mal guarnecidas posições espanholas. Com a ajuda de guaranis missionários descontentes com a administração da região pela Coroa espanhola, Borges do Canto invadiu as Missões com ajuda de alguns índios missionários, conseguiu que as Missões fossem se desligando do poder espanhol e incorporando-se ao domínio lusitano.

As Missões foram conquistadas por Borges do Canto e anexadas por Portugal. Mesmo com o fim da guerra e a assinatura do tratado de Badajoz, o território não foi devolvido à Espanha. E a diplomacia espanhola esbarrava no jogo diplomático português de “deixar para depois” a resolução do problema das Missões. O diplomata espanhol queixa-se para o seu governo a forma que esta sendo tratado.

Em correspondência interna com seu governo, em Madri, o representante espanhol em Portugal precisou fazer um desabafo. Na verdade, já não sabia mais o que fazer para escapar da imensa teia de confusões, obstáculos e vai-e-vens na qual os portugueses o haviam enredado. Apesar de sua afirmação de permanecer pressionando e esse era o seu ofício, já não parecia tão entusiasmado com a possibilidade de um resultado feliz para aquela missão. Era 19 de fevereiro de 1804 e fazia mais de um ano que as Missões haviam sido tomadas<sup>24</sup>.

Se olharmos sob a ótica de tratados entre Portugal e Espanha, a disputa pelo território das Missões passava por duas posições antagônicas em relação a sua posse de direito, no que

<sup>22</sup> Ibid., p.12-13.

<sup>23</sup> Cf. GARCIA, Elisa Frühauf. *A “conquista” dos Sete Povos das Missões: de “ato heróico” dos luso-brasileiro campanha negociada com os índios*. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/EFGarcia.pdf>>. Acesso em: 22 Out. 2008.

<sup>24</sup> CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo, Ed. Clio Livros, 2001, p. 164-165.

diz respeito aos tratados anteriores. Tanto Portugal como Espanha procuravam argumentar utilizando fragmentos ou cláusulas dos documentos anteriores à contenda.

Golin aponta que

O imenso debate que se seguiu sobre o sul consagrou duas posições: A espanhola, com os sucedâneos das representações posteriores do Prata, com a visão de que o Tratado de Badajoz tinha como princípio fazer retornar tudo ao *status quo ante bellum*, com exceção de situações especificamente nominadas, ou seja, o que voltara a vigorar era as prerrogativas dos tratados de 1777 e 1778; para os luso-brasileiros, a agressão espanhola de 1801 deixara rotos os tratados do Pardo, de 1761, e de Santo Ildefonso<sup>25</sup>.

Apesar da disputa diplomática entre as duas Coroas, as Missões ficaram sob o domínio português e anexado ao território da então Província de São Pedro em 1801.

As Missões Orientais seriam novamente campo de disputas e reivindicações de inúmeras tendências políticas e ideológicas, principalmente durante o período Artiguista (com Andresito) e, em 1828, com Rivera.

### **1.5. A Crise do sistema colonial hispânico: Surgimento de novas tendências políticas e interesses econômicos no Prata.**

Em 1807 o exército napoleônico, com o pretexto de invadir Portugal – que não estava cumprindo o tratado de Fontainebleu, invadiu a Espanha e fez com que o rei Carlos IV abdicasse ao trono em favor de Fernando VII, seu filho. Napoleão “convidou” a família real para visitar a França, aprisionando-a em Baionne. Napoleão fez com que todos os membros da família real espanhola que estavam presos em Baionne abdicassem em seu favor. Logo após a abdição, o próprio Napoleão cedeu o trono em favor de seu irmão como novo rei da Espanha e José Bonaparte subiu ao trono como José I.

Grande parte da população espanhola não reconheceu José I como novo rei da Espanha. Iniciou uma guerra contra a França pela liberdade da Espanha e pela volta de Fernando VII. Instalou-se uma espécie de Junta Central e, posteriormente, a Junta de Cádiz, que ficaram responsáveis pela administração do reino enquanto Fernando VII não regressasse.

---

<sup>27</sup> GOLIN, 2002, p. 230.

Nas colônias espanholas da América, os vice-reinados começaram, primeiramente, a se sublevar contra o rei francês – José I – e depois contra o domínio metropolitano – Juntas.

A partir de abril de 1810, eram formadas em importantes centros administrativos da América – Caracas, Buenos Aires, Bogotá, Santiago e Quito – Juntas de governo independentes que, cada qual à sua maneira, pretendiam governar provisoriamente em nome do monarca espanhol Fernando VII, impedido na Europa de exercer seu poder. Manipulando o princípio político de que ‘se o rei desaparece, o poder volta à sua primeira fonte, o povo’<sup>26</sup>.

O Vice-reinado do Prata, criado em 1776 – que compreendia as Missões Orientais, os territórios do Uruguai, Argentina, Paraguai e parte do Peru – tinha sua capital em Buenos Aires. No dia 25 de maio de 1810, o Vice-reinado declarou que não respeitaria mais a ordens metropolitanas, como fica expresso nesta passagem:

Al tomar el poder, el 25 de mayo de 1810, como se dijo, los hombres de la junta eran una clara representación de las dobles tradiciones institucionales y mercantiles vigentes desde el último cuarto del siglo XVIII; el jerárquico régimen borbónico de las Intendencias y la pragmática de libre comercio. Por el primero, la capital virreinal y su jurisdicción habían pasado a constituirse en la llamada ‘Provincia – metrópoli’<sup>27</sup>.

A chamada Junta de Maio fez com que o vice-rei Cisneros abdicasse. Montevidéu, agora, era juntadamente com o Alto Peru os últimos redutos que estava sob domínio dos regentistas. As lutas políticas entre os portos de Buenos Aires e Montevidéu se fizeram presente até mesmo naquela hora tão tensa. As guerras napoleônicas, com o avanço pela península ibérica, começaram a repercutir no Prata com maior intensidade a partir de 1810.

Caída de Gerona en mano de las tropas francesas, que cercada durante ocho meses el pueblo mantuvo una heroica resistencia. Cisneros resuelve reducir el mando militar

---

<sup>26</sup> SLEMIAN, Andréa; PIMENTA, João Paulo G. *O “nascimento político” do Brasil: As origens dos Estados e da Nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.22.

<sup>27</sup> ABADIE, Washington R.; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés. *Crónica General del Uruguay*. La Emancipación. Vol.III. 2ª Ed. Montevideo: Ed: Banda Oriental, 1999, p. 103.

de Elío y le confía sólo el de las tropas de Montevideo. Después será destituído por la Junta Central<sup>28</sup>.

A junta bonaerense almejava que as demais províncias do antigo vice-reinado se mantivessem unidas e gravitando em torno da política portenha. Esta política ficou conhecida como Centralismo. A elite política de Buenos Aires, representada pela Junta Governativa, queria centralizar o poder em suas mãos, com o objetivo principal de fazer com que as demais províncias do então cambaleante Vice-Reinado dependesse política e economicamente do porto e cidade de Buenos Aires. A Província do Paraguai não aceitou sequer participar do Cabildo Aberto, através do Dr. Gaspar Francia – popular líder político da província –, fazendo sua independência isolada das demais províncias.

O sul do Peru tinha uma grande presença de forças espanholas alojadas na região. Na Banda Oriental, por sua vez, tinham os caudilhos locais<sup>29</sup> que não aceitavam o movimento de independência, “centralista” por parte dos políticos de Buenos Aires. O caudilhismo, aqui é tomado como fenômeno político do século XIX, onde “os interesses locais e a ausência de um poder repressor por parte de um Estado centralizado prevaleceram”<sup>30</sup>. Estes caudilhos de grande prestígio e poder entre a população, principalmente da região platina, não aceitaram o centralismo portenho. Na distensão entre as províncias, os caudilhos desejavam que fosse implantado o federalismo<sup>31</sup>.

Os movimentos políticos se intensificaram na região platina a partir de 1810. Os diversos interesses entraram em conflito. A região apresentava um histórico de conflitos entre as coroas ibéricas:

O espaço americano situado entre os impérios espanhol e português, na bacia do Prata, adquiriu uma importância política que não se havia apresentado no continente.

---

<sup>28</sup> RELA, Walter. *Cronología Histórica Documentada*. Parte I. 1527-1810. Banda de los Charruas-Colonización española. New York: 2000, p. 343.

<sup>29</sup> Do espanhol *caudillo*, cabeça de um grupo político, chefe. Na região platina os caudilhos eram os chefes políticos que assumiam o governo pela força e às vezes pelo voto, exercendo-o ditatorialmente. Quando na oposição, comandavam forças revolucionárias para depor o governo. No Brasil o termo é empregado pejorativamente, no sentido de que o político pretende se apossar do governo por um golpe de força para instalar um governo autoritário. Cf. FLORES, 2001, p.147.

<sup>30</sup> PINTO, Julio Pimentel. *O Caudilhismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense AS, 1990, p. 38.

<sup>31</sup> Do latim *foedus*: Pacto, união. Doutrina política que elabora a estrutura nacional caracterizada pela autonomia das unidades provinciais ou estaduais, integradas pela soberania da União. Inspirados na Federação da Suíça e na dos Estados Unidos da América do Norte. Cf. FLORES, 2001, op.cit., p. 242. O federalismo no Prata foi uma reivindicação das províncias interioranas, contra o Centralismo de Buenos Aires, baseado no federalismo dos EUA, também foi uma das principais bandeiras de Artigas.

Ali encontraram as duas formas de expansionismo colonial e ibérico confrontando-se pelo domínio econômico da região e o submetimento político de seus habitantes<sup>32</sup>.

Com os processos de independência conclamados por Buenos Aires, os caudilhos de diferentes ideologias políticas, vários setores comerciais, principalmente de países diversos, juntas governativas, expansionismo português, carlotismo, realistas espanhóis e mais um grande número de interesses econômicos e políticos formaram o ambiente da Banda Oriental, principalmente no início do século XIX.

Dentre estes interesses, podemos destacar os interesses comerciais ingleses. A Inglaterra, como país mais industrializado do mundo no início do século XIX, queria expandir seus negócios além da Europa e da Ásia, e o colonialismo monopolista na América – já que sua colônia americana (EUA) se tornara independente –, não vinha ao encontro de seus interesses comerciais. O seu interesse pelo Prata tornou-se evidente quando, aproveitando-se de estar em guerra com a França napoleônica, em 1806, viu o melhor momento para a invasão dos portos de Buenos Aires e Montevideú<sup>33</sup>.

Não atingindo êxito nas invasões militares, a Inglaterra resolveu atacar com a diplomacia, já que sua influência era muito grande em qualquer questão, devido a sua supremacia econômica e, também, militar nos oceanos<sup>34</sup>. A rainha dos mares, como ficou conhecida, teve papel decisivo em várias decisões importantes, como o fim da guerra Cisplatina e a formação da República independente do Uruguai, em 1828, onde a potência atuou como mediadora. A Inglaterra estava servida de grandes e hábeis diplomatas como o Lord Strangford e Lord Ponsonby.

Sua linha básica de política para a América era a manutenção da paz e, se fossem asseguradas as conquistas de independências das regiões americanas, tal situação favoreceria o comércio entre os novos países americanos e a Inglaterra. “No obstante, por esta época los británicos habían desarrollado una serie de intereses creados en el comercio con la América latina y no estaban dispuestos a permitir que España interviniese en el hemisferio occidental para recuperar el terreno perdido”<sup>35</sup>.

<sup>32</sup> PEREZ, O. Eduardo. *Guerra Irregular en la America Meridional S.S. XVIII-XIX*: Ensayo de Historia Social Comparada con España y La Nueva Granada. Tunja, Colombia: UPTC, 1994, p. 109.

<sup>33</sup> Cf. CAMARGO, Fernando. *Britânicos no Prata*: Caminhos da hegemonia. Série Ciência-História. Passo Fundo: Ediupf, 1996, p. 61-70.

<sup>34</sup> Depois de vencer as armadas espanholas e francesas, em 1805, na Batalha de Trafalgar, a Inglaterra tornou-se a maior potência naval em todo o século XIX e início do século XX.

<sup>35</sup> LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart B. *América Latina en la Edad Moderna*: Una historia de la América Española y el Brasil coloniales. Tradução: J.G. Péres Martín. Madri – Espanha: Akal S.A, 1992, p. 382.

A Inglaterra agia no Prata diferentemente de como agia na Europa. Na Europa, estava ao lado da Espanha, de Fernando VII, também ao lado da Santa Aliança e, em 1815, no Congresso de Viena, estava ao lado da restauração das antigas monarquias, agindo de forma a passar uma “borracha” na revolução francesa e no período napoleônico. Suas linhas de ações entraram em conflito. Neto aponta que

A política de neutralidade e de quase isolamento da Grã-Bretanha em ações após as guerras napoleônicas tinha, em grande medida, mas não exclusivamente, a preocupação com suas próprias questões internas, não se envolvendo, pública e declaradamente, em nenhum confronto europeu que poderia, como seus homens de governo bem o sabiam, acabar com o equilíbrio de poder continental, dificultar a expansão imperial e, em consequência, colocar em questão o prestígio internacional da Grã-Bretanha. A paz parecia ser o melhor negócio<sup>36</sup>.

Embora o autor aponte essa política de neutralidade na América, a Inglaterra defendia o fim do colonialismo, agindo de forma liberal. No velho continente agia de modo conservador, estabelecendo uma volta ao século XVIII. Na Europa, queria assegurar que a França ou qualquer outro país ficasse impossibilitado de formar mais um “Napoleão” e na América queria assegurar seus novos mercados comerciais.

França, a região do Prata, bem como todas as colônias espanholas, eram de grande importância, pois, em 1807, com a invasão francesa na Espanha, a coroa espanhola dos borbons foi destituída, mas o reconhecimento em favor de José Bonaparte, que subiu ao trono espanhol como José I, não aconteceu na América espanhola.

Em maio de 1808, Napoleão forçou a abdicação dos Bourbons na Espanha para colocar no trono o irmão José Bonaparte. Rompeu-se, em consequência, o elo entre a Metrópole e as Índias. Napoleão tentou obter o apoio das colônias para José Bonaparte, mas Caracas, México, Bogotá e Buenos Aires se recusaram a reconhecer o usurpador e proclamaram a fidelidade à Junta de Sevilha, representante da dinastia caída<sup>37</sup>.

---

<sup>38</sup> NETO, Hugo Carlos Arend. *Império e Ideologia: neutralidade e equilíbrio de poder na sucessão portuguesa (1826-1834)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, p. 81.

<sup>37</sup> LOPEZ, 1986, p. 73.



O novo monarca espanhol tentou o reconhecimento de seus súditos tanto na Espanha como nas colônias americanas até 1813, sem sucesso, por isso outras opções políticas eram cogitadas pela elite colonial espanhola.

Mesmo com a coroa borbônica estando “quase” totalmente cativa de Napoleão, grande parte da aristocracia espanhola, através da Junta Central (Sevilha), e posterior Junta de Cádiz, exerceu, em um primeiro momento, o posto de governancia máxima das colônias, sendo que esta fidelidade aos representantes da dinastia bourbonica manteve-se no Prata até 1810.

No Prata, a manutenção dos elos coloniais com a Espanha repercutiam na elite colonial, que lucrava com o monopólio comercial espanhol. Aliando-se a isso havia, ainda, as tropas que continuavam fiéis à Espanha e, pró-Fernando VII, que estavam instaladas na América.

Este segmento político reagiu contra os movimentos de independências ocorridos em Buenos Aires, no Paraguai, na Banda Oriental e também nas demais regiões da América espanhola. Tal resistência fazia com que o perigo de uma reação metropolitana pairasse sobre todas as juntas revolucionárias. Para a manutenção de resistência espanhola foram desenvolvidas alianças entre diversos interesses políticos, nos mais diversos tempos do período relacionado.

Estas alianças dependiam de vários fatores e jogos de interesses. Como exemplo, podemos citar a “ajuda” da corte portuguesa, em 1811, para os realistas de Montevideú e a “ajuda” dos centralistas portenhos para os federalistas da Banda Oriental no cerco a Montevideú entre outras ocasiões.

Montevideú, em 1811, foi um dos maiores redutos dos chamados *realistas*. Em seu porto estava concentrada grande parte da força militar que se mantinha fiel à coroa espanhola, momentaneamente representada pela Junta de Sevilha e, depois, pela Junta de Cádiz, bem como o interesse realista, que, conseqüentemente, defendia a manutenção do pacto colonial espanhol.

A volta de Fernando VII ao poder na Espanha e sua tentativa de reimplantação do absolutismo, juntamente com a volta do monopólio comercial metropolitano, desagradavam inúmeros interesses na América. O livre comércio que surgiu com a liberdade colonial durante os anos de afastamento do poder metropolitano por parte da monarquia espanhola deixou raízes profundas e irreversíveis.

A volta de Fernando VII ao trono era aguardada tanto pelos espanhóis da metrópole quanto pela elite da América espanhola, que viam o infante com uma aura de herói salvador que enfrentara muitos obstáculos. Nas palavras de Queralt:

Si em algún momento Fernando consiguió ese afecto que tanto buscaba fui graças al mito que el pueblo creó em torno a su persona: hijo traicionado por una madre disoluta en favor de un amante ambicioso, viudo precoz, prisionero Del Enemigo por antonomasia em valençay... Una combinación cuyo resultado seria un héroe legendario, a medio camino entre la tragedia griega y la historiografía romántica, que conmovió el corazón popular y se hizo próximo y entrañable<sup>38</sup>.

As tendências absolutistas do monarca e sua aura de herói foram se esfacelando aos poucos. Os *realistas* foram perdendo terreno para os revolucionários e, progressivamente, seus baluartes foram caindo nas colônias espanholas na América. As antigas fronteiras ao sul, deixadas pelos colonizadores, teriam muitos capítulos a serem escritos. Várias regiões da América espanhola encontravam-se em plena ebulição de ideais e divergências políticas na década de 1810.

A coroa portuguesa tinha interesse na região do Prata desde a fundação da colônia do Sacramento, em 1680. Com a instalação da corte no Brasil, aliada com a desestruturação colonial espanhola, foi reacendido o antigo sonho luso de ter como limite territorial até o Rio da Prata. Com a conquista das Missões, em 1801, um grande número de militares estava instalado em Rio Pardo. Os regentistas de Montevideú, vendo-se cercados pelas tropas de Artigas em conjunto com Buenos Aires, em 1811, pediram ajuda à Coroa portuguesa, que viu como momento oportuno adentrar na Banda Oriental, com o aval dos regentistas de Montevideú e, também, para atender ao príncipe regente João VI, que temia que a onda revolucionária se expandisse para o território brasileiro.

Foi mandada em socorro dos regentistas uma coluna comandada por D. Diogo de Souza( apodado o “Verruga”) , em 1811, que, depois de desobstruir o cerco artiguista, voltou a Rio Pardo. Já em 1816, com o intuito de acabar com o artiguismo<sup>39</sup>, foi enviada uma nova expedição, sob o comando de Lecor, que conquistou a Banda Oriental, entrou em Montevideú

---

<sup>38</sup> QUERALT, Maria Pilar. *La Vida Y La Época de Fernando VII*. Barcelona: Editora Planeta, 1999, p. 12.

<sup>39</sup> Cf. COMIRAN, Fernando. *Os cenários políticos da intervenção portuguesa na Banda Oriental do Uruguai (1811 e 1817)*. Dissertação de mestrado. UNESP: Assis, 2008.

e anexou a região ao império português, sendo que a Banda Oriental passou a ser chamada de província Cisplatina.

Entre os anos de 1808 a 1812, a Espanha viu-se sem um monarca reconhecido de fato. Com a invasão francesa na Espanha, Napoleão forçou toda a casa real dos Bourbons a abdicar, menos a infanta Carlota Joaquina, casada com o príncipe João VI de Portugal, e seu primo/sobrinho Pedro Carlos, que fora criado na corte lusitana. Carlota, irmã de Fernando VII, e seu primo foram os únicos que conseguiram escapar de Napoleão.

Sabendo que a maioria dos espanhóis, tanto os metropolitanos quanto os coloniais americanos, não reconheceram José I como rei, Carlota postulou assumir como regente da coroa espanhola na América. Não podendo ir à Espanha, já que a mesma encontrava-se em guerra contra o exército invasor francês, através da ajuda de alguns diplomatas ingleses e de alguns hispano-americanos, Carlota tentou tornar-se a rainha da América espanhola. Como assinala Comiran, nesta passagem:

A princesa Carlota, desejosa de alcançar o poder e motivada ainda mais pelas circunstâncias em que a política européia e sul-americana apresentavam, partiu em busca de apoios para a sua causa. Assim, remeteu ofícios aos vice-reis em Buenos Aires, Lima, México. Manteve contato com a Junta Central na Espanha, generais espanhóis e lideranças políticas de relevância na península hispânica, casos de Eusébio de Bardaxi, do conde Floridablanca, D. Pedro Rivero, entre outros<sup>40</sup>.

Carlota empreendeu um grande esforço para a sua causa. A sua rede de contatos políticos era extensa, com respaldo de muitas tendências políticas, principalmente as anti-republicanas que estavam preocupadas com a possibilidade da crise política acabar com a ascensão de um regime revolucionário no interior das colônias espanholas.

Nos escritos do Visconde de São Leopoldo, embora tendencioso e apologético aos interesses brasileiros, havia relações entre a princesa e políticos ligados ao Prata que queriam a coroação de D. Carlota Joaquina. Parte da junta governativa bonaerense, principalmente os centralistas ligados a loja maçônica Lautaro, não viam com bons olhos o reconhecimento de Carlota como rainha. No trecho abaixo, Leopoldo mostra o interesse do vice-rei Liniers em coroar Carlota como rainha:

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 69-70.

Em um dos periódicos daquele tempo, impresso em Buenos Aires, apareceu transcrito uma carta do mencionado governador Liniers a S.A.R a princesa D. Carlota Joaquina, datada de 13 de setembro de 1808; em que se queixa agramente de certas propostas, que lhe havia feito aquele oficial, etc. A posteridade juiz frio e imparcial, decidira do caráter e da pureza de intenções daquele governador, que depois de rápidas vicissitudes, em fins de 1810, acaba por ser fuzilado por ordem da Junta Provisional Governativa de Buenos Aires<sup>41</sup>.

Em um primeiro momento seu objetivo se tornava viável, pois havia uma aceitação por parte da elite crioula. Mas seu marido, o príncipe regente de Portugal, não via com bons olhos sua subida ao trono espanhol. Esta visão era compartilhada também por parte da diplomacia inglesa. João VI, também através da diplomacia inglesa, tratou de dissolver as chances de Carlota Joaquina.

Ao tomar conhecimento do crescimento do número de partidários de Carlota no Rio da Prata e dos chamados feitos para que a princesa se dirigisse a Buenos Aires, o ministro português D. Rodrigo e o embaixador britânico Lord Strangford, opositores dos planos da princesa, convenceram o príncipe D. João VI a delatar o almirante Sidney Smith à corte britânica<sup>42</sup>.

Sidney Smith era o braço direito de Carlota Joaquina. Ele foi acusado pelo príncipe regente D. João VI de interferir nos assuntos internos do reino. Com isso, D. João puxou um dos fios mais importantes na rede de relações políticas de sua esposa.

A importância que se dá aos interesses políticos da princesa Carlota diz respeito a influência e adesões de alguns líderes políticos que tornaram seus partidários, formando, assim, mais uma tendência política na região platina.

A cidade de Buenos Aires era, desde 1776, a capital do vice-reinado do Prata e tinha o mais importante porto da região platina. Em Buenos Aires se concentrava os mais importantes órgãos administrativos espanhóis no vice-reinado. Com o enfraquecimento do poder metropolitano, devido as invasões napoleônicas, a elite de Buenos Aires teve o momento oportuno para romper com o domínio colonial espanhol. Em 25 de maio de 1810, destituiu o vice-rei Cisneros e declarou o Cabildo Aberto, medida que acabava com o domínio metropolitano espanhol. Os bonaerenses formaram uma junta governativa, com o objetivo de exercer o poder sobre o vice-reinado.

---

<sup>41</sup> PINHEIRO, 1982, p.166.

<sup>42</sup> COMIRAN, 2008, p.79.

Este poder era centralizador, pois as demais províncias do antigo vice-reinado estariam sob seu jugo. Muitas províncias, como a do Paraguai e, mais tarde, as da Banda Oriental, não aceitariam o centralismo de Buenos Aires, exigindo que fosse adotado um sistema federalista com maior autonomia provincial. O federalismo prejudicava os interesses bonaerenses e, também, foi motivo de disputas e cisões partidárias em todo o território do antigo vice-reinado.

Durante os anos de 1810-1820, Buenos Aires lutava contra os realistas espanhóis e contra os federalistas – principalmente Artigas, depois de 1813. O centralismo era defendido por Buenos Aires, pois, com ele passaria pelo seu porto todo o comércio platino, aumentando enormemente o tanto o poder político quanto econômico dos portenhos.

Embora nem todas as províncias interioranas do Rio da Prata fossem a favor do federalismo e algumas mantiveram o seu vínculo com Buenos Aires, algumas aderiam à causa artiguista, contrárias ao centralismo bonaerense.

Com a declaração de 25 de maio de 1810, em Buenos Aires, as demais províncias do Prata viram que o sistema monopolista colonial se rompera, pois a Espanha encontrava-se sem condições de continuar com a manutenção do monopólio colonial. Durante praticamente todo o período colonial, para não se submeter ao monopólio, as províncias praticavam o contrabando, tanto interprovinciais como com os portugueses e navios estrangeiros que se aventuravam no estuário do Prata.

Com a crise do sistema colonial as regiões se viram livres das imposições monopolistas metropolitanas e, assim, puderam praticar o livre comércio, agora sem o controle da metrópole espanhola. Entretanto, muitas províncias viram que seus interesses estavam ameaçados com o centralismo de Buenos Aires. Embasadas em ideais da revolução francesa e no federalismo estadunidense, a maioria das províncias manteve-se contrária ao centralismo de Buenos Aires, causando, com isso, uma grande divisão ideológica sob o sistema político a ser adotado no Prata.

Enquanto Buenos Aires levantava a bandeira do centralismo, as províncias interioranas almejavam o federalismo. Esta disputa se intensificou com o artiguismo a partir de 1813 na Banda Oriental. As diferenças ideológicas entre federalistas e centralistas enfraqueciam e fragmentavam tanto Buenos Aires quanto as províncias interioranas, deixando espaço para uma reação de realistas e para uma invasão portuguesa, como a que veio ocorrer em 1816, com a invasão e a conquista da Banda Oriental.

O fato de que Artigas reclamava a devolução das Missões Orientais, a qual julgava pertencer Províncias Unidas do Prata. Além de se confrontar com os interesses centralistas

portenhos, Artigas passou a ser uma ameaça com o império lusitano. O federalismo artiguista tinha três inimigos: o centralismo portenho, o império lusitano e os realistas espanhóis.

No ano de 1811, o artiguismo se torna uma das tendências políticas aglutinantes na Banda Oriental, dando início à trajetória de Frutuoso Rivera. Assim começou a sua atividade político-militar dentro do artiguismo: “Hijo del poderoso hacendado Pablo Parafán de la Rivera, y hacendado él mismo, Rivera se incorporó tempranamente a las filas artiguistas, en las que hizo una brillante carrera que lo llevaría convertirse en uno de los caudillos fundamentales”<sup>43</sup>.

Rivera lutou a favor do artiguismo desde seu nascimento, muitos e poderosos eram adversários do artiguismo. A Banda Oriental, logo após a declaração de independência de Buenos Aires, teve um papel fundamental no intrincado jogo político platino. Em Montevideu estavam aquartelados os realistas; na campanha, os federalistas, contrários ao centralismo portenho. Os vizinhos luso-brasileiros voltavam seus olhos para a Banda Oriental. Desde o início de sua trajetória política, Rivera teve inúmeros adversários e a Banda Oriental e as Missões foram os palcos para os confrontos políticos e militares mais importantes para a resolução dos diversos interesses políticos que nasceram com os processos de independências platinas.

A análise da trajetória de Rivera, dos anos de 1811 até a sua incorporação ao exército luso-brasileiro, será o objetivo de próximo capítulo. A sua participação nas forças artiguistas, as batalhas travadas contra Buenos Aires e contra os invasores luso-brasileiros serão analisados.

---

<sup>43</sup> ALONSO ELOY, Rosa; SALA DE TOURON, Lucia; LA TORRE, Nelson; RODRIGUEZ, Julio Carlos. *La Oligarquía Oriental en la Cisplatina*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1970, p. 226.

## 2. RIVERA NA BANDA ORIENTAL ARTIGUISTA

### 2.1. Junta de Buenos Aires X Realistas em Montevidéu

Durante os anos 1810 e 1811, Rivera, juntamente com a maioria dos Orientais, estava envolvido com as disputas de legitimidade política entre os *juntistas* de Buenos Aires e os *regentistas* de Montevidéu. Em um primeiro momento, os vários caudilhos da Banda Oriental, principalmente os interioranos, estavam confusos no que diz respeito ao poder da junta bonaerense ou da regência.

Artigas, Rivera e outros caudilhos ainda não tinham plena consciência do objetivo da Junta de Buenos Aires. Naquele momento não se cogitava, nem na Banda Oriental e nem em Buenos Aires, a independência das Províncias Unidas do Prata. Os provincianos de Montevidéu esperavam que, com a normalização do poder real, os mesmos conseguiriam galgar alguns postos no governo do vice-reino, agora instalado em Montevidéu. E o porto ganharia maior prestígio em relação a Buenos Aires, que encontrava-se rebelde ao poder metropolitano.

Entre as forças políticas, naquele momento, não havia grandes aspirações pró-independência, nem mesmo o autonomismo político-administrativo contundente entre a elite política do Prata. A Junta de 25 de Maio de 1810 não reconhecia a regência, mas caso Fernando VII retomasse o trono, certamente todos os seus membros jurariam fidelidade ao monarca espanhol. O fator de desenlace de novas tendências e mudanças nas concepções políticas, tanto na elite política de Buenos Aires quanto na de Montevidéu foi, sem dúvida, o tempo e as transformações econômicas que o afrouxamento dos laços coloniais trouxe para a região.

Rivera, que era oriundo da Banda Oriental, foi um dos principais militares no quadro das forças de Artigas. De 1811 a 1819, Rivera lutou em nome do federalismo artiguista e, sob o comando de Artigas, esteve presente nas lutas contra o unitarismo de Buenos Aires e contra forças luso-brasileiras. Como caudilho de prestígio na Banda Oriental, era de fundamental importância para Artigas.

Em 1811, no chamado *grito de Asencio*, as províncias interioranas perceberam que era melhor apoiar a Junta de Buenos Aires do que se manter fiel à metrópole, pois entenderam que a mudança administrativa de Buenos Aires lhe proporcionaria uma maior liberdade

econômica e administrativa, determinando, com isso, o rompimento com Montevidéu. O rompimento de Rivera com o “regentismo montevideano” está expresso nesta passagem: “Entre los ríos Yi y Negro, alzaron el pendón revolucionario Félix y Fructuoso Rivera, hijos del prestigioso hacendado Pablo Hilarión Perafán de la Rivera”<sup>44</sup>.

Partindo do momento do rompimento com Montevidéu, o prestígio de Artigas aumentou cada vez mais entre a elite Oriental. Logo, a maioria da Banda Oriental estava sob seu domínio, que abrangia o interior da Banda Oriental até os muros da fortaleza da cidade porto de Montevidéu. Dos anos 1811 a 1813, Artigas se manteve ao lado de Buenos Aires e, conseqüentemente, Rivera estava ao lado de Artigas. Este contato com o caudilho marcara profundamente o pensamento político de Rivera. No ano de 1812, Artigas promoveu a primeira invasão das Missões, sob o comando de seu filho adotivo, Andresito Artigas. Sendo que Artigas, pai de Andresito, reivindicava a região como parte da Banda Oriental, ignorando a conquista de 1801 e postulando pela vigência da fronteira definida pelo tratado de 1777. A invasão teve como intenção uma manobra militar de Artigas numa tentativa de atrair do exército luso-brasileiro que tinha adentrado na Banda Oriental para auxiliar os regentistas espanhóis acantonados em Montevidéu, em 1811.

O pedido de ajuda do vice-rei espanhol, Javier de Elío, à coroa portuguesa, fez com que Buenos Aires recuasse e deixasse Artigas sem ajuda no sítio a Montevidéu. Padoin assinala que

Isso levou à revolta de Artigas, fazendo-o partir da Banda Oriental para Entre Ríos, província litorânea, acompanhado de uma grande massa de homens e de suas famílias que o seguiram oriundas da campanha pobre. Este fato foi denominado ‘êxodo’ ou ‘la Redota’, e nele Artigas foi proclamado Chefe dos Orientais. A partir de então começa a ser pensada a formação de uma Liga Federal, contando com o apoio de Entre Ríos, Santa Fé, Corrientes e regiões de Córdoba, independentes das Províncias Unidas do Rio da Prata<sup>45</sup>.

Esta interferência portuguesa na Banda Oriental desencadeou uma série de processos, dentre eles a divisão das forças portenhas, o mapeamento do terreno por parte do exército português com o intuito de ser utilizado para uma possível invasão. Os centralistas preferiram perder a Banda Oriental de que lutar contra vários inimigos: realistas espanhóis e luso-

<sup>44</sup> REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés. *Crónica General del Uruguay*. La Emancipación. Vol. III. 2ª. Banda Oriental: Ed. Montevideo, 1999, p. 104.

<sup>45</sup> PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo Gaúcho: Fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 46.



brasileiros. Todavia, esta evasiva dos centralistas de Buenos Aires gestou outro inimigo: O artiguismo.

## 2.2. Federalismo de Artigas

Durante o ano 1813, com o rompimento de Artigas com Buenos Aires, a Banda Oriental ficou sob o domínio de Artigas. O federalismo artiguista começou a se defrontar com o centralismo de Buenos Aires; os antigos aliados contra o domínio espanhol, agora se tornam inimigos. Buenos Aires queria o predomínio político e a união dos territórios do antigo vice-reinado. O golpe final entre a aliança de Orientais e bonaerenses se deu no ano de 1813, na qual os deputados escolhidos pelos orientais, todos com um discurso artiguista – diga-se federalista –, não foram reconhecidos pelo governo portenho.

Rechazados los diputados artiguista por el Gobierno de Buenos Aires, convocado un nuevo Congreso bajo la presidencia de Rondeau y bajo la inspiración porteña, nombradas nuevas autoridades provinciales a gusto de la oligarquía, desconocida la autoridad de Artigas y la obra del Congreso Oriental, el caudillo se declara em guerra con Buenos Aires; y seguido de la mayoría de sus tropas, se retira del Sitio de Montevideo. El directorio le declara traidor, y pone a precio su cabeza. Artigas se dirige al litoral, levando la bandera del federalismo. Entre Ríos, Corrientes y Santa Fe, se alzan a su influjo contra el centralismo porteño, vindicando sus fueros de autonomía. Em tanto, Montevideo, sitiado por mar y tierra, agotada su resistencia, se rinde al ejército patricio<sup>46</sup>.

O rompimento de Artigas com o centralismo portenho e a queda dos realistas em Montevideu foram as causas das grandes transformações políticas ocorridas na Banda Oriental. A primeira foi a saída do último reduto colonial do jogo político entre Buenos Aires e a Banda Oriental. Outra mudança profunda foi o rompimento das forças de Buenos Aires, pois, com a saída de Artigas, Buenos Aires perdeu um aliado e ganhou um inimigo, que foi decisivo para a perda da Banda Oriental com a invasão luso-brasileira em 1816. Buenos Aires tinha em seu poder a capital, mas Artigas dominava todo o interior. Esta divisão entre o interior e as grandes cidades marcou todo o período de formação da Argentina e do Uruguai<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> ZUM FELDE, Alberto Zun. *Proceso Historico Del Uruguay*. Montevideo: ARCA, 1991, p. 52-53.

<sup>47</sup> VER: ZUM FELDE, Alberto Zun, *Proceso Historico Del Uruguay*. Montevideo: ARCA, 1991.

Montevidéu trocou de dominadores; saíram os *regentistas*, entraram os centralistas. A guerra para a conquista da capital não seria mais entre os espanhóis e bonaerenses, mas, sim, entre artiguistas e bonaerenses. Zum Felde aponta: “Artigas reclama la entrega de Montevideo; Alvear<sup>48</sup> se niega, la guerra se empeña. Derrotados los porteños por Rivera, lugarteniente de Artigas, em Guayabo, Montevideo es entregada a los orientales, y la soberanía de la provincia se establece”<sup>49</sup>.

As lutas entre artiguistas e bonaerenses se travam durante os anos de 1814 e 1815. Após a vitória na *Batalla de Guayabos*, sob o comando de Rivera, o início de 1815 marcou o período que ocorreu o auge do artiguismo. A tomada de Montevidéu e a retirada dos centralistas de Buenos Aires estabeleceram, assim, o controle político da Banda Oriental sob o controle do artiguismo<sup>50</sup>. Em junho do mesmo ano, com a realização do Congresso do Oriente, o poder de Artigas chegou ao seu ponto mais elevado.

As províncias que formavam a Liga Federal se reuniram no chamado Congresso do Oriente, no dia 29 de junho de 1815, em Concepción del Uruguay, no qual definiu-se a figura de Artigas como “*El Proctetor*”, criando a “*Liga de los Pueblos Libres*” ou, simplesmente, o proterorado Artiguista<sup>51</sup>.

A partir da tomada de Montevidéu pelos artiguistas, estabeleceu-se na Banda Oriental o federalismo. A Liga Federal<sup>52</sup> se estendeu de 1813 a 1816 e, neste espaço de tempo, Artigas teve sob seu domínio a Banda Oriental e Rivera destacou-se na guerra contra Buenos Aires, aumentando o seu prestígio frente aos Orientais.

Rivera era um dos caudilhos mais ilustrados<sup>53</sup> das fileiras artiguistas. O federalismo<sup>54</sup> estava desde 1813 nos ideais políticos de Rivera e, sob o comando de Artigas, mostrou-se contrário aos domínios de Buenos Aires. Sobre as características dos chefes artiguistas, inclusive Frutuoso Rivera, Ramón Cáceres escreveu:

<sup>48</sup> Carlos Alvear: Político e Militar centralista de Buenos Aires.

<sup>49</sup> ZUM FELDE, 1991, p. 53.

<sup>50</sup> Cf. REYES, Washington Abadie. *Artigas e el federalismo en Rio de la Plata*. Tomo 2, V.2. Montevideo: Ediciones Banda Oriental La República, 1998, p. 22-25.

<sup>51</sup> COMIRAN, 2008, p. 137, grifo do autor.

<sup>52</sup> A liga federal era formada pelas províncias que estavam sob a influência de Artigas.

<sup>53</sup> Ilustrado está no sentido de saber ler e escrever.

<sup>54</sup> Artigas usou federalismo e confederação como sinônimos para designar seus projetos políticos. Cf. RIBEIRO, Ana. *El Caudillo el Dictador*: 2ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2004, p. 33-40.

Ni todos los jefes de Artigas eran como Otorgués ni Encarnación; tenía a Latorre, a Aguiar; a Don Frutos, a Tejera, a Mondragón, a Baltazar Ojeda, a Hilario Pintos, y a otros muchos hombres de orden, enemigos de los ladrones y que no toleraban el menor desacato al vecindario. Quizás Artigas ignoraba muchas cosas de las que hicieron los primeros, y tal vez los toleraba por necesidad, pues precisaba de hombres que le habían dado tantas prueba de adhesión y que tenían algún partido entre la gauchaje del país. Muchas veces le oí lamentarse de que pocos hijos de familia distinguidas del país quisiesen militar bajo sus órdenes; tal vez por no pasar trabajos y sufrir algunas privaciones, que esto le obligaba a valerse de los gaúchos, em quienes encontraba más resignación, más constancia y consecuencia. Nos lisoneaba , a los pocos que allí habíamos, hablando de este asunto, muchas veces em presencia de extranjeros respetables de Norteamérica<sup>55</sup>.

As presenças destas forças caudilhescas em torno de Artigas mostrava que várias províncias estavam contra o centralismo de Buenos Aires. Outro aspecto relevante, no que diz respeito ao gaúcho – sendo este o elemento predominante na maior parte das linhas artiguistas –, é que este *gaúcho*<sup>56</sup>, afastado dos grandes centros do antigo vice-reinado, não acostumado com leis escritas, seguia facilmente os caudilhos que tinham o poder no interior e que se mostravam contrário à interferência portenha em seus negócios comerciais e seu poder político local. Os próprios chefes militares que gravitavam em torno de Artigas, entre eles Frutuoso Rivera, mantinham-se contrários ao centralismo, pois se aceitassem a política de Buenos Aires estariam aceitando uma força política maior sobre suas regiões de atuação.

O discurso de Artigas garantia aos caudilhos interioranos a preservação de poder e a defesa de seus interesses comerciais. Já para os *gaúchos*, as palavras como liberdade, federação, direito, soavam como o fim de um ciclo de domínio político externo sobre suas vidas. Porém, a possibilidade de tornarem-se atuantes neste processo propiciava a Artigas uma grande massa recrutável para suas linhas militares. Ana Ribeiro chama a atenção do desprezo que a população interiorana tem das leis e do mando de autoridades governamentais estabelecidas, que somente respeitavam o poder caudilhesco. “Nada, para aquellos hombres, era más odiado que un mandón. Que Orientales y entrerrianos compartieran los mismos códigos – individualismo y autodeterminación, valor e coraje como valores superlativos, desprecio a las autoridades”<sup>57</sup>.

<sup>55</sup> CÁCERES, Coronel Ramón de. Escritos Históricos de la época de la Patria Vieja. Revista Histórica, T. XXIX, Montevideo, 1959. p.577-578. In: RIBEIRO, Ana. *El Caudillo el Dictador*: 2ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2004, p. 25.

<sup>56</sup> O termo gaúcho, no texto, é utilizado para designar os habitantes das regiões do interior do Antigo Vice-reinado, as pessoas simples em instrução e com pouca ou nenhuma posse de terra, que geralmente eram influenciadas pelos caudilhos locais. Cf. GUTFREIND, Ieda. O Gaúcho e sua Cultura. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (ORG). *A Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 241-252.

<sup>57</sup> RIBEIRO, 2004, p. 33.

As características da população interiorana se mostraram totalmente contrárias à política centralista de Buenos Aires. Esta divisão da população destes dois ambientes distintos foi um dos motivos para as constantes convulsões políticas que o território platino teve nos anos seguintes. O artiguismo afetou a política de Buenos Aires e a política de Buenos Aires a da Liga Federal.

Tanto, que com a segunda interferência luso-portuguesa na Banda Oriental, a partir de 1816, não se tornou um mau negócio para Buenos Aires, pois combatia um inimigo expressivo do centralismo bonaerense. Tanto para Buenos Aires como para os interesses políticos portugueses na Banda Oriental a derrota do artiguismo era desejada.

A conjugação entre Portugal e Buenos Aires apresenta uma importante margem de observação, pois as idéias federalistas de Artigas também perturbavam a elite política bonaerense, desejosa de um governo centralista. Assim, a coligação de interesses entre ambos os governos tornava-se oportuno em vistas de derrotar o movimento artiguista<sup>58</sup>.

Para os centralistas de Buenos Aires, a guerra entre portugueses e artiguistas fez com que um inimigo, Artigas, e outro possível inimigo, Portugal, lutassem entre si e, conseqüentemente, se enfraquecessem, já que o próprio ambiente político em Buenos Aires estava delicado para os centralistas. Fernando VII havia retornado ao trono e uma possível força militar seria mandada ao Prata para o restabelecimento do poder espanhol. Além desta possibilidade, o governo de Buenos Aires passava por uma crise:

Los frecuentes cambios producidos en la autoridad central desde la caída del director Alvear hasta nombramiento de Puyerrredón por el Congreso de Tucumán, habían entorpecido la marcha de los asuntos relacionados con la política interna y exterior. La desorientación era completa<sup>59</sup>.

A guerra entre os luso-brasileiros e artiguistas não teve a participação efetiva de Buenos Aires, em seu início. A coroa portuguesa justificou a invasão da Banda Oriental em 1816, segundo Camargo:

---

<sup>58</sup> COMIRAN, 2008, p.116.

<sup>59</sup> BEVERINA, Coronel Juan. *La Guerra contra el Imperio del Brasil: Contribucion al estudio de sus antecedentes y de las operaciones hasta Ituzaingó*: Edicion especial de la Biblioteca del Oficial. Buenos Aires: Taller Gráfico de Luis Bernard Billingham, 1927, p. 23-24.

Quanto aos luso-brasileiros, Artigas poderia ser um excelente pretexto para ludibriar as engrenagens do antigo projeto de dominação da Banda Oriental, acalentado e justificado desde a fundação de Colônia e sua conturbada existência em mãos lusitanas. Foi sem hesitação, portanto, que D. João concordou com a solicitação de auxílio das autoridades hispanófilas de Montevidéu para interromper as atividades artiguistas na região. Agregue-se a isso o fato de ser precoce a manifestação de interesse do caudilho uruguaio em retomar as Missões Orientais perdidas dez anos antes<sup>60</sup>.

Parte da população, principalmente da capital, Montevidéu, não estava vendo com bons olhos o governo artiguista. Feriam seus interesses as mudanças sociais profundas que o caudilho começou a realizar, prejudicavam os interesses de pessoas que ainda eram favorecidas com as antigas estruturas sociais herdadas do sistema colonial<sup>61</sup>.

Com as hostilidades de Artigas sobre as Missões Orientais e uma possível retomada do território perdido na Guerra das Laranjas, os Luso-brasileiros aumentaram ainda mais a sua carga de justificativas para uma segunda intervenção na Banda Oriental.

O governo português pôs em marcha um exército numeroso e bem armado, rumo à Banda Oriental. A partir de então, até o final definitivo das operações de Artigas, em 1820, aquele líder e seus seguidores seriam considerados foras-da-lei para o governo de D. João. Não se pode perder a perspectiva de que os portugueses defendiam, teoricamente, a manutenção do sistema colonial ibérico na América do Sul, uma vez que a Espanha, envolta na sua Guerra de Independência, não tinha a menor condição de intervir diretamente para evitar os processos autonomistas<sup>62</sup>.

Com mais este argumento para justificar a interferência, o exército luso-brasileiro, sob o comando de Carlos F. Lecor, futuro Barão de Laguna, marchou sobre a Banda Oriental, com a missão de destruir as forças artiguistas.

Durante o período de 1811 a 1816, Rivera se mostra, ao passar dos anos, como uma importante liderança política e militar de Artigas, principalmente em 1815, na luta contra Buenos Aires. Aos poucos Rivera se torna expressivo e fundamental para Artigas e seu projeto federalista. Como vimos, o caudilho artiguista foi, desde o segundo sítio a Montevidéu, uma das forças de maior expressividade nas hostes de Artigas.

---

<sup>60</sup> CAMARGO, 2001, p. 188.

<sup>61</sup> Trata-se da reforma agrária e da igualdade civil, que estavam sendo implantados na Banda Oriental sob o comando de Artigas. Cf. AZARA, Félix de. Memória sobre el estado rural Del Rio de la Plata y otros informes. Buenos Aires: Bajel, 1943, p. 40-60.

<sup>62</sup> CAMARGO, op. cit., p. 188.

No que diz respeito ao Congresso de Viena, em 1815, a diplomacia espanhola buscou angariar o apoio da Inglaterra para recuperar os territórios americanos tomados pelos movimentos revolucionários, mas não encontrou o apoio, voltando-se, assim, à Rússia. No entanto, a Coroa Britânica reagiu e impediu as negociações do acordo<sup>63</sup>. Para Portugal, os seus interesses, no que diz respeito à América Meridional, estavam estabelecidos. Comiran aponta que,

Neste sentido, as orientações passadas pelo gabinete português eram claras ao exigir que as fronteiras entre Portugal e Espanha, na América Meridional, fossem definidas pelo critério de fronteira natural, no caso, o rio Amazonas e o Uruguai. No caso da fronteira sul, os territórios das Missões Orientais do Uruguai, conquistadas nas contendas de 1801<sup>64</sup>.

A tentativa do governo português foi, sem dúvida, legitimar a conquista das Missões Orientais, mas as negociações foram barradas pela questão de Olivença<sup>65</sup>. Portugal e Espanha eram forças secundárias no Congresso e as questões das Missões e de Olivença foram deixadas de lado.

Outro fator importante no que diz respeito ao congresso, que mudou o panorama político sul-americano nos anos vindouros, a tentativa de ajustamento das monarquias absolutistas em monarquias constitucionais, principalmente por parte de liberais. Tal ato combatido pelo Congresso de Viena foi um dos motivos que levou D. João VI a retornar a Portugal, em 1821. Sobre esta mudança estrutural na política absolutista, aponta-se que

Por quase todos os lados, os regimes monárquicos se viam reconfigurados com a introdução de um dispositivo que caracterizava uma certa flexibilização na instauração do absolutismo, limitando considerável medida, o próprio poder do monarca: as Constituições<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> REYES ABADIE, Washington. *Artigas e el federalismo en Rio de la Plata*. Tomo 2, V.2. Montevideo: Ediciones Banda Oriental La República, 1998. p. 50.

<sup>64</sup> COMIRAN, 2008, p.144.

<sup>65</sup> Antiga cidade da fronteira portuguesa-espanhola tomada pelos espanhóis na guerra das Laranjas. Cf. CAMARGO, 2001, p. 197.

<sup>66</sup> SLEIMIAN, Andréa; PIMENTA, João Paulo G. *O “nascimento político” do Brasil – As origens do estado e da nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 37.

Tal mudança estrutural na política absolutista de alguns países teve repercussão nas estruturas políticas, tanto nas colônias espanholas quanto no Brasil. Nas colônias, a não assinatura da constituição por parte de Fernando VII fez com que seu prestígio perante seus súditos diminuísse. Fernando não se mostrou nada flexível e este fator intensificou ainda mais os processos de independências que estavam acontecendo em toda a América espanhola.

Nos domínios portugueses, a possível formulação de uma constituição foi o principal motivo da revolução do Porto<sup>67</sup>. Este movimento fez com que D. João VI não tivesse outra alternativa, a não ser voltar para a sua antiga Corte, em Lisboa. Tal saída da corte portuguesa do Brasil abriria o processo de independência política no Brasil, que marcou, também, o momento crucial na política da Cisplatina<sup>68</sup>. Grande parte das tropas alojadas na Cisplatina eram compostas de portugueses, e conseqüentemente a sua maioria se mantiveram fiéis a Lisboa. Alguns pelotões se mostraram pró-independência, abrindo precedente para a guerra pela posse da Cisplatina entre o recém independente império do Brasil e Buenos Aires:

A Revolução do Porto, de 1820, marcou o início do período crítico das relações entre Portugal e o Brasil. Recebida inicialmente com entusiasmo por suas propostas liberais, dentre as quais a de maior apelo era a Constituição [...]. Mas, à medida que os debates em torno da carta prosseguiram [...] foi agravando o impasse entre portugueses e brasileiros, até se chegar à ruptura<sup>69</sup>.

Na América do Sul, nos anos de 1816 a 1820, as alianças mais concretas existentes na Banda Oriental se diluíram. A política platina do início do século XIX tem como característica as rápidas mudanças, os diversos interesses político-militares. Estas se modificavam de acordo com o cenário europeu; a queda de Napoleão, a volta de Fernando VII, e o congresso de Viena alteraram as relações de poder na América meridional. Com o fim das guerras napoleônicas algumas tendências ganharam força e outras deixaram de existir.

Em 1816, D. João VI iniciou seu processo de conquista da Banda Oriental, antigo sonho português, mas os portugueses, em Lisboa clamam a sua volta para restaurar o sistema colonial. E sobre o movimento liberal que estava pondo em risco o seu poder absoluto no núcleo liberal na cidade do Porto, sabe-se que,

---

<sup>67</sup> Cf. PIMENTA, João Paulo G. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata: 1808-1828*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002, p. 171.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 163.

<sup>69</sup> PAULA, Sergio Goes de (Org.). *Hipólito José da Costa*. Coleção Fundadores do Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2001, p. 20.

Em efeito, em 24 de agosto de 1820, no Porto, ‘depois de uma missa campal no Campo de Santo Ovídio [...] uma salva anunciou que se ia inaugurar em Portugal uma nova era de liberdade’, iniciando-se o movimento que, finalmente, faria que a Corte portuguesa voltasse de seus domínios americanos<sup>70</sup>.

Buenos Aires, envolto em disputas políticas entre centralistas e federalistas, enfrentava a possibilidade de uma retaliação de Fernando VII a qualquer momento. A Banda Oriental recomeçara a ser o palco das hostilidades e disputas na região do Prata.

Os anos de 1816 a 1820 na Banda Oriental serão marcados por conflitos entre duas tendências políticas antagônicas: o expansionismo luso-brasileiro e o federalismo artiguista. O primeiro vinha desde fundação da colônia do Sacramento, e o segundo foi gestado na crise do sistema colonial. Estas duas ideologias iram se digladiar no palco da Banda Oriental.

### **2.3. Invasão luso-brasileira na Banda Oriental: Fim do Protetorado de Artigas**

Os acontecimentos de 1815, na Banda Oriental, agraciaram a Artigas o domínio da região. As vitórias de Rivera e a conquista de Montevideu deram ao caudilho o poder. Artigas tinha dois inimigos fortíssimos; de um lado Buenos Aires, que apesar de não estar em guerra contra o protetorado, não via com bons olhos o sistema federal e o autonomismo artiguista; do outro lado, o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, além das ambições seculares, via o artiguismo como um elemento nocivo próximo à sua fronteira, o qual podia “contaminar” as províncias fronteiriças com ideais contrários ao absolutismo dos Bragança, sendo necessário uma força de repressão capaz de conter o avanço de ideais nocivos aos interesses da Coroa portuguesa. Para Padoin:

A Coroa Portuguesa, no final de 1815, estava se preparando para invadir a Banda Oriental através da organização de uma força militar de mais ou menos doze mil homens, dos quais 40% eram veteranos europeus, sob o comando do General Lecor. Em 1816, estabeleceram-se na fronteira do Rio Grande seis mil milicianos rio-grandenses, com o objetivo de conter o avanço artiguista e os demais soldados

---

<sup>70</sup> BRANCATO, Braz A. A. *Don Pedro I De Brasil, Posible Rey de España: Uma conspiración Liberal*. Porto Alegre: Edipurs, 1999, p. 95.



avançaram pela costa até Montevidéo, procurando com uma estratégia pacificadora conquistar a população que estava cansada de guerras<sup>71</sup>.

Este exército equipado encontrou resistência, mas devido a sua superioridade bélica, aos poucos, foi dominando as regiões por onde passava. Em 1817, Lecor encontrava-se às portas de Montevidéo. Zum Felde julga assim este acontecimento:

Capítulo lamentable en la historia del Uruguay, aquel que comienza el día en que el Cabildo de Montevideo salió a recibir bajo palio al general Lecor, jefe de los ejércitos portugueses, aclamándolo como un enviado de la Providencia para hacer la felicidad de esta desgraciada Provincia<sup>72</sup>.

Montevidéo recebeu Lecor como libertador, porque sua elite não concordava com as mudanças sociais de Artigas. A guerra de conquista da Banda Oriental se deu no interior, onde os partidários de Artigas se mostram em maior número. Rivera foi o primeiro a dar combate a Lecor antes da sua chegada a Montevidéo.

Frutuoso Rivera tentou deter o avanço de Lecor, mas foi derrotado. Buenos Aires, através de Pueyrredon, tentou fazer com que Portugal desistesse de tal iniciativa, porém fracassou. O Cabildo de Montevidéo, receoso com esta investida portuguesa (forma também de manter-se no poder e fazer frente aos interesses de Buenos Aires), resolveu solicitar a ocupação pacífica da cidade<sup>73</sup>.

Rivera tornou-se o pilar de defesa de Artigas, mas, diferentemente das batalhas contra Buenos Aires em 1815, ele não se consagrou vencedor. As diferenças entre os exércitos artiguistas e Luso-brasileiros foram gritantes; para os invasores a ocupação dos grandes centros populacionais foi mais fácil, pois o artiguismo tinha menos forças nas cidades.

As dificuldades encontradas, porém, estavam no interior onde as linhas artiguistas eram numerosas e itinerantes. O quadro dos primeiros dois anos de guerras entre artiguistas e luso-brasileiros se encontrava assim: Os luso-brasileiros dominavam Montevidéo e os principais centros populacionais; Artigas dominava o interior. Para Ribeiro, “Artigas fue un

---

<sup>71</sup> PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo Gaúcho: Fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 57.

<sup>72</sup> ZUM FELDE, 1991, p. 72.

<sup>73</sup> PADOIN, op.cit., p. 57.

enemigo muy duro de combatir y los años que mediaron 1816 y 1820 fueron de una interminable resistencia. jalonada con triunfos y fracasos múltiples”<sup>74</sup>.

A destreza das linhas artiguistas em combater no terreno da Banda Oriental atrasou o processo de ocupação por quatro longos anos de lutas renhidas. Sobre a forma de combate das forças artiguistas, Bartolomé Mitre aponta:

Sin embargo de los numerosos reveses de aquella campana, que puede llamarse de Titanes, cuando se contempla un puñado de hombres disputando palmo a palmo el terreno de la patria a diez mil invasores perfectamente armados y disciplinados, Artigas se preparó para seguirla con tesón y adopto un nuevo sistema de guerra que nuestros militares denominan con el nombre de guerra de recursos (de cuya escuelas han salidos los más afamados generales que ha tenido la República Oriental) la que consiste en hostilizar siempre el enemigo, no arriesgar ningún combate sino uno contra tres y que tarde o temprano acaba por dar la victoria al que con mejor conocimiento del país, sus recursos y localidades sabe aprovechar los accidentes del terreno para lanzarse sobre el punto débil del enemigo, arrebatarle las caballadas, promover la deserción por aburrimiento e interceptar la conducción de ganados para la manutención<sup>75</sup>.

As táticas de combate de Artigas foram adotadas nas Guerras contra Buenos Aires e os luso-brasileiros. Vale relembrar, aqui, que a manutenção de um exército na região platina durante todas as contendas do século XIX envolveu o controle do gado e as cavalladas, o gado para o sustento da tropa e a cavallada para a montaria, pois grande parte dos exércitos platinos lutava principalmente a cavalo. O inimigo tinha que se adequar, pois Artigas foi mais além. Hostilizava o inimigo, travando batalhas rápidas e inesperadas, na tentativa de tirar mais proveito do efeito surpresa. Estratégias de movimento foram a tônica da resistência das forças artiguistas durante quatro anos.

Outro fator preponderante para a vitória luso-portuguesa foi a saída de artiguistas da esfera política de seu líder e posterior aliança com os luso-brasileiros. As motivações deste processo de reversão foram, segundo Padoin,

Montevideú, ocupada pelos portugueses, foi sitiada por forças artiguistas, mas mesmo assim, o pensamento antiartiguista começou a crescer, inclusive por parte dos caudilhos das províncias litorâneas, desgastados com o prejuízo das guerras e sedentos por obterem apoio de Buenos Aires como forma de assegurar seus

---

<sup>74</sup> RIBEIRO, 2004, p.103.

<sup>75</sup> DE VEDIA Y MITRE, Mariano. *El Manuscrito de Mitre sobre Artigas*. La Facultad. Buenos Aires: Bernabé y Cia, 1937, p.83-84. In: RIBEIRO, op.cit., p.103.

interesses. A guerra afetara tanto à riqueza monetária das cidades, dificultando o comércio, quanto a zona rural com a escassez de gado *vacum* e cavalari<sup>76</sup>.

As guerras de Artigas estavam afetando as relações comerciais dos caudilhos interioranos. A situação do interior tornava-se mais caótica a cada dia. A paz passou a ser desejada a qualquer custo, mesmo com o sacrifício de todo o projeto artiguista.

Em 1817, a situação de Artigas e suas linhas tornaram-se mais críticas. A falta de armamentos, de abastecimento de gêneros de primeira necessidade, a carência de gado *Vacum* fez com que as deserções se tornassem mais freqüentes.

Em 15 de janeiro de 1817 Pueyrredón envia uma carta ao governador intendente de Santa Fé, Mariano Vera. Refere-se ao alerta que o sargento-maior artiguista José Francisco Rodrigues fazia na banda ocidental do Paraná, nos territórios de Santa Fé e interior da província de Buenos Aires. O sargento qualificava de indiferente o seu governo perante a invasão luso-brasileira:

Por varios conductos de mejor credito, he llegado á saver q.<sup>e</sup> el Sarg.<sup>to</sup> Mor D.<sup>n</sup> Jose Francisco Rodrig.<sup>z</sup> ha sido comisionado p.<sup>r</sup> el Gral.D.<sup>n</sup> Jose Artigas á la vanda occidental del Paraná con el detestable objeto de alrmar el territorio de Sta. Fee y nuestra campaña contra este pueblo, baxo pretexto q.<sup>e</sup> solo pueden concebirse p.<sup>r</sup> ladepravacion, y q.<sup>e</sup> se equivocan con los mismos esfuerzos delos enemigos para destruir el Pais. Apenas podría concebir idea de una maquinación tan horrenda, sino tubiese em mis manos documentos irrefragables, y no hubiese leido una delas proclamas com q.<sup>e</sup> se intenta incendia nuestro territorio<sup>77</sup>.

Esta carta revela como o governo de Buenos Aires classificava o artiguismo em princípios de 1817. O centralista Pueyrredón relata a suas motivações para não auxiliar Artigas, argumentando que o “Protetorado” não fazia parte das Províncias Unidas e tinha um sistema autônomo. Afirmava, também, que a dominação luso-brasileira em Montevidéu foi avalizada pelos próprios deputados.

As animosidades entre Buenos Aires e Artigas se acentuavam com o passar dos meses de 1817. Artigas procurava em vão os auxílios militares que necessitava e Pueyrredón, com os argumentos acima, não via motivo para auxiliá-lo.

<sup>76</sup> PADOIN, 2001, op.cit., p.58.

<sup>77</sup> Archivo Artigas, Tomo XXXIV, p. 11.

Para agravar ainda mais a situação, Artigas mandou uma carta em 13 de novembro de 1817 para Pueyrredon, declarando guerra a Buenos Aires:

V.E. es un criminal indigno de la menor consideración. Pesará á V.E. oír estas verdades, pero debe pesarle mucho más haber dado los motivos bastantes á su esclarecimiento: ellas van estampadas con los caracteres de la sinceridad y la justicia [...]. Hablaré por esta vez y hablaré para siempre: V.E. es responsable ante las aras de la Patria, de su inacción ó de su malicia contra los intereses comunes. Algún día se levantará ese tribunal severo de la nación, y en él debe administrarse justicia<sup>78</sup>.

Formou-se uma luta em duas frentes. Pueyrredón não lhe auxiliou contra o inimigo português e Artigas ficou indignado com Buenos Aires, que preferiu o controle estrangeiro ao seu projeto na Banda Oriental. As dificuldades de manter a guerra se agravavam cada vez mais. Artigas tinha um poderoso exército luso-brasileiro para enfrentar; não recebia auxílios de Buenos Aires, e muitos de seus caudilhos estavam desertando. No final de 1817, a situação da resistência do federalismo na Banda Oriental encontrava-se em sério risco de se extinguir.

Rivera era um dos poucos a conseguir alguma vantagem militar sobre as tropas luso-brasileiras. As suas vitórias deram alguma esperança a Artigas, como descrito nesta carta de Artigas ao Cabildo de Corrientes:

Acaban de llegar chasq[ues] de D.<sup>n</sup> Frutos anunciandome q.<sup>e</sup> el 26 del Corr.<sup>te</sup> atacó al enemigo por retag.<sup>a</sup> con una Div.<sup>on</sup> de Cavalleria habiendo logrado matarle mas de cien homb.<sup>s</sup> ; Tomadole 57 prision.<sup>s</sup> y heridole mucha jente. Por nra parte hubieron dos heridos y un muerto. Con este resultado tan feliz los enemigos aterrados han retrocedido ã/ la Plaza desde Sta Lucia Chico Siendoperseuidos fuertemen.<sup>te</sup> delo q.<sup>e</sup> a un sonde esperarse alg.<sup>as</sup> ventajas. Tengo la Satisfaccion de anunciar ã V S tan feliz Suceso p.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> sea celebrado, y su exemplo nos conmueva a mayores glorias. Saludo a V S. con todo mi afecto. Purifica.<sup>on</sup> 29 de Marzo de 1817. Jose Artigas<sup>79</sup>.

Apesar dos devidos exageros nos números favoráveis, a carta mostrava a importância de Rivera nas linhas artiguistas, suas vitórias sobre o inimigo o tornavam mais respeitável na Banda Oriental. Sua importância militar aumentava com o andar da guerra, mas as forças artiguistas estavam longe de barrar o domínio luso-brasileiro, principalmente nas regiões litorâneas.

<sup>78</sup> BAUZÁ, Francisco. *Historia de la dominación española en el Uruguay*. Montevideo: Barrreiro Ramos, 1967, T.VI, p.358. In: RIBEIRO, 2004, p.118.

<sup>79</sup> Archivo Artigas, Tomo XXXIV, p. 81.

Em abril de 1817 o Cabildo de Corrientes transcreve um ofício de Rivera ao General Artigas, sobre mais uma vitória sobre os luso-brasileiros:

EL Ilt.<sup>e</sup> Cav.<sup>do</sup> Justicia,y Regimiento Gov.<sup>or</sup> Interino Politico y Militar de esta Prov.<sup>a</sup> &<sup>a</sup>. Por quanto con fha 19,,del corr.<sup>te</sup> há recibido este Ilt.<sup>e</sup> Cavildo Gov.<sup>or</sup> una honorable comunicacion del señor Gov.<sup>or</sup> Intend..<sup>te</sup> acompañada de otra copia dirigida desde el Paso dela Tranquera por el Com.<sup>te</sup> de Division Don Fructuoso Rivera, al Exmo Señor Gral. Con fha 3,, del mismo, cuyo tenor es el siguiente  
 Mi estimado Gral:= De Canolones escrivi a V S. lo bastante: Ya hé regresado al Exto. Estoy aprontandome espero de V.S.<sup>a</sup> ó su resolucion para marchar al Paso Cuello ó mas adelante a poner un campo firme, mientras los señores Fidalgos no hacen movimiento segun el estado triste a que estan reducidos= Las Fuerzas destinadas por Santa Tereza al Territorio Portuguez, me dan del Corral a[viso] estarian en breve en el Rio Grande. Sin opocision se há tomado bastante y algunos Negros con cuyo fin mandé la compañía de Cazadores de libertos al mando de mi hermano Pelayo: Las familias iban de retirada al norte y muchas del mismo Rio – Grande ===== Buenos Ayres a tomado una fragata q.<sup>e</sup> venia con dinero p.a Montevideo/ con cuyo suceso los Portugueses estan marchitos. El capitan encargado del zelo de las costas me da Parte haverse hecho ala vela laEscuadra Portuguesa dela Barra Sonsona tirando asia la Colonia, y q.<sup>e</sup> asia ese rumbo se habia oido una cañoneo de tres horas. De esto no se save lo cierto, pero la fragata tomada no hay duda= De V E. servidor= Fructuoso Rivera = Tres de Abril de Mil ochocientos y dies y siete.<sup>80</sup>

Naquele momento, além de militar, Rivera era um dos melhores informantes de Artigas. Ele buscava contribuir para aliviar a carga de atribuições e problemas que Artigas tinha por estes anos de conflito. Esta aliança entre Artigas e Rivera continuou até 1818.

Entretanto, em 1819, ocorreram várias derrotas artiguistas. Foi um ano que também marcou uma mudança fundamental na guerra. A capital artiguista, Purificación, foi invadida e conquistada pelos luso-brasileiros:

Mas, não obstante a desigualdade de condições entre os dois contendores, essa guerra, que teve teatro os vales do Rio Negro e Ibicuí, durou até 1819, data em que, na batalha de Catalã, foi Artigas completamente derrotado, as suas forças dispersas e Purificación, sede de sua concentração, literalmente arrasada pelas patrulhas portuguesas<sup>81</sup>.

As últimas forças artiguistas em operação estavam sob o comando de Rivera. Lecor tinha em mente que se derrotasse Rivera, ou o cooptasse, a Banda Oriental estaria sob seu domínio. A vanguarda das forças artiguistas mantinha a esperança e a continuação da

<sup>80</sup> Archivo Artigas, Tomo XXXIV, p.86-87.

<sup>81</sup> ANÔNIMO, *Contribuições para a História da Guerra entre o Brasil e Buenos Aires – Uma testemunha ocular*. São Paulo: Edusp, 1975, p. 129.

resistência ao invasor e, por isso, Lecor tinha a perspectiva de derrotar a vanguarda artiguista e consolidar o domínio luso-brasileiro.

Sometidos los departamentos de Canelones y de San José en 1819, faltábale a Lecor ganar al jefe de la Vanguardia artiguista, Fructuoso Rivera, para consolidar la conquista. La derrota de Tacuarembó apenas días después del triunfo artiguista de Cepeda sobre la fuerzas porteñas, dio a Lecor la oportunidad que tanto esperaba. En la numerosísimas comunicaciones que Lecor dirigía a la Corte, se va dibujando la conversación de sus esperanzas de seducción en penosas y duras realidades: ‘Aunque los pueblos de esta Provincia ya están de acuerdo en darse la protección de Su Majestad – decía- y toda la gente armada es de la misma opinión, todavía Fructuoso Rivera conserva alguna fuerza reunida y representa cierta quimérica importancia’<sup>82</sup>.

As tentativas de Lecor em consolidar a invasão e, do mesmo modo, convencer a vanguarda artiguista de depor as armas, passavam pelo convencimento de Rivera. Lecor tentava mostrar-lhe que a guerra entre o artiguismo e os portugueses havia terminado. Para conseguir esta comunicação, utilizava a ajuda de pessoas próximas ao caudilho para convencê-lo do fim da guerra.

Estas últimas resistencias de Rivera parecían de todos modos vencidas incluso antes de la batalla. Recuerda Alfredo Varela que dieciséis días antes de la batalla, Lecor escribía a sus superiores que para la pacificación del país ‘fuera menester ocuparlo todo, con imponente fuerza militar o reducir a la Banda Oriental a un yermo devastado’, y que antes de llegar a tal extremo era conveniente acrecer la política de blandura ‘haciendo alarde de gran moderación’. En enero de 1820, Lecor preveía el fin de su larga espera, pues comunicaba a Thomaz Antonio que ‘su política de blandura’ no solo había logrado resultados inmediatos sino que procuraba para un cercano futuro ‘el acabar de resolver la voluntad de Fructuoso Rivera, ya comenzado a ablandar por sus seducciones y promesas y por el influjo de personas de su íntima amistad’<sup>83</sup>.

O ano de 1820 foi o último em que se deu um confronto direto entre artiguistas e portugueses, com a derrota artiguista em Catalã. A guerra se tornou uma caçada para a extinção de Artigas e suas linhas militares; o caudilho se internava cada vez mais no interior da Banda Oriental. Ribeiro busca mostrar o quadro moral e psicológico em que se encontrava o caudilho:

---

<sup>82</sup> TORRE, Nelson de la.; RODRIGUEZ, Julio C.; De TOURON, Lucia Sala. *La Revolucion Agraria Artiguista*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos S.A, 1969, p. 180.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p.180.

La nota en que el caudillo comunicaba ese triunfo era, como tantas de aquellos días finales de 1819, el tono más bien grandilocuente, buscando fortalecer y reanimar, precisamente porque se perdía fuerza y ánimo. La dolorosa verdad era que los triunfos de sus tropas de mando directo se hacían cada vez mas raros y escasos. En gacetas de Brasil y Portugal llegó a publicarse este aviso: 'Noticias anónimas refieren la muerte de José Artigas, [lo] que no consta oficialmente', mientras que en París e Inglaterra se dijo que había hecho prisionero<sup>84</sup>.

Artigas via que o teatro da guerra estava crítico. De um lado Buenos Aires, a inativa província que o abandonou; de outro, as forças luso-brasileiras, que além de serem bem armadas e organizadas, propagandeavam aos seus aliados a suspensão das hostilidades e o fim da guerra no momento em que Artigas saísse de cena. Lecor usava sua astúcia política para convencer as forças artiguista que o melhor era depor as armas:

Incumbido do governo da província conquistada, como seu general em chefe, Lecor, a quem foi dado o título de barão de Laguna, procurou com habilidade, satisfazer e unir os interesses em jôgo. Costumavam os portugueses vitoriosos repartir entre si, depois de suas campanhas, o gado apreendido, ou tomar posse de terras e estâncias abandonadas pelos seus proprietários [...]. Para obviar as más conseqüências decorrentes dêsse abuso deu o general Lecor ordens severísimas, mandando, outrossim, averiguar os títulos de posse da propriedade imobiliária, doando terras devolutas a oficiais e soldados que mais haviam distinguido na campanha. E propugnou o entrelaçamento entre portugueses e filhos da terra, por casamentos que se efetuaram, coibindo os excessos, ou manifestações de caráter nacional, com o verdadeiro espírito de imparcialidade<sup>85</sup>.

A política luso-brasileira na Banda Oriental tinha como objetivo acalmar os ânimos e mostrar que a ocupação traria benefícios à população. Conseqüentemente, diminuía o apoio a Artigas. Os resultados dessa política foram satisfatórios de um modo geral, pois muitos oficiais artiguistas aderiram a ocupação e outros se exilam em Buenos Aires<sup>86</sup>.

O ano de 1820 marcou o fim das lutas artiguistas na Banda Oriental. Rivera capitulou e se tornou colaboracionista do exército luso-brasileiro. A política de *blandura* de Lecor estava causando o efeito desejado.

---

<sup>84</sup> RIBEIRO, 2001, p. 142.

<sup>85</sup> ANÔNIMO, 1975, p. 131.

<sup>86</sup> Cf. PADOIN, 2001, p. 58.

Juan José Durán, Lorenzo Justiniano Pérez y Francisco Muños, miembros del cogollito del gran tronco latifundista oriental traidor a la patria comisionados por el Cabildo títere de Montevideo para pactar la ‘pacificación’ de la campaña, se encontraban entonces en San José donde acababan de arrancar la sumisión de dicho pueblo. Desde allí enviaron al también confiscado estanciero Julián de Gregorio Espinosa, viejo y consecuente amigo de Rivera de toda la vida, para realizar lo primeros contactos con el jefe y oficiales de sus divisiones y les expuso que Espinosa era portador de una comunicación de los Comisionados del Cabildo destinada a lograr un acuerdo con las fuerzas de su mando. Cincuenta y tres oficiales presentes decidieron encomendar a una comisión de seis miembros la redacción de las condiciones de sometimiento al poder portugués. Redactadas dichas condiciones, Espinosa volvió a San José, acompañado para el caso del Capitán Pedro Amigó, como delegado de Rivera<sup>87</sup>.

Os golpes finais no artiguismo começaram a ser executados em *Tres Arboles*. O acordo de Lecor e Rivera isolava ainda mais Artigas. A guerra no interior da campanha entre o artiguismo e luso-brasileiros estava próxima do fim; os mais importantes oficiais artiguistas ou já haviam sido derrotados ou estavam capitulando ao inimigo.

Artigas, com o avanço português, refugiou-se em Entre Rios, e seus companheiros Rivera e Andresito foram derrotados. Andresito foi capturado e levado para o Rio de Janeiro, enquanto Rivera, no final de 1819, deixou de apoiar Artigas e tornou-se Coronel do Exército português, recebendo o título de Barão do Império do Brasil<sup>88</sup>.

Artigas ficou sabendo que Rivera aderiu aos luso-brasileiros somente em 22 de janeiro de 1820. A comunicação foi, sem dúvida, um duro golpe para o caudilho. Depois de perder Andresito, perdeu um de seus mais disciplinados homens de confiança, que aderiu ao inimigo:

Allí Artigas tuvo una quiebra grande, militar, política y personal. Gorgonia Aguiar, que había logrado escapar de los portugueses, llegó, procedente de Maldonado, en momentos en que reponían de la derrota de Tacuarembó. No era un buen augur, sin embargo: ‘trajo la noticia de que Don Frutos, cediendo la influencia de personas muy respetables en el país, estaba unido, o al menos en relación con los portugueses. Este suceso labró mucho en el ánimo de Artigas, y desde entonces trató de abandonar la cuestión, y pasar al Entre Ríos<sup>89</sup>.

<sup>87</sup> TORRE, 1965, p.181.

<sup>88</sup> DONGHI, Halpeín. *Historia da Argentina*. Buenos Aires: Paidós, 1993, p.126. In: PADOIN, 2001, p. 58.

<sup>89</sup> RIBEIRO, 2001, p. 145.



A notícia sobre Rivera deixou claro que a guerra estava perdida. A Banda Oriental passava a ser dominada pelos luso-brasileiros e os artiguistas ficavam praticamente aniquilados. A partir daquele momento, Artigas tinha consciência que sua vida e de seus familiares corriam perigo. Os inimigos o cercavam cada vez mais: Buenos Aires, de um lado, os luso-brasileiros, de outro. Internamente, seus ex-comandados o hostilizam. Somente lhe restava pedir asilo ao Paraguai, isolado das guerras do Prata.

A saída de Rivera deixara Artigas sem esperanças. Alguns de seus militares ainda esperavam que o caudilho, após o golpe desferido por Rivera, recobrasse o ânimo. Mesmo quando o coronel Ramon Cáceres conseguiu reunir duzentos homens que estavam dispersos, o caudilho

‘recibió con desagrado mi comunicación’, relató luego Cáceres, por una rotunda razón: ‘él no me había dado órdenes para reunir los dispersos’. Culpaba a Frutos Rivera y no quería más pelear contra los portugueses: ‘no dejó a nadie en la Banda Oriental, ni los que quedaron le prestaban obediencia’. Resignado, Cáceres le escribió a Artigas diciéndole que si decidía continuar la guerra le avisase y luego cruzó a Entre Ríos con unos ochenta hombres y ofreció armas a Ricardo López Jordán, quien en ese momento estaba siendo atacado por tropas de Buenos Aires. Artigas también cruzó el Uruguay y se estableció en Corrientes<sup>90</sup>.

Os antigos companheiros eram os piores inimigos de Artigas. Francisco Ramires, após negociações com Buenos Aires, também combateu a Artigas. A cooptação de seus ex-oficiais por Buenos Aires e luso-brasileiros deixaram o caudilho ainda mais isolado. Em meados de junho de 1820, Rivera escreveu para Ramíres:

Mi estimado amigo:  
Ayer recibí su carta del 31 por el Capitán D. Laureano Marques que sale ahora mismo con la presente.  
Hace dos días que escribí a usted instruyéndolo de mi actual situación, y al mismo tiempo, del estado de esta Provincia, indicándole lo interesante que sería para esa y esta establecer relaciones de amistad y comercio para cuyo medio lo ponía (sin

---

<sup>90</sup> Ibid., p. 146.

comprometer a la que gobierna) en estado de reparar los males que ha causado la guerra.

Todos los hombres, todos los Patriotas, deben sacrificarse hasta lograr destruir enteramente a Don José Artigas; los males que ha causado al sistema de Libertad e independencia, son demasiado conocidos para nuestra desgracia y parece escusado detenerse en comentarlos, cuando nombrando al monstruo parece que se horripilan. No tiene otro sistema Artigas, que el de desorden, fiereza y Despotismo; es escusado preguntarle cuál es el que sigue. Son muy, son muy marcados sus pasos, y la conducta actual que tiene con esa patriota Provincia justifica sus miras y su Despecho.

Es bueno se conozca me ha sido sensible y puedo asegurarle que todos han sentido generalmente que hubiese conseguido Artigas este pequeño triunfo. Yo espero y todos que usted lo repare, y para que usted conozca mi interés diré lo que he podido alcanzar en favor de usted de su excelencia el Señor Barón de la Laguna<sup>91</sup>.

A mudança radical de Rivera mostrou que o acordo com Laguna foi firmado, e Artigas passou a ser visto pelo seu ex-comandado como um “monstro”, “déspota”. Também passou a ser culpado por todos os males da guerra. Rivera, em carta a Ramírez, governador de Entre Ríos, vai mais além:

Su excelencia apenas fue instruido por mí de sus deseos me contestó que había sido enviado por Su Majestad para proteger las legítimas autoridades, haciendo la guerra a los Anarquistas, en tal caso considera a Artigas, y como autoridad legítima de la provincia de Entre Ríos a usted, por consiguiente para llevar a efecto las intenciones de Su Majestad me previene, que avise a usted que están prontas sus tropas para auxiliarlo, y apoyarlo como le convenga, y para esto puede usted mandar un oficial de confianza, con credenciales bastantes al Rincón de las Gallinas, donde se hallará el General. Saldaña, con quien combinará el punto o puntos por donde le convenga hacer presentar fuerzas e igualmente la clase de movimientos que deben hacer.

Usted persuádase que los deseos de Su Excelencia son que usted acabe con Artigas y para esto contribuirá con cuantos auxilios están en el Poder.

Con respecto a que yo vaya a ayudarle, puedo asegurarle que lo conseguiré, advirtiéndole que debo alcanzar antes permiso Especial del Cuerpo Representativo de la Provincia para poder pasar a otra, mas tengo fundadas esperanzas de que todos los señores que componen este Cuerpo no se opondrán a sus deseos ni los míos cuando ellos sean ultimar al tirano de nuestra tierra.

No deje usted de continuar dándonos sus noticias, mucho nos interesa la suerte de Entre Ríos; para que usted le asegure una paz sólida todos estos señores Su QExcelencia el Señor Barón y yo trabajaremos. En todos casos quiera contar con la amistad de su atento su servidor y amigo, que besa su mano<sup>92</sup>.

O Rivera desta carta não parece o mesmo que por quase uma década apoiou Artigas e o Federalismo. Chamava de *Fidalgos* os luso-brasileiros, desconsiderando que fora o primeiro

<sup>91</sup> Archivo de Corrientes, Calle Pellegrini 1385, Sala 2 Don Hernán Félix Gómez, Correspondencia Oficial años 1810-1921, Tomo 09 Folio 053 al 055.

<sup>92</sup> Ibid., p. 055.

a dar combate a Lecor em 1815 e há poucos meses era um dos principais chefes de confiança de Artigas. O Rivera que pretendia *ultimar al tirano* e auxiliar no que fosse necessário para Ramíres derrotar Artigas. Quais os fatores que fizeram Rivera mudar tão drasticamente de idéia? Quais argumentos e vantagens o Barão de Laguna ofereceu a Rivera para mudar tão drasticamente?

Oliveira Lima levanta a hipótese de que Rivera foi subornado por Lecor:

Dom João VI era o primeiro a preferir os enredos às pelejas, contanto que alcançasse o resultado visado. A propósito do suborno de Fructuoso Rivera. [...] Dinheiro de Lecor não só na Banda Oriental se derramava: também em Buenos Aires se fazia ao mesmo tempo sentir sua influência<sup>93</sup>.

Mas o dinheiro por si só seria suficiente para o caudilho abandonar a luta? A sua entrada no Exército luso-brasileiro também fazia parte de “tal acordo”? A mudança de discurso perante a visão artiguista também fazia parte de “tal acordo”?

A hipótese de suborno leva a outras hipóteses: Lecor utilizaria Rivera como um de seus maiores colaboradores militares, caso o houvesse comprado? Mandaria Rivera ser o comandante-geral de suas tropas para conter Lavalleja, em 1825?

O acordo de *Tres Arboles* nos dá uma pista de como houve esta profunda mudança no comportamento e pensamento de Rivera. O acordo com Lecor possibilitou ao caudilho sua permanência na Banda Oriental que, conseqüentemente, viu aumentado seu prestígio e importância para a política da região.

Al tanto Lecor de las tratativas realizadas, comunicaría más tarde a sus superiores que Rivera se había salido con muy ‘arduas exigencias’, por lo cual temiendo que aquél obrase ‘de mala fe’, ordenó al General Curado que marchara sobre Rivera. Curado envió rápidamente al Teniente Coronel Bentos Manuel Riveiro y al de igual clase Manuel Carneiro da Silva Fontoura, quienes, en la mañana del 2 de marzo de 1820, sorprendieron a Rivera con todas sus fuerzas y las redujeron. El mismo Rivera envió una comunicación al Cabildo, donde se daba cuenta de haber entregado al Teniente Coronel Manuel Carneiro el reconocimiento solicitado, no sin antes demostrar su enojo por la violación del armisticio celebrado. Temieron entonces los comisionados de Rivera diese cumplimiento a las veladas amenazas de continuar la guerra que se traslucían en su comunicación, por lo cual le invitaron a estacionarse en Canelones, donde Lecor remataría solemnemente el necesario acuerdo con el temible jefe oriental. El 8 de marzo, Rivera contestaba señalando cuánta importancia

<sup>93</sup> LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 397.

daba al establecimiento de ciertas condiciones para que la pacificación fuese realmente duradera. Casi de inmediato se encontraron Lecor y Rivera en Canelones y allí llegaron al definitivo acuerdo<sup>94</sup>.

O momento de transição entre o fim da guerra artiguista e a conquista da banda Oriental pelos luso-brasileiros também marcou um momento de transição na trajetória política de Rivera. A sua saída das forças artiguistas se mostrou polêmica e a sua situação política e militar mudou completamente, marcando sua trajetória. A atitude de Rivera, ao se aliar com os luso-brasileiros, foi polêmica. Para a compreensão deste acontecimento na vida política do caudilho, algumas hipóteses são pertinentes:

a) Frutuoso Rivera antecipou-se ao fato de que a resistência artiguista estava prestes a sucumbir; tirou o maior proveito possível da situação e aderiu ao exército comandado por Lecor.

b) Rivera, percebendo o aniquilamento do artiguismo, não poderia se exilar em Buenos Aires, como fizeram parte dos oficiais de Artigas (Juan A. Lavalleja, Manuel Oribe, após algum tempo, em Montevideu), pois seria hostilizado, uma vez que, sob seu comando, as forças artiguistas impuseram várias derrotas ao exército das Províncias Unidas.

c) Rivera almejava, desde o início de sua trajetória militar, uma posição central na política da Banda Oriental. Momentaneamente (1819) seria bom para seus interesses estar ao lado dos vencedores. Ao mesmo tempo afastava Artigas, o caudilho dominante na política da Banda Oriental.

Estas hipóteses estão interrelacionadas. Depois do período de dominação luso-brasileira, Rivera tentou explicar sua atitude, mas muitas lideranças políticas não aceitaram suas explicações sobre sua conduta frente ao fim do período artiguista<sup>95</sup>. Somente com uma demonstração de repercussão político-militar que este estigma seria abrandado pelos orientais.

Atacado por Ramíres, Artigas pediu exílio a Francia. E em 20 de setembro de 1820, Artigas entrou em território paraguaio:

Despojándole de los símbolos de su poder; dejando atrás una etapa de su vida, el Caudillo ingresaba en las tierras del Dictador. Quien fuera el amo de la mitad del Nuevo Mundo, traspasaba un umbral que lo convertiría en otro, tanto para sí mismo, como para la historia. Tenía 56 años y llevaba puesta una chaqueta colorada<sup>96</sup>.

<sup>94</sup> TORRE, 1965, p. 182.

<sup>95</sup> Cf. CAMARGO, 2001, p. 203.

<sup>96</sup> RIBEIRO, 2001, p. 169.

O caudilho não regressaria mais em vida para a Banda Oriental. Talvez pelo cansaço dos longos anos de lutas ou pela desolação que foram os seus últimos anos, com o abandono de seus aliados, Artigas saiu de cena, mas a Banda Oriental teria mais um longo período de lutas militares, políticas e fronteiriças. A Banda Oriental estava sob o domínio luso-brasileiro. O sonho português de estender as suas fronteiras ao Prata estava concretizado.

### 3. RIVERA: CORONEL DA CISPLATINA

#### 3.1. A Conquista da Cisplatina

A invasão da Banda Oriental pelo exército luso-brasileiro, em 1816, com argumento de acabar com o artiguismo, fez com que as forças artiguistas lutassem em duas frentes: de um lado, os ataques de Buenos Aires e, de outro, o exército brasileiro.

Durante quatro anos, Artigas e seus aliados, dentre eles Frutuoso Rivera, lutaram em prol do federalismo e do autonomismo provincial. Os conflitos no interior da Banda Oriental enfraqueciam o poder e o prestígio do caudilho oriental que, aos poucos, ia perdendo terreno para o exército luso-brasileiro. Muitos dos aliados de Artigas passaram para o lado de Buenos Aires ou aderiram ao exército brasileiro, que buscava agraciar os combatentes anti-artiguistas, sendo eles luso-brasileiros ou não.

Aos poucos Artigas foi se isolando. Suas milícias perdiam a maioria das batalhas travadas contra os luso-brasileiros. Alguns de seus antigos aliados, a partir de 1819, o combatiam. As dificuldades de manter frente ao exército invasor ficavam cada dia mais difícil. O fim da guerra passou a ser questão de tempo. Artigas se mantinha na campanha, mas nem com a sua força na região interiorana da Banda Oriental era capaz de suportar as adversidades na luta contra os luso-brasileiros, principalmente porque tinha como inimigo, também, Buenos Aires. Nas Palavras do Visconde de São Leopoldo, sobre as guerras na Banda Oriental:

As campanhas de 1811 e de 1812 foram um movimento de transição, a de 1816 progressivamente efetuou uma revolução, que principiou logo pela ocupação do país e acabou por incorporá-lo ao Brasil, persistindo ainda depois da independência com o título de Província Cisplatina; nem por essa união gozamos de mais tranqüilidade; as batalhas decisivas da Índia morta, de Catalã, de Taquarembó, foram infrutuosas; o mesmo benefício que a humanidade fez o ditador de Paraguai, Francia, apoderando-se em 1820 da pessoa de Artigas, destroçado e perseguido pelo caudilho Ramires, e confinando-o em Curuguati, oitenta e sete léguas a nordeste de Assunção, de baixo de cautelosa vigia, conciliando com generosidade os direitos do buscado asilo com os ditames de justiça, universal, não nos trouxe durador sossego; achavam-se destruídas as qualidades morais e nada havia a esperar de um povo depravado, avessado à longa rapina<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). *Anais da Província de São Pedro*. Série Documenta 11. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 175.

Apesar do discurso tendencioso do Visconde, retiram-se de seus escritos os episódios das três incursões luso-brasileiras na Banda Oriental: em 1811 e 1812, foram utilizadas para preparação do terreno e em 1816, para a conquista de fato. A situação era propícia: o enfraquecimento das Províncias Unidas, a desculpa em derrotar o nefasto artiguismo, o aumento de terras para os charqueadores da província de São Pedro e o gado eram os motivos apresentados pelo Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves na invasão da Banda Oriental<sup>98</sup>.

Com as derrotas de suas linhas, Artigas não voltaria a atuar no cenário político da Banda Oriental nem mesmo após a independência do Uruguai, em 1828. O seu exílio nas terras paraguaias de Francia, em 1820, foi definitivo. A saída de Artigas do cenário político da Banda Oriental, momentaneamente, não estava deixando herdeiros; o domínio luso-brasileiro parecia estar consolidado. Seus principais companheiros como Rivera e Lavalleja, naquele momento, estavam sob as ordens do exército luso-brasileiro.

Em 1821, as forças luso-brasileiras entraram em Montevidéu, dando continuidade as conquistas das Missões, em 1801, e do Arapey, em 1819. Agora, o expansionismo luso tinha conquistado mais uma região ao sul, fato que fez valer a construção da colônia do sacramento, em 1680, e todas as pendengas com a sua antiga rival: a Espanha. Os limites coloniais portugueses atingem o Prata.

A entrada de Montevidéu não foi apenas mérito de luso-brasileiros. Havia, entre os Orientais, quem estava de acordo com a incorporação da Banda Oriental pelos mesmos, tal como o deputado D. Garcia de Zuñiga de Lambi, que receberia a alcunha de traidor da pátria por grande parte da historiografia uruguaia, já que participou da “entrega” de Montevidéu aos luso-brasileiros, em 1821. Nas palavras do Visconde de São Leopoldo, a entrada do exército luso-brasileiro em Montevidéu e os demais acordos são descritos nestes termos:

Em abril de 1821, reuniram-se na capital de Montevidéu o cabildo e os deputados das diversas povoações; renhidos debates se levantaram, foram, por fim, assentindo às sólidas e bem refletidas razões de D. Garcia de Zuñiga de Lambi, e de outros deputados de igual conceito, que não bastando desejos de constituir-se nação independente, era indispensável que intervissem certos elementos de poder; ponderaram os perigos da federação com qualquer das repúblicas vizinhas, a impossibilidade de por si existirem na falta daqueles elementos e de resistirem a algum ambicioso externo; concluíram que em tais circunstancias o único meio para a

---

<sup>98</sup> COMIRAN, 2008, p. 146-150.

estabilidade seria o de incorporarem-se a alguma nação poderosa e então nenhuma melhor lhes convinha que Reino Unido de Portugal Brasil e Algarves<sup>99</sup>.

A Banda Oriental foi anexada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves com o nome de Província Cisplatina. Artigas estava exilado e fora de combate; seus comandados “bandearam-se” para Buenos Aires ou se integraram ao exército luso-brasileiro. Buenos Aires via no federalismo artiguista um poderoso inimigo, tão ou mais nocivo que a presença luso-brasileira no Prata. Naquele momento, a cidade de Buenos Aires não estava apta a fazer frente ao exército de ocupação, já que seus conflitos internos tinham desgastado enormemente tanto seu exército como, também, suas finanças. Desse modo, suas medidas marcaram a convivência com os luso-brasileiros na luta contra Artigas.

Artigas representava o inimigo comum. O general Frederico Lecor, o mesmo que invadira a Banda Oriental a frente do exército luso-brasileiro, em 1816, foi designado para administrar a Província Cisplatina.

A visão historiográfica uruguaia da conquista da Banda Oriental pelo exército Luso-brasileiro, obviamente, difere da descrita pelo Visconde de São Leopoldo:

A fue de hábil político, el general Lecor, jefe supremo de la ocupación, supo explotar la actitud servil de una parte de la burguesía letrada, rodeándose de muchos ciudadanos conspicuos, a los que confirió cargos y honores. Don Nicolás Herrera, uno de los más doctos leguleyos del Plata en su época, quien ya ejerciera de asesor al servicio del Directorio Porteño, nombrado secretario del general Lecor pudiéndose afirmar que fue su sagaz consejero em toda la política anexionista que siguió a la ocupación militar. Don Juan José Durán, el ex delegado del cabildo, que pacto em Buenos Aires la entrega de la Provincia Oriental al Directorio, es designado Intendente de la Provincia, la mayor autoridad civil. Don Tomás García de Zúñiga, don Lucas Obes, y otros nombres menos sonados, son agraciados con altos cargos administrativos, pingüentemente rentados, y com misiones diplomáticas ante la Corte de los Braganza. Estos funcionarios y otros numerosos ciudadanos burgueses incorporados a la administración lusitana em los Cabildos del interior, son los que, apoyados em la presión del ejército, realizaron em 1821 la farsa plebiscitaria de Congreso Cisplatino, que proclama la aneión de la Provincia al Reino Unido de Portugal, Brasil y Algarves, sancionando con todas las apariencias de la voluntad nacional el hecho de la conquista<sup>100</sup>.

A incorporação da Cisplatina, momentaneamente, legitimou a incorporação das Missões de 1801. Nos limites estabelecidos pelos deputados, a Cisplatina não teria como seu

<sup>99</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). *Anais da Província de São Pedro*. Série Documenta 11. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 182.

<sup>100</sup> ZUM FELDE, Alberto Zum. *Proceso Histórico Del Uruguay*. Montevideo: ARCA, 1991, p. 74



território as Missões. As Missões permaneceriam territórios da província do Rio Grande de São Pedro. Este fato repercutirá em 1828 no tratado de paz e nos limites territoriais da República da Banda Oriental do Uruguai.

No dia 28 de julho de 1821 foi aprovado pelos cabildantes, em Montevideu, a incorporação da Província ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, no qual ficou estabelecido:

- 1º Este territorio debe considerarse como un Estado diverso de los demás del Reino Unido, bajo el nombre de Cisplatino (a) Oriental;
- 2º Los límites de él, serán los mismos que tenía y se reconocían al principio de la Revolución que son: por el Este el Oceano; por el Sudel Rio de la Plata; por el Oeste el Uruguay; por el Norte el Rio Cuarey hasta la cuchilla de Santa Ana, que divide el rio Santa Maria y por esta parte el arroyo Tacuarembó Grande sigue a las puntas del yagaorón, entra em laguna del Mini, y pasa por el puntl de San Miguel a tomar el Chui que entra en el Oceano, sin perjuicio de la declaración que el Soberano Congreso Nacional com anuencia de nuestros diputados, dé sobre el derecho que pueda competir a este Estado a los campos comprendidos en la última demarcación practicada em tiempo del Gobierno español;
- 3º Gozará del mismo rango que los demás de la Monarquía y tendrá desde ahora su representación em el Congreso Nacional, conformándose no obstante a los principios que establezca la Constitución del Estado<sup>101</sup>.

O fato é que a região da chamada Cisplatina foi anexada e as Missões ficaram cada vez mais alijadas das disputas e reivindicações territoriais entre o Brasil e seus vizinhos. Buenos Aires não tinha legitimidade perante a maioria das potências européias; a Espanha já não representava mais uma ameaça a Portugal na região, pois a reconstituição do poder Espanhol estava cada vez mais distante.

Durante anos o artiguismo reivindicou a devolução do território missioneiro, como na invasão de 1812, comandada pelo filho adotivo de Artigas, Andresito. Mas derrotado o artiguismo, e com a saída da Espanha da disputa, o Brasil a anexou a Cisplatina e, por consequência, as Missões Orientais.

Portugal venceu a guerra colonial com a Espanha, no que tange a conquistas territoriais no sul da América, mas o êxito português foi parcial. Com a volta de D. João VI e sua corte para Portugal, o processo de independência do Brasil trouxe novas repercussões no Prata, tanto nas Missões quanto na Cisplatina.

---

<sup>101</sup>REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés. *Crónica General del Uruguay. La Emancipación*. Vol.III. 2ª Ed. Montevideo: Banda Oriental.1999. p.322.

### 3.2. A Cisplatina

Após a saída de Artigas, a Banda Oriental passou a ser governada por Lecor. Rivera estava a seu dispor, subordinado ao posto de Coronel. Os primeiros dois anos após a saída de Artigas do cenário político da Banda Oriental – Cisplatina –, tendo sob domínio os principais ex-companheiros de Artigas – como Rivera e Lavalleja –, facilitaram a “aparente” legitimação de domínio luso-brasileiro na Cisplatina.

A região sofria com a falta de recursos. O gado era escasso, devido ao consumo durante a guerra que suportou. Zum Felde relata que “el pueblo oriental no existe en 1820; el país es un despojo inerte; Montevideo un simple cuartel ocupado por los soldados portugueses. Esta es la Cisplatina”<sup>102</sup>.

Apesar de certo exagero, Zum Felde oferece um panorama da Banda Oriental. Os soldados artiguistas saíam dos *pueblos* do interior, *eram as sementeiras de soldados artiguistas*<sup>103</sup>; muitos não regressaram da guerra e outros, descontentes pela ocupação luso-brasileira, exilaram-se em Buenos Aires. Os primeiros anos após a derrota final de Artigas são de certa calma para o governo de Lecor; os longos anos de guerra entre o Artiguismo e luso-brasileiros empobreceram a região, principalmente de sua maior riqueza: O gado.

Em 1821 a Banda Oriental foi definitivamente regulamentada como posse Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves: “A Banda Oriental foi incorporada ao império colonial português sob a denominação de Província Cisplatina, separada do Reino do Brasil”<sup>104</sup>.

O cabildo de Montevideu aprovou a incorporação. O Barão de Laguna se tornou o governador da Cisplatina. Zum Felde discorre sobre os deputados de cabildo de Montevideu:

Los diputados que integran esse Congreso no son oscuros testafierros vendido a oro o a las amenazas del Conquistador: son los ciudadanos más ilustrados y representativos del país, patricios decididos cinco años mas tarde; nombres que después han de figurar entre los constyтуintes de 1830, entre los beneméritos de la Defensa y entre los personajes de Cerrito; agentes y secretarios de Artigas, como Larrañaga guerreros, los últimos en rendirse como Rivera<sup>105</sup>.

<sup>102</sup> ZUM FELDE, 1991, p. 77.

<sup>103</sup> Cf. CAMARGO, 2001, p. 198.

<sup>104</sup> Ibid., p. 203.

<sup>105</sup> ZUM FELDE, op. cit., p. 76-77.

Rivera estava junto a Lecor no ano de anexação da “Cisplatina” e adaptou-se bem, como um soldado luso-brasileiro, ocupando cargos e funções chaves na administração e na manutenção do poder luso-brasileiro na Cisplatina.

Si bien Rivera recién se rinde a los portugueses en 1820, ya aparece plenamente integrado al régimen en 1822, año en que su adhesión a Lecor será decisiva. Precisamente fue él el encargado de perseguir a Lavalleja, que conspiraba en el Rincón de Clara. Con la fuga de su compadre quedará destruido el foco principal de resistencia en la campaña<sup>106</sup>.

No início de 1822 o poder de Lecor estava consolidado, a administração e poder militar estavam sob seu controle. Rivera era uma peça fundamental de sua administração e poderio militar. Sob seu comando estava o Regimento de Dragões da União, mostrando sua adaptação ao novo momento político que passava a Banda Oriental, agora chamada de Cisplatina:

Corría el año de 1822, y aparentemente, una tranquilidad perfecta reinaba en la Cisplatina. Todo estaba sometido al orden de la dominación portuguesa. Votada por el Congreso la incorporación de la Provincia al reino de los Braganza, don Lucas Obes había sido enviado a la Corte de Lisboa para gestionar la firma del monarca. Lecor gobernaba a su arbitrio desde el Fuerte, manejando todos los resortes de la máquina administrativa. Los cabildantes eran sus obsecuentes cortesanos, y a sus convites, en que se desplegaba la pompa colorista del gusto brasileño – penachos, entorchados, alhajas, colgaduras, luminarias-, concurrían las damas patricias más conspicuas, dando su brazo a la bizarra oficialidad del Rey. Rivera y Lavalleja, que encarnaban el espíritu guerrero de la raza, comandaban, como jefes realistas el Regimiento de Dragones de la Unión.<sup>107</sup>

Esta calma era aparente, como diz Zum Felde. Permaneceria até setembro de 1822, quando o então príncipe regente do Brasil, D. Pedro de Alcântara, filho de D. João VI, aliado ao partido brasileiro, declarou a independência brasileira. Segundo autor da época:

Vacilava o regente entre os partidos, cujos interesses contrários aos de sua casa, havia tão pouco compreendido. E com jovem esposa, Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, e um filho recém nascido, acompanhado por poucos criados e um oficial

<sup>106</sup> ALONSO ELOY, Rosa; SALA DE TOURON, Lucia; LA TORRE, Nelson; RODRIGUEZ, Julio Carlos. *La Oligarquía Oriental en la Cisplatina*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1970, p. 227-228.

<sup>108</sup> ZUM FELDE, 1991, p. 79.

<sup>109</sup> ANÔNIMO, 1975, p. 138.

francês que lhe oferecera os seu serviços, ocultara-se em uma mísera casa de campo, sentindo-se abandonado por todos. Foi nesta emergência que se declarou a favor da causa brasileira, subindo ao trono que lhe era oferecido como Imperador Constitucional e Defensor perpetuo do Brasil, sob a legenda ‘Independência ou Morte’, horrível inscrição que êle próprio usara gravada em fita auri-verde, no antebraço esquerdo, como qualquer outro brasileiro<sup>108</sup>.

Mas a ruptura do Brasil com Portugal teve outras motivações. Principalmente após a volta de D. João VI para Lisboa e as pressões das Cortes em reativar o pacto colonial, a elite colonial tinha outras aspirações e a independências se tornava viável. Ainda mais que:

Nenhum argumento em favor do governo do príncipe poderia parecer tão convincente quanto a ameaça, atribuída às Cortes, de libertação dos escravos do Brasil. Fora, pois, justamente a vontade de manutenção do regime escravista e do lucrativo tráfico negreiro que levava os setores diretamente beneficiados por esse estado de coisas a se empenhar desde a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, nos negócios da política, numa conjugação que vinha se mostrando desde então bastante bem-sucedida. A justificativa ideológica para esta articulação, denunciada pelas mesmas palavras de D. Pedro, estava na defesa dos ‘reconhecidos direitos da Augusta Casa de Bragança’ e do empenho dos habitantes do Brasil em salvar ‘a Realeza, neste grande Continente Americano’ desprezando ‘propensões republicanas’<sup>109</sup>.

Na Cisplatina a independência do Brasil iria reativar as antigas lutas políticas. Mesmo que em 1822, “alterou pouco o panorama uruguaio, na medida em que era território guarnecido por tropas, em sua maioria, fiéis a Lisboa”<sup>110</sup>.

A maioria das forças militares era fiel à metrópole, mas Lecor, o Barão de Laguna, resolveu apoiar a independência brasileira e reconhecer o Imperador D. Pedro I. Sua posição causou a divisão das forças luso-brasileiras. Álvaro da Costa não reconheceu a independência brasileira. Formaram-se, assim, dois partidos distintos na Cisplatina: os partidários pró-independência, comandados por Lecor, e a resistência lusitana, comandada por Álvaro da Costa. Cartas da época mostram a posição do general português:

Los Europeus se han pronunciandos abiertamen..<sup>te</sup> á favor de nuestra independencia (a mas no poder y p.<sup>r</sup> sus mismo intereses) prometiéndonos dexar el pais constituido al momento de sus abandono – baxo las propuestas hechas, á ese Gov.<sup>o</sup> q.<sup>c</sup> creo á

<sup>108</sup> ANÔNIMO, 1975, p. 138.

<sup>109</sup> SLEMIAN, 2003, p. 83.

<sup>110</sup> CAMARGO, 2003, p. 203.

esta fha en manos de V ; y acompañando anoche 15 en Teatro repetidísimas voces de *vivan los apreciables habitantes de Mont.<sup>o</sup>* proferidas con estusiasmo p.<sup>r</sup> d.<sup>n</sup> Alvaro Oficiales y tropa – Yo no he podido a resistir á mis – / impulsos – al ver tan propicios momentos y he embiado ayer á un hermano mio á prevenir particularm.<sup>te</sup> a Laballeja (con quien esta intimam.<sup>te</sup> relacionado); de todo lo ocurrido; q.<sup>c</sup> trate de evitar los lazos con su compatriota Garcia , reuna el mayor numero de gente posible q.<sup>c</sup> se haga independiente. - q.<sup>c</sup> evite el comprometerse y q.<sup>c</sup> se esta á la expectativa, asegurandole al mismo tiempo, de las mas sana intenciones de ese Gobierno acia este Pais; y mucho lo q.<sup>c</sup> se interesa p.<sup>r</sup> su suerte futura<sup>111</sup>.

Poucos dias após a declaração da independência brasileira, as forças políticas pró-Buenos Aires, em Montevidéu, já começaram a se mobilizar para a expulsão do exército de ocupação, querendo aproveitar-se da divisão entre, agora, brasileiros e portugueses. Montevidéu estava controlada por forças fiéis a Lisboa, sob o comando de Álvaro da Costa e este foi um dos motivos para o Barão de Laguna deixar a capital e se instalar em São José. Silvestre o Blanco comunicou a Rivadavia, então presidente da Províncias Unidas do Prata, que, em 18 de Outubro de 1822, o Cabildo de Montevidéu não estava mais sob as ordens do Barão de Laguna:

Incluyo quatro Papeles Públicos, que son los últimos q.<sup>c</sup> aquí han salido. – El Cabildo ha extendido una Acta suspiendiendo la obediencia à el Gral. Lecor, y ahora debe oficiarle se concentre, retire à la Frontera para qe todos los Pueblos elixan libremente sus Diputados para un Congreso; -- si el Baron no se retira, esta Ciudad, y sus Suburbios, procederan à la convocación de esta Asamblea, y se nombraran Suplentes por los Rublos de la Campaña, q.<sup>c</sup> no estuvieren libres; -- esto es lo q.<sup>c</sup> piensa hacerse, y mientras se realiza, ò el Cabildo da su Manifiesto, opino no deban publicarse estas noticias. – Espero salgan electos Españoles respetables ò por sus luzes ò riqueza y todos actualm.<sup>te</sup> adictos à la justisima causa de pays [...]<sup>112</sup>.

Os procedimentos em Montevidéu para a suspensão de poderes do Barão deram-se principalmente por ele ser adepto da independência brasileira. Também percebe-se na carta que apesar de já terem se passado uma década do início do processo de independência, ainda Blanco chama da *Españoles* os políticos que ele desejava que fossem eleitos. Este aspecto

<sup>111</sup>ACERVO WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica, Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo – NDH – PPGH – UPF. Montevideo. Colección de Manuscritos. Tomo 105, doc. 1. Manuscrito original del puno y letra de Silvestre Blanco; dos fojas; papel sin filigrana; formato de la hoja: 200 x 153m. interlínea: 5 a 6mm.; letra inclinada; conservación buena. Lo indicado entre préntesis y rectos [ ] no figura en el original y lo entre paréntesis curvos y rectos ([ ]) está testado. In: *Documentos para la historia política del plata*. Nº 07, p. 350-351.

<sup>112</sup> Ibid., p. 351.

mostra como ainda está arraigada na cultura da Banda Oriental a herança da colonização espanhola.

A Cisplatina foi um dos maiores focos de resistência à independência brasileira, devido ao grande número de lusitanos nas linhas militares que guarneciam a ocupação:

As tropas provisórias da Província, constituídas de portugueses e brasileiros, estavam sediadas em pontos diferentes, de modo que os últimos, isto é, a cavalaria de linha e de milícias do Rio Grande, ocupavam o interior, ao passo que os portugueses, com seus contingentes de infantaria, guarneciam as cidades como Colônia, Maldonado e principalmente Montevideú, onde estacionava o grosso das tropas sob o comando do general Lecor, que ali estabelecera o seu Quartel General<sup>113</sup>.

Montevideú não era segura para o Barão de Laguna. Assim, “o marechal que outrora fora o ídolo de seus soldados, teve de fugir a noite, com um cento de seus adeptos, para não cair prisioneiro dos próprios comandados”<sup>114</sup>.

Ainda em outubro de 1822 Rivera estava sob o comando de Lecor. Nesta época, Julián Gregório Espinosa informou-o que Manuel Barreo foi enviado a San José com duzentos homens, pedidos por Lecor:

Mi mui estimado amigo: el Jueves de la semana anterior estubo aqui de paso para S.<sup>n</sup> Josè D. Manuel Barreto Capitan de Dragonos que va com la comandância de 200 hombres pedidos por el Sor Baro, y com mil recomendaciones y afectos de parte de su hermanos el S. Sebastian, me dejó la adjunta para V. q.<sup>c</sup> por haberle estado aguardando la he detenido hasta ahora [...] <sup>115</sup>.

Rivera estava a par das mudanças ocorridas com a proclamação de D. Pedro I e sabia que as forças de ocupação poderiam oscilar entre contrários e a favor da independência. A Cisplatina estava se preparando para mais agitações políticas. Neste momento, a luta pela Cisplatina tem outro protagonista: O Brasil independente. Soma-se a ele o interesse da Coroa portuguesa, o unitarismo de Rivadavia – Buenos Aires – e os próprios orientais, que ainda tinham em sua memória recente o federalismo artiguista.

---

<sup>113</sup> ANÔNIMO, 1975, p. 141.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>115</sup> RIVERA, Fructuoso. *Correspondencia con Julian Gregorio Espinosa*. Prologo de Elisa Silva Cazet. Montevideo: República Oriental del Uruguay – Cámara de Representantes, 1993, p. 25.

Estes duzentos homens foram utilizados para adentrar Canelones e Maldonado, com a missão de subjugar a população a fazer o juramento ao novo Imperador. Em Maldonado, Rivera os comanda:

[...] El Brigadier Margues vino à ([S.<sup>n</sup>]) Canelones con 200 hombres llamó à los habitantes à Cabildo p.<sup>a</sup> q.<sup>c</sup> jurasen à el Emperador; viendo q.<sup>c</sup> saliesen los q.<sup>c</sup> habian entrado la Iglesia, à esperar q.<sup>c</sup> saliesen los q.<sup>c</sup> habian entrado en ella p.<sup>a</sup> el entierro de la hija de un Frances llamado Champan; salen los Doloridos, y acompañamiento, y al momento por una sabia maniobra militar todos fueron hechos Prisioneros, ([y]) conducidos à cabildo, y obligados à firmar el/ juramento à el Emperador; algunos q.<sup>c</sup> se resistieron fueron conducidos à la vista de los Soldados p.<sup>r</sup> Marquez, q.<sup>n</sup> le dixo &<sup>a</sup> de un modo semejante se ha hecho la jura en S.<sup>n</sup> Jose, y ([Canelones]) y las Piedras. Frutos con un Ex.<sup>to</sup>, hace 3 dias, de 15, hombres ha ido à Maldonado con comisiones iguales à las precedentes, p.<sup>o</sup> se aseura lo encontò algo fermentado, y q.<sup>c</sup> se ha traído preso à S.<sup>n</sup> Jose à uno de Cavildo. – Incluyo un, q.<sup>c</sup> expresa el sobre<sup>116</sup>.

Este documento aponta para a participação efetiva de Rivera, no que diz respeito à política de Lecor. Como nos tempos de Artigas, Rivera acatava todas as determinações de seu chefe, sendo um dos principais soldados de Lecor contra as forças insurgentes.

Neste momento, a Cisplatina estava novamente dividida. As forças portuguesas dominam as principais cidades e as forças brasileiras dominam o interior. Rivera optou por permanecer partidário da causa dos brasileiros.

Em novembro de 1822, Carlos Alvear, em correspondência, relata que

[...] D.<sup>n</sup> frutos aestado em comunicaciones privadas com Lusio Masilla, a Grelo secretario dentrerios mea ynformado desto, asegurandome, que Mansilla conose mui bien a D.<sup>n</sup> frutos y sabe que es un picaron, El enterrios nodara un paso sin antes ponerse de acuerdo con Buenos ayres [...] <sup>117</sup>.

<sup>116</sup> ACERVO WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica, Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo – NDH – PPGH – UPF. Museo Histórico Nacional. Montevideo. Colección de Manuscritos. Tomo 1005, doc. 7. Manuscrito original del puno y letra de Silvestre Blanco; dos fojas; papel sin filigrana; formato de la hoja: 230 x 186mm. interlínea: 4 a 7mm.; letra inclinada; conservación buena. Lo indicado entre préntesis y rectos [ ] no figura en el original y lo entre paréntesis curvos y rectos ([ ]) está testado. Apud: Revista Histórica: *Documentos para la historia política del plata*. N<sup>o</sup> 12, s/ano: p. 356.

<sup>119</sup> Ibid., p. 375.

Alvear subestimou Rivera. Não tendo consciência da astúcia política do caudilho, sentenciou que Rivera era aliado de Buenos Aires e, na verdade, Rivera permanecia sob o comando do Barão de Laguna.

Com a saída das forças portuguesas da Cisplatina, o poder de Lecor enfraqueceu. Meses antes da proclamação de D. Pedro I, Silvestre Blanco, em carta a Juan O. Blanco, analisou as conseqüências da divisão das forças de ocupação.

¿ Estas tropas Europeas ò continuan obedeciendo à su Rey, y Cortes de Lisboa, ò se someten à el Principe del Brasil? el primer caso por ahora no se prevèe, e si continuase asi, no opino pueda producir tan fatales consecuencias à este pays, como el 2º que es mas probable, no obstante la gran inferioridad numerica de los Brasileños con respecto à los Europeos, q.º existen en esta Provincia; y embarcandose estos, com ya ha dicho, al momento estos habitantes se aperciviran la notavle debilidad de as tropas restantes ¿ y esta suposicion no es de temer con fundamento, conociendo el Espiritu publico, y exaltado de nuestra Campaña, que se forme repentinamente una Montonera de Gauchos sin orden, disciplina y sistema, y q.º por su poca ilustracion envuelvan à el pays en una anarquia<sup>118</sup>.

De fato Silvestre Blanco acertou sobre a divisão das tropas de ocupação, mas errou no que diz respeito as tropas em prestarem juramento ao príncipe. A retirada das tropas portuguesas da Cisplatina diminuiu consideravelmente o poder militar do Barão de Laguna.

A partir de 1823, gradualmente, Rivera foi se afastando de Lecor. Os anos que antecederam a guerra Cisplatina foram marcados pela tensão política entre Buenos Aires e o Império do Brasil. A justificativa anterior para a dominação da Cisplatina era assegurar a posse da região em nome da coroa espanhola, pois, desde 1808, Portugal e Espanha se aproximaram contra a França. Devido a esta aproximação, aliado ao interesse tanto territorial quanto econômico português no território do Prata, foi possível a interferência luso-brasileira de 1811 e 1817<sup>119</sup>, esta última com um aspecto relevante para a legitimação do domínio luso no território: o federalismo artiguista, que poderia contaminar os demais territórios tanto de domínio espanhol como, e principalmente, os territórios fronteiriços da Banda Oriental de domínio lusitano, no caso a Província do Rio Grande de São Pedro<sup>120</sup>.

A partir da independência brasileira estas justificativas não se sustentaram mais. A de ajuda entre as coroas não faz mais sentido, pois Portugal havia anexado a Banda Oriental a

<sup>118</sup> ACERVO WALTER RELA, S/ano, p. 343.

<sup>119</sup> As movimentações do exercito luso-brasileiro começaram no ano de 1816, mas a efetiva incursão pelo território da Banda Oriental se deu em início de 1817. Cf. COMIRAN, 2008, p. 146.

<sup>120</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). *Anais da Província de São Pedro*. Série Documenta 11. Porto Alegre: Mercado Aberto 1982. p. 175.



seu território e não pensava em devolvê-la à Espanha. Esta posição fazia com que Fernando VII reivindicasse a posse e ameaçasse a invasão da região com um grande exército, fato que levaria, mais uma vez, a guerra entre as coroas ibéricas<sup>121</sup>.

Outra argumentação pela posse da Cisplatina se dava no âmbito do desagrado de uma parte influente da população com as políticas artiguistas. Mais tarde, este segmento seria prejudicado pela administração do Barão de Laguna, que transferiu gado *Vacum* para a província do Rio Grande de São Pedro<sup>122</sup>.

A divisão das forças de ocupação, que gravitando entre Lecor e Álvaro da Costa, e a posterior desocupação da Cisplatina, juntamente com o embarque de um grande número de soldados portugueses rumo a Lisboa, proporcionaram o momento de agitação política por parte dos Orientais exilados nas Províncias Unidas, principalmente fixados em Buenos Aires, que almejavam a reconquista da Banda Oriental e a expulsão tanto de portugueses como de brasileiros daquele território. A partir de 1824, a Cisplatina tornou-se uma questão de interesse sul-americano. Brasileiros e “Argentinos”, buscavam o domínio da região. A independência do Brasil desencadeou essa nova conjuntura:

Foi nessa conjuntura do movimento de independência do Brasil que, após 7 de setembro de 1822, a paz entre Portugal e o Brasil, em 1823, e a retirada das tropas lusitanas da Banda Oriental, em 1824, a Cisplatina passou a ser uma questão exclusivamente sul-americana. O cabildo de Montevidéu julgou-se traído pelo brigadeiro Álvaro da Costa, que não cumprira o acordo de entregar-lhe a cidade caso viesse a evacuá-la<sup>123</sup>.

A situação da Cisplatina se tornava indefinida. Os brasileiros queriam dominá-la como era dominada em conjunto com os portugueses, e os orientais, principalmente comerciantes e estancieiros, não estavam satisfeitos com os favorecimentos que comerciantes e estancieiros de origem brasileira recebiam da administração de Lecor<sup>124</sup>.

Aliando-se ao descontentamento dos orientais que viviam na Cisplatina, estavam os orientais que viviam exilados, principalmente em Buenos Aires. Esperavam o momento oportuno de retornar a Banda Oriental – Cisplatina – e expulsar os brasileiros.

---

<sup>121</sup> COMIRAN, 2008, p. 144.

<sup>122</sup> PADOIN, 2001, p. 59-60.

<sup>123</sup> GOLIN, 2002, p. 98.

<sup>124</sup> Cf. SLEMIAN, 2003, p. 65-70.

### 3.3. Os *Treinta y tres Orientales*<sup>125</sup> e a Guerra entre o Império do Brasil e Buenos Aires

A maior força oposicionista na Cisplatina contra a incorporação começou a se formar já em 1819, em Montevideu. Quadros da maçonaria, de influência da loja maçônica de Buenos Aires, tinham p5or objetivo a independência total das províncias do Prata. Muitos dos chamados *Treinta y tres Orientales* eram maçons. Eles foram os responsáveis pelos primeiros movimentos militares de libertação da Cisplatina do domínio brasileiro.

Un escrito de época, anónimo, que se conserva, entre los papeles de Bernadino Rivadavia, em el ‘Museo Mitre’ de Buenos Aires. Em dicho escrito se dice: ‘El club patriótico de Montevideo denominado Caballeros Orientales surgió de la gran Logia de los Lautaro establecida em Montevideo y em disidencia con la que existía en Buenos Aires. Don Santiago Vázquez era uno de sus antiguos miembros: y suyo fue el pensamiento de la creación de una sociedad patriótica con la denominación ya indicada, él confecciono el reglamento que debía regirla. La casión para la instalación de la sociedad de Caballeros Orientales, fue el anuncio de una expedición de tropas españolas que se preparava em Cádiz com destino al Rio de la Plata; y el objeto exclusivamente patriótico, el de organizar el país y prepararlo a resistencia contra los invasores [...]. La sociedad trabajó em el sentido de la pacificación del País, para evitar su desolación mediante una pequena guerra inútil y ruinosa que sustentían las partidas de Artigas. Em esto estaba perfectamente de acuerdo el Baron de Laguna que segundaba aquellos trabajos [...]. Pero mas tarde cuando el Brasil se emancipo, y sobrevino la disidencia entre las tropas brasileñas y portuguesas que ocupaban el territorio oriental, la sociedad renovo sus patrióticos trabajos y el Cabildo de Montevideo envio su primer comisionado – Iriarte – cerca del Gobierno de Buenos Aires em demanda de auxilio y protección<sup>126</sup>.

Apesar do enfraquecimento do poder militar inimigo, os Cavalheiros Orientais sabiam que não podiam somente com suas forças expulsar o invasor, precisavam ter o auxílio das demais províncias do antigo Vice-reinado do Prata e o primeiro aliado a se obter seria Buenos Aires. O próximo passo, após a libertação da Cisplatina, para muitos membros dos *Orientales*, seria a união com as Províncias Unidas do Prata. O inimigo agora não era mais os espanhóis, mas, sim, o Império brasileiro. Após cair o último reduto do colonialismo espanhol na América, em 1824, com a vitória de Ayacucho, os emigrados da Banda Oriental que se encontravam em Buenos Aires ficaram mais dispostos a expulsar os brasileiros da Banda

<sup>125</sup> Como ficou conhecido o grupo comandado por Lavalleja que tinha o objetivo de expulsar o governo brasileiro da Cisplatina (Banda Oriental).

<sup>126</sup> REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés. *Crónica General del Uruguay. La Emancipación*. Vol. III. 2ª Ed. Montevideo: Banda Oriental, 1999, p. 358-359.

Oriental. O momento era propício, pois sequer era garantida a independência do próprio Brasil. À frente das conspirações contra a dominação brasileira estava Don Juan Antonio Lavalleja.

Retirado momentaneamente a ala vida privada, después de sus infructuosas andanzas por las provincias, Don Juan Antonio Lavalleja se ha hecho cargo del Saladero de Trápani, em Barracas, suburbio bonaerense. Pero el carácter inquieto y guerrero de caudillo ha hecho de aquel retiro industrial um centro de conspiración política. Frecuentemente reúnen allí algunos emigrados para conversar de la patria ausente, alimentando sus esperanzas de reconquista. Después de Ayacucho, em los primeros meses del año 25, el anhelo de libertad se hace propósito, y los emigrados forjan el temerario proyecto de una cruzada. El ambiente político del Plata está preparado, por efecto de los sucesos de 1823, para la empresa lavallejista. Em Buenos Aires, um fuerte partido popular del que son dirigentes Dorrego, Rosas, Anchorena – el partido que poco después había de llamarse Federal – propicia la campana reivindicadora de la Provincia Oriental, considerándola como parte del territorio argentino<sup>127</sup>.

Existia, em Buenos Aires, uma oposição política de origem Oriental muito forte contra o domínio brasileiro na Cisplatina. Esta oposição, liderada por Lavalleja, encontrava apoio no Partido Federal de Buenos Aires, contrário ao centralismo de Rivadavia, então presidente das Províncias Unidas do Prata. Desse modo, os chamados *Treinta y Tres* saíram e obtiveram o apoio do Partido Federal, fortalecendo a idéia de federalismo e aumentando o ímpeto dos orientais emigrados ao verem o antigo projeto artiguista ressurgir.

No entanto, existiam várias tendências políticas *Orientales*. Estas variavam da independência tanto do domínio brasileiro como das demais províncias platinas, ou à sua reincorporação às Províncias Unidas do Prata, sob os moldes do federalismo, que agora encontrava eco também em Buenos Aires, através do Partido Federal. Golin chama atenção que:

Em uma operação direta realizada contra o Brasil, o desembarque dos trinta e três orientais já trazia uma contradição com a Argentina que iria emergir posteriormente na disputa das áreas de soberania. Em sua instalação o governo provisório, sob a presidência de Lavalleja, ‘presta obediência como parte integrante do território argentino’<sup>128</sup>.

Quanto a aparente neutralidade de Buenos Aires, no início de 1825, Abadie destaca:

<sup>127</sup> ZUM FELDE, Alberto. *Proceso Historico Del Uruguay*. Montevideo: ARCA, 1991, p. 87.

<sup>128</sup> GOLIN, 2003, p. 96-97.

A pesar de la actitud oficial de neutralidad, el gobierno de Buenos Aires también cooperó, con aportes en armas, algún dinero y un lanchón entregado a Lavalleja, el 11 de abril de 1825. En cuanto las armas, Manuel Oribe logro, por intermedio de fuerte comerciante español, José Maria Platero, avencidado en Montevideo, retirar ‘unas 200 tercerolas que desde el año 1823 tenia depositadas en la aduana’<sup>129</sup>.

Com o reforço financeiro e armamentos, *los orientales* estavam cada vez mais preparados para a insurreição. Desembarcaram em território Oriental em 19 de abril de 1825. Lavalleja optou, em um primeiro momento, em difundir entre a população local as idéias de libertação do domínio brasileiro. Esta difusão se deu através de um impresso que dizia:

¡Viva la Pátria! Argentinos-Orientales: llegó el momento de redimir nuestra amada patria de la ignominiosa esclavitud con que ha geminado por tantos años, y elevarla con nuestro esfuerzo al puesto eminente que le reserva el destino éntrelos pueblos libres del Nuevo Mundo. El grito heroico de libertad retumba ya por nuestros dilatados campos con el estrépito belicoso de la guerra. El negro pabellón de la venganza se ha desplegado, y el exterminio de los tiranos es indudable. ¡Argentinos-Orientales! Aquellos compatriotas nuestros, en cuyos pechos arde inexhausto el fuego sagrado del amor patrio y de que más de uno ha dado relevantes pruebas, entusiasmo y su valor, no han podido mirar con indiferencia el triste cuadro que ofrece nuestro desdichado país, bajo el yugo ominoso del déspota del Brasil. Unidos por su patriotismo guiado por su magnanimidad, han emprendido el noble designio de liberta los. Decididos a arrostrar con frente serena toda clase de peligros, se han lanzado al campo de Marte con la firme resolución de sacrificarse en aras de la su tranquilidad y su gloria. Vosotros que os habéis distinguido siempre por vuestra decisión y energía, por vuestro entusiasmo y bravura, ¿consentiréis aún en oprobio vuestro el infame yugo de un cobarde usurpador? ¿Seréis insensibles al eco dolorido de la patria, que implora vuestro auxilio? ¿Miraréis con indiferencia el rol degradante que ocupamos entre los pueblos? ¿No os conmovrán vuestra misma infeliz situación, vuestro abatimiento, vuestra deshonra? No, compatriotas: los libres os hacen la justicia de creer que vuestro patriotismo y valor no se han extinguido y que vuestra indignación se inflama al ver las Provincia Oriental como un conjunto de seres esclavos, sin gobierno, con nueso propio más que sus deshonras y sus desgracias. Cese ya, pues nuestro sufrimiento. Empuñemos la espada, corramos al combate y mostremos al mundo entero que merecemos nuestro honor y purifiquemos nuestro suelo con sangre de traidores y tiranos. ¡Temple el déspota del Brasil de nuestra venganza! Su cetro tiránico será convertido en polvo y nuestra cara patria verá brillar em sus sienes el laurel agosto de una gloria inmortal. ¡Orientales! Las provincias hermanas sólo esperan vuestro pronunciamiento para protegeros en la heroica empresa de reconquistar vuestros derechos. La gran nación argentina, de que sois parte, tiene gran interés en que seáis libres, y el Congreso que rige sus destinos

<sup>129</sup> REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés . *Crónica General del Uruguay. La Emancipación*. Vol.III. 2ª Ed. Montevideo. Banda Oriental. 1999. p386.

no trepidará en asegurar los vuestros. Decidíos pues, y que el árbol de la libertad fecundizado con sangre vuelva a aclimatarse para siempre en la Provincia Oriental. ¡Compatriotas! Vuestros libertadores confían en vuestra cooperación a la honrosa empresa que han principiado. Colocado por voto unánime a la cabeza de estos héroes, yo tengo el honor de protestaros en su nombre y en mío propio, que vuestras aspiraciones sólo llevan por objeto la felicidad de nuestro país, adquirirle su libertad. Constituir la Provincia bajo lo sistema representativo republicano en uniformidad a las demás de la antigua unión. Estrechar con ellas los dulces vínculos de la horrible plaga de la anarquía y fundar el imperio de la ley. ¡He aquí nuestros votos! Retirados a nuestros hogares después de terminar la guerra, nuestra más digna recompensa será la gratitud de nuestros conciudadanos. ¡Argentino-Orientales! El mundo ha fijado sobre vosotros su atención. La guerra va a sellar vuestros destinos. Combatid, pues, y reconquistad el derecho más precioso del hombre digno de serlo. Juan A. Lavalleja. – Campo volante, em Soriano, Abril de 1825<sup>130</sup>.

Este manifesto deixava clara a intenção de Lavalleja em libertar a Província Cisplatina e reincorporá-la ao mando de Buenos Aires, porém, sob a bandeira do federalismo. O manifesto também argumentava que sob o comando geral da União – Buenos Aires –, a Banda Oriental teria mais força para refutar a anarquia e fazer com que a lei fosse cumprida. Este trecho demonstra que Lavalleja não acreditava que a Banda Oriental pudesse se autogovernar. Desde 1823, Lavalleja lutava pela libertação da Cisplatina do jugo brasileiro. Utilizava o republicanismo para atrair a adesão dos orientais e chamava de tirânica a monarquia imperial brasileira. Em sua convocação, conclamava Argentinos-Orientais. Sua intenção era lembrar a população da Banda Oriental de seus vínculos culturais com as demais províncias do Prata, e não com o Império brasileiro.

“Cruzada libertadora”. Assim era denominado o movimento de 1825. Lavalleja deixava claro que se tratava de uma reunificação às províncias platinas. A denominada Guerra da Cisplatina envolvia o Império brasileiro e Buenos Aires, que buscava anexar a Cisplatina – Banda Oriental –, à sua esfera política. O choque de interesses entre as duas nações provocou uma guerra que, de 1825 a 1828, transformou o panorama geopolítico do Prata.

Lecor destacou Rivera para dar o primeiro combate aos “invasores”, todavia, o caudilho abandonou o Brasil e aderiu ao movimento revolucionário comandado por Lavalleja. O momento da sua saída é retratado entre as historiografias brasileira e uruguaia. Segundo Arreguine, historiador uruguaio:

Rivera saiu ao encontro de Lavalleja com 70 homens, e embora tivesse prometido ser fiel ao Brasil, no manifesto de fevereiro, o certo é que, estando em Mozon o Brigadeiro Rivera, despachou um próprio pedindo a incorporação de um subalterno,

<sup>130</sup> ABADIE, 1999, p. 118-119.

e esse próprio sendo aprisionado por Lavalleja, este imaginou um estratagema a fim de obrigá-lo a passar-se para os patriotas. Com efeito, o chefe dos trinta e três armou uma emboscada e tomou Rivera de surpresa quando este se aproximava com sua ordenança para reconhecer as forças que acreditava serem suas [...]. Provalvemente o estratagema foi obra dos dois caudilhos que eram compadres e haviam feitos juntos a primeira guerra da independência<sup>131</sup>.

O Barão do Rio Branco também descreveu o momento, não fugindo muito às afirmações de Arreguine:

O General Frutuoso Rivera, que saíra de Colônia com uma escolta, a fim de reunir as nossas forças e combater a insurreição de que era chefe Lavalleja, foi surpreendido por este e aprisionado. Após conferenciar com seu antigo companheiro, resolveu aderir à revolução e prometeu facilitar a surpresa dos destacamentos brasileiros, valendo-se da autoridade que tinha como comandante-geral<sup>132</sup>.

Rivera saiu no momento em que sua importância havia crescido entre os militares que lutavam em favor do Brasil e a sua adesão ao movimento revolucionário provocou uma maior força e mais adesões ao movimento:

Preparada de antemano por emisarios enviados semanas antes desde Buenos Aires, la pequeña hueste se vio aumentado su número con sucesivas incorporaciones; entre ellas la de Rivera, a la sazón Comandante General de la Campaña al servicio del Brasil, ocurrida el 27 de abril en el dramático episodio de las proximidades del arroyo Monzón. La incorporación de Rivera procuró a la Cruzada la paulatina adhesión de las gentes de la campaña – pequeños hacendados y peones –, donde aquél había asentado su prestigio en tiempos de la ‘Patria vieja’, y durante la dominación luso-brasileña que acató desde comienzo de 1820<sup>133</sup>.

Para compreendermos a importância da incorporação de Rivera à causa dos *Treinta y Tres*, temos que levar em consideração o prestígio alcançado pelo caudilho no período de dominação luso-brasileira e brasileira. Sobre o seu contato direto com a população e como

<sup>131</sup> ARREGUINE, Victor. Historia del Uruguay. Boletín de Informaciones E. M. del Ejército. Número especial en homenaje al Brig. Gal. D. Frutuoso Rivera, en el 106 aniversario del Ricón de Las Gallinas. In: CARNEIRO, Davi. *História da Guerra Cisplatina*. Vol.41. Brasília: Universidade de Brasília. 1983. p.32.

<sup>132</sup> RIO BRANCO apud CARNEIRO, 1983, p. 32.

<sup>133</sup> CASTELLANOS, Alfredo R. *Historia Uruguaya/ Tomo 3: La Cisplatina, la independencia y la república caudillesca, 1820-1838*. Montevideo: Banda Oriental, 1975, p. 36.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 11.

figura central, principalmente do interior, no que diz respeito ao aspecto militar da Cisplatina, entende-se que

La supresión de las pulperías volantes donde los pequeños hacendados y “gentes sueltas” de la campaña realizaban un reducido comercio de cueros que eludía los gastos y demoras de su conducción a Montevideo; la represión del contrabando y del vagabundeo, obligando a los hombres sueltos, sin oficio ni beneficio, a convertirse en peones o ser enrolados como soldados. Muchos de ellos se alistaron en las milicias departamentales criollas que reconocían como su jefe superior a Rivera, convirtiendo a éste en la figura de mayor prestigio del medio rural, reconocido por sus hombres, y contemplado por las autoridades portuguesas; este prestigio sería de enorme significación cuando su incorporación a la cruzada libertadora de 1825<sup>134</sup>.

Esta cartada levantou sérias evidências de que o caudilho aliou-se aos luso-brasileiros em 1820, com o intuito de ser uma espécie de agente infiltrado, confrontando-se com a tese de seu suborno. Em 1826, os centralistas de Buenos Aires o acusaram de traidor. Rivera argumentou:

[...] Podra Ser mi amigo crimen de alta traicion el aver sucumbido al fuerte poder delos portugueses q.º nos esclavisaron 5 años y en este tiempo aver Sufrido todos los martirios que proporciona un tirano que triunfa; aver luchado contra la espertesa yvigilancia de los dominantes. Sacar partido de nuestra misma esclavitud para entienpo oportuno darle ael pais Suliverdad que avia perdido y con ella mucha Sangre vertida y arruinada casi alos vordes una riqueza incomparable [...] <sup>135</sup>.

Durante o período em que Rivera se manteve nas linhas de Lecor, acabou ganhando, aos poucos, mais poder dentro do exército luso-brasileiro. Com a saída das forças portuguesas, o caudilho oriental conseguiu ainda maior confiança. Com a sua “traição”, Rivera tornou-se para Lecor um de seus maiores inimigos, maior até que o próprio Lavalleja, que era o líder dos orientales: “Exasperado pela defecção de Rivera, Lecor pôs a sua cabeça prêmio, oferecendo 2.000 pesos por ela. Não contente com isso, ofereceu um prêmio complementar de 1.500 pesos pela cabeça de Lavalleja”<sup>136</sup>.

Rivera tornou-se o alvo central, pois a sua saída do exército brasileiro foi usada pelo Brasil para propagandar os malefícios da caudilhagem no Prata e, principalmente, para argumentar que os caudilhos primavam pelos interesses pessoais acima dos interesses da

---

<sup>135</sup> RIVERA, 1993, p. 34.

<sup>136</sup> CARNEIRO, 1983, p. 35.

nação. “Dentre os comandantes, Rivera passara a ser alvo predileto da propaganda brasileira. Nela estavam tipificadas as picardias e a mobilidade da caudilhagem platina, movida por interesses particulares mezclados com os dos governos”<sup>137</sup>.

Esta propaganda brasileira para denegrir a imagem do caudilho, marcará sua imagem na historiografia brasileira do século XIX. As suas mudanças de lado no interior das guerras, primeiro com Artigas, depois com Lecor, fez com que se estabelecesse um conceito degenerativo de sua conduta: “Essa ‘flexibilidade’ do caudilho motivou um conceito sobre ele pela historiografia brasileira do século XIX, exemplificado pela expressão: ‘Rivera, primeiro, traiu Artigas; e, depois, os brasileiros’<sup>138</sup>.

A importância de Rivera no intrincado jogo político e militar da Cisplatina também foi uma motivação a mais para os brasileiros tentarem destruir a sua imagem, principalmente durante a guerra da Cisplatina que, até finais de 1826, ainda não tinha tomado seus rumos finais. Rivera, antiga peça chave do controle brasileiro na Cisplatina, era agora um inimigo poderoso, pois tinha sob sua influência a população da campanha, podendo utilizar-se dela para combater o Brasil.

A guerra entre os imperiais e os “argentinos-orientais” se decidiu em duas importantes batalhas: Rincão das Galinhas, 24 de setembro de 1827, e Sarandi, em 12 de Outubro de 1827. Ambos os lados se declararam vencedores; nas notas oficiais de cada exército, os números divergem. Estas batalhas demonstraram que o exército imperial não teria condições para o avanço e, momentaneamente, não poderia recuperar o poder da Cisplatina. A historiografia uruguaia tradicional considera as batalhas vitoriosas. Em *Uma testemunha ocular*<sup>139</sup>, a supremacia nas batalhas deu-se pela eficiência da cavalaria platina. As batalhas de Rincão e Sarandi são descritas nestes tons por Abadie:

La batalla de Rincón, ganada por Rivera, constituyó un modelo de la táctica de lucha criolla y la lucidez del jefe para la iniciativa y la conducción de las operaciones. Siendo inicialmente una acción sorpresiva para quitar a los brasileños las numerosas caballadas que tenían en el Rincón de las Gallinas, terminó con un enfrentamiento de contingentes militares orientales y brasileños en cual estos fueron diezmados. El factor sorpresa y la rápida utilización de la caballería fueron

<sup>137</sup> GOLIN, 2002, p. 122.

<sup>138</sup> MACHADO DE OLIVEIRA, J. J. Memoria historica sobre a questão de limites entre Brazil e Montevidéo. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, tomo XVI, tomo 3º da terceira série [3ª série, n.12, 4º trim.1853], p.421. In: GOLIN, op. cit., p. 123.

<sup>139</sup> ANÔNIMO, 1975, p. 227.



explotados al máximo, resultando de ello un importante número de bajas y de presioneros brasileños, así como la apropiación de ocho mil caballos y un importante parque militar. De mayor importancia y política fue la batalla de Sarandí considerada la más trascendental del período, no sólo por el volumen de las fuerzas que combatieron sino también fuerzas comandadas por Lavalleja, con alrededor de dos mil hombres, enfrentaron un ejército brasileño similar, comandado por el coronel Bentos Manuel Ribeiro. En esta batalla participaron los principales jefes orientales: la izquierda al mando de Rivera, el centro al mando de Zufriategui y la derecha al mando de Oribe; bajo el mando estos figuraron Francisco Osorio, Gregorio Pérez, Simón del Pino, Manuel Freire, Ignacio Oribe, Bernabé Rivera, Andrés Latorre, Julián Laguna, Miguel Gregorio Planes, Adrián Medina y Leonardo Olivera. El éxito fue debido por la repartición de las fuerzas y la rapidez de los movimientos; se combatió a caballo y la decisión estuvo fundamentalmente a cargo de las armas blancas. La legendaria orden de Lavalleja: 'Carabina a la espalda y sable en mano', ilustra claramente al respecto. Las bajas brasileñas en Sarandí fueron considerables, tanto en muertos como en heridos y prisioneros; también la pérdida de importantes materiales de guerra. Pero el valor moral de la victoria era superior aun al éxito material; los orientales habían dado pruebas de su capacidad para la lucha, haciéndose respetables ante el enemigo y ante sus futuros aliados<sup>140</sup>.

O exército platino, acostumado com o uso do cavalo, teve uma considerável vantagem, pois muitos soldados brasileiros eram naturais do Rio Grande e conheciam as operações de cavalaria. Grande parte do exército imperial era composta por soldados oriundos do sudeste e nordeste, sem contar os estrangeiros.

Depois destes combates o Império brasileiro teve que reavaliar sua política em relação ao Prata e, de fato, as forças platinas ganharam maior moral para a continuação da guerra. Em 1826, a Inglaterra tornou-se mediadora do conflito, pois a guerra provocava entraves na livre navegação do Prata e prejudicava de forma bastante significativa o livre comércio. Para tanto, foi enviado à região, como mediador, o Lord Ponsonby<sup>141</sup>.

Muitos dos ex-combatentes artiguistas que foram exilar-se em Buenos Aires ou que se aliaram ao domínio luso-brasileiro durante os anos 1816-1820 voltaram a combater pela expulsão dos brasileiros do território da Cisplatina. Frutuoso Rivera, assim que assumiu o lado Oriental, declarou:

El alzamiento es unánime. Dice Rivera el 19 de mayo, en nota que dirige a un conspicuo personaje brasileño, don Tomás da Silva: La Provincia toda unida en masa, reclama su libertad e independencia. Ya tengo a mi disposición 2.000 hombres, no para hacer la guerra a nuestros compañeros y amigos, sino para pedir con justicia nuestros derechos<sup>142</sup>.

<sup>140</sup> REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés Romero. *Crónica General del Uruguay. La Emancipación*. Vol.III. 2ª Ed. Montevideo. Editora: Banda Oriental.1999.p.421-422.

<sup>141</sup> ZUM FELDE, 1991, op. cit., p.89.

<sup>142</sup> Cf. HERRERA, Luis Alberto de: *La Mision Ponsonby*. La diplomacia Britanica y la independencia del Uruguay; Vol. I, II, III. Uruguay: Ed; Tradinco S/A, 1988. p. 66-80.

Esse foi um momento de mudanças nos rumos dos acontecimentos. Mais uma vez o caudilho saía de uma linha política em decadência – nesse caso, da política brasileira para a incorporação da Cisplatina. As disputas para a supremacia da região recomeçaram no momento em que se declarou a paz; Lecor saiu com suas forças da Banda Oriental – Cisplatina.

As Missões não eram questionadas, mas, com o desenrolar da guerra, passaram a ser uma peça de fundamental importância. A maioria das batalhas entre o exército “argentino-oriental” e o brasileiro teve como palco a província do Rio Grande de São Pedro. As batalhas demonstraram equilíbrio entre as forças, “os Imperiais não conseguiam avançar à Banda Oriental. E as forças conjuntas de Buenos Aires não obtinham uma vitória efetiva”<sup>143</sup>. Na verdade, nenhum exército tinha supremacia para a vitória definitiva sobre o outro.

No próximo capítulo, destacaremos o desenrolar final da guerra da Cisplatina, o acordo de paz, a formação do Estado independente do Uruguai. Mas, principalmente, o caso da invasão das missões por Rivera e a importância deste ato, tanto para o desfecho da guerra quanto para sua carreira político-militar.

---

<sup>143</sup> ANÔNIMO, 1975, p. 303.

## 4. RIVERA E AS MISSÕES

### 4.1. Conseqüências da adesão ao movimento Revolucionário

Em 1825 Rivera aderiu ao movimento dos *Trienta y Tres* e buscou uma reaproximação com seu compadre Lavalleja. Porém, tanto Lavalleja quanto a opinião pública desconfiavam, pois Rivera tinha sido um dos militares mais influentes das forças do Barão de Laguna. Em carta de 12 de julho de 1826, Julián de Gregorio Espinosa escreveu a Rivera revelando-lhe a opinião que existia em Buenos Aires sobre a sua pessoa. Entre outros acontecimentos, referia-se aos rumos da guerra e, também, noticiava a chegada da “Missão Ponsonby”:

[...] Vamos ahora en orden à tu opinión. No tienes/ idea de quanto he sufrido en debates qe he tenido para so[s]tenerla, ni puedes llegar à persuadirte quanto se ha dich[o] de ti, à extremos que yo prefería huir, ò no entrar en materia, à tener que escuchar los chismes mas inverosímiles contra tù comportacin y modo de pensar; algo de esto le digo à tu hermano D. Benabe, y aun èl es testigo de un lanze de una impostura que tuvo que oir en el café; ya èl te la debe haber referido. Pero todo ha mudado de un semblante desde tu transito al Exto naciona: todavia puede haber y seguram.<sup>te</sup> hay algunos que aspiren à tu descredito; mas tu conducta a todo debe confundirlos. Entre tanto, està cierto que tu nombre tiene el mejor lugar en el Gobierno, lo tiene en el Congreso, lo reconocen todos los patriotas, y lo respetan aquellos mismo que lo han hechos sus tiros [...]. El Congreso se ha ocupado en estos dias anteriores unicamente en el asunto de Obes, es decir, si se le habia de dar lugar à su solicitud de que le oyese y jugase: discusiones mui acaloradas ha habido entre los Sres Diputados sobre el particular: han venido à consideración hechos, y dichos inconexos: no han faltado exaltamientos, satiras, ofensas claras y obscuras, y al fin se decidio porq.<sup>c</sup> no habia lugar à la solicitud. Obes tuvo 20 votos à su favor, y 32 en contra, por lo / [cua] continua en la reclusion que lo puso el Gobierno, y parece serà hasta la terminacion de la presente guerra. Se rugen buenas esperanzas de acomodamiento con los Portugueses al arribo à esta del Señor Posombi enviado de Inglaterra con este objeto, y aunque se discurre mucho sobre la forma de la terminacion de la guerra, todos son juicios aventurados: solo el Gobierno es hasta ahora el dueño de los datos. Muy pronto debe aproximarse à la voca de nuestro Rio la Escuadra de Chile que viene en nuestro auxilio, y nuestro bravo Almirante Brown debe salir con la suya à incorporarse en el punto ya acordado: verificado esto con felicidad nos pondremos en disposicion de sacar mas partido de las transacciones, ò de hacernos respetar si no tuvieren efecto: este es el caso mas critico y peligroso de los que ha tenido nuestra Escuadra, siempre victoriosa en todos sus choques, à pesar de la enorme desigualdad de las fuerzas superiores de la Enemigas. Las turbulencias de las fuerzas de Lavalleja, y el movimiento que me han dicho haber hecho una parte del Exercito nacional llevando à su cabeza al General em Gefè, y parece que con direccion a Durazno, me tienen lleno de disgusto, porque me hace temer una discencion intestina que va à traernos muchos males; el mayor de todos

es flanquear la puerta à la seducción politica, cuya arma el Bisconde tan diestramentesabe manejar [...]<sup>144</sup>.

Pela carta de Espinosa pode-se deduzir como Rivera era considerado em Buenos Aires. Alguns queriam fosse julgado pelo crime de alta traição. Rivera nunca se apresentou ao julgamento, mas sua defesa, onde relata as motivações de tão “estranha” conduta militar, foi descrita em uma longa correspondência, de 19 de setembro de 1826, ao seu amigo Júlian de Gregorio Espinosa:

/ Mi estimado amigo: un inesperado acontecimiento me obligo a Separarme de esa capital de un modo privado por esta razon no tuve el plaser de despedirme de Vmd y de suamable familia a quien Siempre respetare; Vmd Sin duda avra Sido informado del acontecimiento del 14 de Setiembre en el cual el precidente dela republica dito un decretaso ylo dirigio ael Expetor para que me aprendiese yme puciese adispo[s]icion dela pelecia: yo le confies amigo q.º uviere Sido bitima de la confiansa que me ispirava la Sanidad de Mi corazon: pero un pueblo q.º Sabe respetar la inocencia y tal bes, mas interesado q.º o mismo en mi conserbacin parecia q.º aporfia Se disputavan a quien primero me Salvase; yo crei vroma pero quando se apoderaron de mi Ayd.<sup>te</sup> ylo pucieron en una mazmorra; no me quedo entonces que dudar ime puse en aquella misma noche a salvo Todo esto espoco amigo querido: q.º Sucedió al dia Siguiete 15 del mismo mes que en pesaron mis persecuciones no por cierto q.º no le olvidare jamas asómbrese Vmd. el presiden(te) / pone otro decretazo (que no evisto;) lo ase fir[mar] con el Gen.<sup>l</sup> Soler; y Segun estoi informado entre otra cosas dice así: que Se presente el Gen.<sup>l</sup> Rivera en e predentario termino de 24 hor.<sup>s</sup> me presentarse a responder en juicio publico aun crimen de Alta traicin &.º &.º le aseguro a Vmd amigo q.º Si n uviesen cido mis reflecion.<sup>s</sup> tan fundads estuve p.<sup>a</sup> regresar y presentarme al tribunal q.º avia juzgarme; pero como las Leyes estan infringidas tantasbeses por el Gôv.<sup>o</sup> que in legalm.<sup>te</sup> rige la presente aministracion temi amigo el exponerme acorrer laSuerte que tuvo el desgraciado uveda oriental en el año 15 aci como otras mas vitimas ynmoladas ala vengansa de nuestros magistrados; esto ylas suplicas de mis amig.<sup>s</sup> me hicieron seguir mi marcha Sin detino; por que como Vmd be adonde voi yo acusad p.<sup>r</sup> el Gôv.<sup>o</sup> de que de pendia de crimen de alta traicion todo el mundo me perseguira y con justicia si aci fuese mereceria la esecracion publica<sup>145</sup>.

A carta retrata as relações de Rivera com o governo de Buenos Aires. Embora tenha elencado motivos que fariam dele um herói, a sua atitude no final de 1819, com a adesão aos luso-brasilerios, não tinha explicação para muitas das lideranças da Banda Oriental. Era difícil de explicar suas motivações que levaram a abandonar Artigas, e aderir ao exército de ocupação para o governo centralista de Buenos Aires<sup>146</sup>. Rivera não podia recorrer a ninguém.

<sup>144</sup> RIVERA, 1993, p. 29.

<sup>145</sup> RIVERA, 1993, p. 33-40.

<sup>146</sup> Cf. CAMARGO, 2001, p. 203.

Buenos Aires estava em guerra com o Brasil e, pelo seu passado, Buenos Aires poderia desconfiar que ele fosse um espião.

A Banda Oriental estava sendo disputada somente pelo império brasileiro e pelos centralistas de Buenos Aires. Com as acusações que o governo de Rivadavia fez a Rivera, o caudilho une uma milícia e parte para a guerra contra os portugueses, agora com suas próprias forças, formando um exército independente de Buenos Aires. Com esta atitude os “Orientais” formaram o protótipo do exército nacional. Tal atitude de Rivera foi fundamental para que pudesse ser viável a consolidação do estado independente do Uruguai, em 1828. A formação desta força militar independente foi justificada, assim, por Rivera:

[...] Es crimen tan bien el que una parte dela fuersa aramada dela vanda oriental y cidigo toda ella i asta las q.<sup>e</sup> forman el Ex.<sup>to</sup> Nacional me aclamen para q.<sup>e</sup> les dirija en la presente Guerra p.<sup>r</sup> que me creen con Su ficientes conocimientos p.<sup>a</sup> llevarla con vuen Su Seso; vayan aC[ar]ajo nada quiero de ellos mas vien ire avibir el oscuridad yno pasar por la degradacion de alterar con hombres que solo llevan por note sus fines particulares [...]<sup>147</sup>.

A partir desse momento ocorreu a união entre os caudilhos do Prata em torno de um inimigo comum: o Brasil. A conjuntura tomou outra configuração. De um lado estava o exército de Buenos Aires, sob o comando de Alvear e apoiado por Lavalleja, com intuito de anexar a Banda Oriental incondicionalmente as demais províncias; de outro, o projeto emancipacionista mantido em sigilo neste momento. Rivera começava a agir independentemente das diretrizes de Alvear.

Na Guerra pela posse da Banda Oriental surgiram os principais partidos políticos que durante as três décadas seguintes se combateram em uma guerra civil que atingiu tanto o Uruguai quanto as Províncias Unidas do Prata. O Partido Colorado, nacionalista, que defendia a autonomia da Banda oriental teve como fundador Rivera, e o Partido Blanco, aliado dos federalistas argentinos, Lavalleja e Manuel Oribe.

Rivera desde o início das guerras artiguistas tinha como princípio o anti-unitarismo de Buenos Aires. Em 1826, o comando portenho-oriental da guerra da Cisplatina estava nas mãos de Alvear, e o presidente das Províncias Unidas do Prata era Rivadavia, que acusava Rivera de crime de alta traição: “Caído en desgracia, por sus ideas antiunitarias, durante el gobierno de Rivadavia que le persigue y hostiga como un prófugo, Rivera va solicitar de

---

<sup>147</sup> RIVERA, 1993, p. 44.

López, gobernador de Santa Fe, ayuda para la realización de sus pensamientos”<sup>148</sup>. Estes *pensamientos* se referiam a invasão das Missões Orientais, perdidas em 1801.

O centralismo político de Buenos Aires perseguia Rivera. Agravando-se no final de 1826, mesmo em plena guerra com o Brasil, as questões políticas internas, principalmente entre centralistas e federalistas eram latentes. A campanha das Missões provocou o rompimento entre os “compadres”. Em carta a seu amigo Julián de Gregorio Espinosa, Rivera advertiu que:

[...] Alviar y Rivadavia como Saves enpeñados em ver ci pueden echarme cosa p.<sup>a</sup> Saciar como mi sangre sus perversas miras no omiten paso alguno, y como esta aSus plan el que Lavalleja y yo nos mantengamos en dberjencia: el primero D Carlos hablo a Lavalleja p.<sup>a</sup> que escribiese aLopes Govr. De S.<sup>ta</sup> Fe una Carta amistosa persuadiendolo a que me aprendiese y me remitiese al Ex.<sup>to</sup> [...] <sup>149</sup>.

Neste momento as disputas políticas em torno da Banda Oriental se intensificaram; de um lado os centralistas - ou unitaristas –, Rivadavia e Alvear e, de outro, Rivera. No final de 1826 não havia mais possibilidade de acordo entre Rivera e os governantes das Províncias Unidas do Prata, em prol da guerra contra o Brasil. A perseguição política que Rivera passou a sofrer por parte dos bonaerenses era implacável.

Esta ruptura total deveu-se, principalmente, a ação individual de Rivera que, com o recrutamento de um exército subordinado a ele, causou uma divisão de forças militares. Ao mesmo tempo este exército era importante para a guerra, e prejudicial aos interesses centralistas portenhos, pois Rivera e, também Lavalleja chamavam suas tropas de *Orientales*, causando uma representação que dividia estas tropas do restante, subordinadas aos “portenhos”.

Para os centralistas portenhos este mecanismo utilizado para encorajar e animar a tropa; era um elemento nocivo e precisava ser combatido. Mesmo Lavalleja era pressionado pelos centralistas para que estes “sentimentos” não surgissem no interior do exército sob o seu comando:

---

<sup>148</sup> ZUM FELDE, 1991, p.103.

<sup>149</sup> RIVERA, 1993, p. 56.

Si por el señor Lavalleja o por la Junta se le exigiese algunas explicaciones sobre el asunto que motiva su comisión, deberá sostener siempre con firmeza, pero con la prudencia que demanda la naturaleza del negocio:

1º Que el Gobierno no reconocerá autoridad alguna militar en aquella Provincia sino la del general en jefe del Ejército Nacional;

2º Que las tropas que se llaman *orientales* no recibirán auxilio de ninguna clase mientras no sean incorporadas al Ejército y organizadas con arreglo a las repetidas órdenes que se han impartido;

3º Que si no se cumple ésta y las anteriores resoluciones que han dado sobre el particular, tampoco serán cubiertos por el tesoro común los gastos hechos por el señor Lavalleja en su empresa [...];

4º Que el Gobierno Nacional tiene un interés decidido en que no haya ni ejército ni cuerpo alguno que pueda llamarse exclusivamente de orientales, porteños, cordobeses o salteños, sino que, mezclados todos indistintamente, presenten una masa que pueda con propiedad llamarse Ejército de la Nación<sup>150</sup>.

Nessa visão, a guerra estava sendo travada entre brasileiros e união das províncias do Prata e Orientais, mas a guerra política interna já tinha sido declarada desde o início. Os centralistas queriam recuperar o poder da Banda Oriental, perdido em 1815, e mais uma vez o adversário a ser batido era Rivera.

Diferentemente do plano político artiguista, que tinha o intuito de formar uma federação com todas as províncias do antigo vice-reinado do Prata<sup>151</sup>, Rivera almejava a independência política do território Oriental, com um governo centralizado e nacional independente de Buenos Aires<sup>152</sup>.

A partir de 1827, Rivera começou a luta pelo poder e por prestígio dentro da Banda Oriental. Devido às acusações dos centralistas sobre a sua conduta política durante a ocupação luso-brasileira, as desconfianças ainda pairavam sobre ele. Restava, então, a ele, promover um feito grandioso para que sua reputação e sua popularidade se tornassem maior, ou igual a de seu compadre Lavalleja. E a guerra era o que mais o caudilho sabia fazer.

Em fevereiro de 1827, Rivera comunicou a seu amigo Julián de Gregorio Espinosa sobre uma marcha sobre as Missões Orientais, para combater os portugueses: “Aotra cosa saves que esti resuelto marchar Sobre la frontera de mi Siones y ver Si logro tomarles a los portugueses Santa M.<sup>a</sup> que es decir el paso del rosario”<sup>153</sup>.

<sup>150</sup> BEVERINA, 1927, p. 309. In: Acervo WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica, Mestrado em História, da Universidade de Passo Fundo- NDH- PPGH-UPF.

<sup>151</sup> Cf. REYES, Washington Abadie. *Artigas e el Federalismo en el Rio de la Plata*. Tomo 2, V.I. Montevideo: Ediciones Banda Oriental la República, 1998, p. 107.

<sup>152</sup> Cf. PADOIN, 2001, p. 63.

<sup>153</sup> RIVERA, 1993, p. 73.

Iniciava, neste momento, a marcha para a reconquista das Missões, que ainda demoraria um ano para ser concretizada. Mas a batalha do Passo do Rosário e a queda do centralismo em Buenos Aires mudaram significativamente os rumos de Rivera.

As Batalha de Passo do Rosário – Itauzingó – mostrou que o exército republicano poderia expulsar os brasileiros da Cisplatina. Segundo Docca, “a Batalha do Passo do Rosário foi, não é possível negar-se, um dos factores da paz”<sup>154</sup>. E apesar da vitória, a economia de Buenos Aires sofria com a guerra:

[...] em fevereiro de 1827, em Ituzaingó (a batalha que os imperiais chamaram Passo do Rosário) o general Alvear, a frente de um exército mais numeroso que qualquer dos que combateram pela independência, obteve uma clara vitória. Mas os argentinos ficaram esgotados por essa façanha; a custosíssima máquina de guerra começou a desagregar-se, enquanto o custo da guerra e o impacto do bloqueio originavam uma inflação do papel moeda, tanto mais desmoralizadora porque era a primeira vez que Buenos Aires a sofria<sup>155</sup>.

Em 1827 a deposição de Rivadavia e a ascensão de Dorrego marcou a subida ao poder dos federalistas em Buenos Aires. Esta queda, segundo a historiografia uruguaia, deu-se pela pressão federalista, mas, segundo Ferrera, citando Lynch:

A situação interna das Províncias Unidas também não era das mais tranquilas à época do conflito. Observa que a constituição centralista de 1826, promulgada por Rivadavia, gera conflitos com as províncias e com os federalistas, fazendo com que o líder portenho tenha a necessidade de retirar tropas do palco da guerra para pelear no interior do seu território<sup>156</sup>.

A guerra se aproximava do fim; tanto portenhos quanto imperiais tinham enormes problemas internos, e o desgaste com a guerra era sentido por ambos os lados. A mediação britânica, também, queria o fim das contendas, buscando, através da diplomacia, o fim das hostilidades.

<sup>154</sup> DOCCA, E. F. Souza. *A Convenção Preliminar de Paz de 1828*. São Paulo: Empresa Graphica Rosseti, 1929, p. 156.

<sup>155</sup> HALPERIN DONGHI, Túlio. *Historia de America latina 3*, Reforma y disolución de los imperios ibéricos 1750-1850. Madrid: Alianza Editorial, 1985, p. 281.

<sup>156</sup> FERREIRA, Fábio.(Artigo): Breves Considerações acerca da Cisplatina(1821-1828).p.10. In: LYNCH, John. *Las Revoluciones Hispanoamericanas: 1808-1826*. Barcelona: Editorial Ariel, 1989.



## 4.2. Frutuoso Rivera X Juan Antonio Lavalleja

Após a dominação luso-brasileira na Cisplatina, os caudilhos Rivera e Lavalleja, antigos aliados de Artigas, tiveram uma trajetória mais os menos parecida. Ambos aderiram a Lecor, transformando-se em militares sob as ordens do Barão de Laguna.

Lecor tinha em Canelones uma força brasileira que o apoiava: e a sua saída de Montevideu foi, evidentemente, inspirada pelo Rio de Janeiro. Os chefes orientais mais influentes apoiaram imediatamente ao General Lecor que contou, entre muitas outras, com adesões de Rivera, Lavalleja, Izas Calderón e Julian Laguna<sup>157</sup>.

As conspirações de Lavalleja e outros militares orientais contra a dominação luso-brasileira desenvolveram-se e tornaram-se mais latentes a partir de 1822, com a independência do Brasil. Esta aparente aliança entre as forças de ocupação e os adesacionistas tinha desconfianças do Barão de Laguna, e ele se mostrava apreensivo sobre as verdadeiras intenções de seus aliados. Em uma investigação, foi descoberta a ligação entre alguns orientais aliados e o governo das Províncias Unidas. Estes conspiradores, “os mais exaltados inimigos do Brasil, viram-se obrigados a fugir para Buenos Aires”,<sup>158</sup> a exemplo de Juan Antonio Lavalleja.

A fuga de Lavalleja para as Províncias Unidas o fez se aproximar ainda mais do federalismo político de Buenos Aires. Rivera ainda permanecia sob a égide do Barão de Laguna. A divisão política entre *los compadres* não seria mais estabilizada, nem mesmo com a adesão de Rivera aos *Treinta y Tres*. As concepções de ambos, no que diz respeito ao futuro da Banda Oriental, eram divergentes.

Esta divergência se deu em seu quesito mais latente sob a perspectiva do futuro da Banda Oriental. A linha de Lavalleja era a anexação aos moldes de uma federação. Lavalleja tratava a Banda Oriental como irmã e como componente de uma mesma pátria, conforme expressaria em uma proclamação insurgente:

---

<sup>157</sup> CARNEIRO, 1983, p.26.

<sup>158</sup> CARNEIRO, 1983, p.30.

!Viva la Pátria! Argentinos – Orientales: llegó el momento de redimir nuestra amada patria de la ignominiosa esclavitud con que ha geminado por tantos años, y elevarla com nuestro esfuerzo al puesto eminente que le reserva el destino entre los pueblos libres del Nuevo Mundo<sup>159</sup>.

A linha de Rivera era divergente. Tratava a Banda Oriental como pátria. Em setembro de 1826, quando Rivera estava fugindo da perseguição centralista de Rivadavia, comentou com Julián de Gregorio Espinosa:

Todo Quanto podía deciar de sus aviltantes me llenavan de ofertas unos me serbian de guias otros Se me brindavan acopañarme con armas en lãs manos y algunos seressolvian asta avan donar Sus familias y Seguirme ami pais otros medavan Sus mejores cavallos. De modo que no Sentia uma diferencia como Si me allase en el Sentro de mi patria natal donde todo el mundo me conose y tengo amigos<sup>160</sup>.

As diferenças de tratamento da Banda Oriental entre os dois caudilhos deram o panorama das divergências ideológicas que separavam Lavalleja e Rivera, em 1826. As rivalidades entre os dois seriam a tônica da política da Banda Oriental nos anos posteriores ao fim da guerra com o Império do Brasil.

#### 4.3. Fim da Guerra Cisplatina: As Missões

Os anos de 1825 a 1827 marcaram a hegemonia de Lavalleja. Lavalleja foi o chefe de *Los Treinta y Tres Orientales*. Neste período, Rivera sofria desconfianças da população da Banda Oriental e, principalmente, dos políticos e militares bonaerenses, que no momento apoiavam os *Orientales*. No início dos movimentos contrários a ocupação da Cisplatina pelas forças imperiais, *Los Treinta y Tres Orientales*, liderados por Lavalleja, não aspiravam formar um país independente, mas um estado com vínculo com Buenos Aires.

Este perfil mudou com a campanha das Missões, liderada por Rivera, em 1828. Com a guerra praticamente paralisada e as tratativas de paz avançando demoradamente, Rivera resolveu, com o exército do Norte sob seu comando, fazer uma campanha nas Missões

---

<sup>159</sup> ABADIE, 1999, p. 386.

<sup>160</sup> RIVERA, 1993, p. 42.

Orientais. Esta campanha sem o consentimento de Dorrego, ou Lavalleja, mostrou a ação individual de Rivera e a sua não concordância com a anexação da Banda Oriental como mais uma província unida do Prata.

Esta ação desencadeou uma nova fase da Guerra, uma “manobra final”. A guerra tinha esgotado tanto Buenos Aires como o Brasil. Ambos estavam com sérios problemas políticos internos. Houve, então, uma proposição por parte de Buenos Aires de estender o palco da guerra:

Nessas ilações, a diplomacia inglesa procurava perceber os possíveis desdobramentos da conjuntura na passagem de 1827 para 1828. Entretanto o que modificaria o cenário foi a decisão argentina de passar de uma guerra de manutenção na Banda Oriental para um projeto ofensivo contra o território imperial<sup>161</sup>.

Embora tenha sido uma proposição, o único que estava disposto a cumprir tal ação, no momento, era Rivera. Não sendo visto com bons olhos pelos bonaerenses e procurado como alto traidor pelos brasileiros, as suas opções se tornavam escassas:

O Brasil sempre recorrera a uma invasão do território oriental toda vez que julgava em perigo a posse das Missões conquistadas em 1801, deparava-se com problemas concretos naqueles domínios. Fructoso Rivera, na vanguarda do exército do norte, deu cumprimento ao seu pedido ao governo argentino de que queria recuperar os Sete Povos<sup>162</sup>.

A notícia da invasão das Missões por Rivera, de certa maneira pegou de surpresa o exercito brasileiro; a falta de defesa na fronteira com os Sete Povos deixa claro que o ataque às Missões não estava sendo esperado pelo exército brasileiro.

Em 5 de maio, achando-se ainda o exército acampado na estância do Marques, chegaram ao general participações do coronel Joaquim Antônio de Alencastre, comandante então da fronteira de Missões, que Frutuoso Rivera com 400 homens, depois de passar a linha na barra do Arapeí, penetrara no território da Província até Jarau, ponto que fica próximo àquela fronteira e ali persistia em atitude de alguma tentativa; que estava pondo os povos em contribuição de gados, passando-os para o outro lado do Uruguai e fazendo reunião de índios e bandidos correntinos; que

---

<sup>161</sup> GOLIN, 2002, p. 142.

<sup>162</sup> GOLIN, 2002, p. 143.

finalmente o mesmo coronel não tinha meios nem força para batê-lo, e se poria em retirada até encontrar recursos que no continente tinha pedido ao comandante da fronteira de Rio Pardo, o visconde de Castro; que o mesmo Frutuoso se intitulava comandante-chefe do exército do Norte<sup>163</sup>.

A manobra de Rivera forçou o exército brasileiro a recuar suas defesas, agravando ainda mais a opinião pública brasileira contra o conflito e, conseqüentemente, desgastando a figura do Imperador. A possibilidade de que a guerra se alastrasse para o interior do *Império*, aliado com o desgaste político, fez com que D. Pedro revisse os seus desejos na Cisplatina. “Os Brasileiros, por sua vez, manifestavam descontentamento com os gastos financeiros dessa guerra, que, segundo eles, servia apenas para preservar uma herança colonial portuguesa”<sup>164</sup>.

Para Rivera, a invasão das Missões representava muito mais que uma manobra na guerra. O caudilho viu a possibilidade de mudar a sua imagem perante a população da Banda Oriental.

Em meio à guerra, o caudilho possuía motivações pessoais: ‘Considerado um alto traidor, não lograva ser aceito entre aqueles que supunha serem seus companheiros de armas. Precisava realizar um grande e significativo ato, que, a um só tempo, fizesse com que os uruguaios e suas lideranças voltassem a confiar nele e o tornasse quase indispensável à causa autonomista’<sup>165</sup>.

A perspectiva de mudar a sua imagem e, principalmente, fazer uma manobra militar de grande repercussão aos olhos orientais, motivou Rivera para a invasão das Missões Orientais. A região contestada por Artigas, vinte e sete anos depois de tomada por Borges do Canto, foi retomada por Rivera. Os rumos da guerra na Cisplatina movimentaram uma questão que estava adormecida: A posse das Missões.

As Missões, além de ser uma significativa campanha militar, possibilitaram a Rivera entrar nas negociações diplomáticas para o estabelecimento da paz. Também possibilitaram a entrada dos interesses autonomistas orientais na mesa de negociação. O trunfo da conquista foi um dos mais poderosos motivadores para acabar com a irredutibilidade de D. Pedro I, em reconhecer a independência da província.

<sup>163</sup> SILVA, Marechal Luiz Manoel de Lima e. *Guerra com as Províncias Unidas do Rio da Prata*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956, p. 157.

<sup>164</sup> REICHEL, Heloísa Jochims. *Fronteiras e Guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995, p. 36.

<sup>165</sup> CAMARGO, 2001, p. 205.

Existia um elemento poderoso para demover Pedro I de sua irredutibilidade: se, antes ele não admitia negociar a paz às custas da independência da Cisplatina, agora, o tratado somente seria consumado com a evacuação das tropas de Rivera do território das Missões<sup>166</sup>.

A conquista das Missões agiu como motivadora para os orientais. A retomada das Missões mostrava que os próprios orientais tinham forças suficientes para se autogovernar. Rivera procurava negociar com Buenos Aires o estado de coisas entre as Províncias Unidas e a Banda Oriental, como ele explica a Espinosa em 3 de Novembro de 1828:

Que entonses no volvere aincistir en cosa alguna y quedare esperito p.<sup>a</sup> dirigirmos yo y mis compañer.<sup>s</sup> al Gov.<sup>o</sup> Provisorio que se estale en el nuevo estado orienta.<sup>l</sup> allí es nuestro país natal allí tenem.<sup>s</sup> nuestras pocas fortunas, allí tenemos nuestros amig.<sup>s</sup> y aellos iremos aofreserles nuestras espadas p.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> las conserven mientras nosotros nos retiram.<sup>s</sup> como particular.<sup>s</sup> anuestros povres ogar.<sup>s</sup> avuscarn.<sup>s</sup> la sucistencia de nuestras familias y de Si.<sup>167</sup>

Esta carta demonstra o caráter autonomista de Rivera. Com a instalação de um governo provisório dentro da Banda Oriental, juntamente com a separação do exército do Norte, no caso o exército que estava sob sua ordem, Rivera se refere a “oferecer-lhes nossas espadas”, no sentido de prestar juramento ao novo governo provisório. Não como parte conjunta com as demais províncias do Prata, mas como um estado autônomo, que tem um território: a Banda Oriental, um governo; o governo provisório e um exército, no caso, o exército do norte, que estava sob suas ordens.

Estas são as bases concretas do viés autonomista gestado, principalmente por Rivera, frente à proposta federalista de Buenos Aires. Tal proposta também foi ao encontro aos interesses pessoais do caudilho. Sabendo que sairia da guerra com maior prestígio de quando entrou, devido, principalmente, ao fato da campanha das Missões, que representou um trampolim para o poder político de Rivera. Uma espécie de *slogan*, *El Heroi de las Misiones*.

Rivera passou a ter a possibilidade de rivalizar mais equitativamente com Lavalleja. Um conquistou as Missões, o outro foi o chefe dos *Treinta y Tres*. Além disso, Rivera

---

<sup>166</sup> GOLIN, 2002, p. 143.

<sup>167</sup> RIVERA, 1992, p. 157.

destruiu a desconfiança que pairava sobre sua conduta em relação a Banda Oriental, saindo fortalecido politicamente.

Com relação à guerra da Cisplatina, a campanha das Missões acaba por aprofunda-la. De um lado o Brasil, que naquele momento estava perdendo, além da Cisplatina, as Missões. Do outro lado as Províncias Unidas, que se viram desafiadas com a invasão das Missões pelo exército de Rivera sem a sua permissão e, ainda, os autonomistas orientais, ganhando ímpeto e moral com a campanha de Rivera. Golin ressalta que:

Essa manobra geraria mais um ponto de tensão no triângulo Império, Argentina e Banda Oriental. Para os artiguistas, as Missões eram consideradas como possessão adstrita à “soberania” uruguaia. Em carta a Luca J. Obes, Rivera protestava: Parece impossível que os orientais sejam tão pobres homens que consintam o desmembramento das Missões<sup>168</sup>.

A força da tendência autonomista foi aumentada com a indecisão e relutância tanto do Brasil como das Províncias Unidas em não perderem a Banda Oriental – Cisplatina –, um para o outro. No que diz respeito a Rivera,

O Tratado Preliminar de Paz de 1828 seria assinado, porém a sua ratificação ocorreria apenas com as Missões Orientais evacuadas. A contragosto e protestando, Rivera implementou a sua marcha de retorno ao Uruguai e chegou às fronteiras ainda indefinidas em 28 de novembro de 1828; estabeleceu-se às margens do Quarai<sup>169</sup>.

A tendência autonomista estava relacionada com a adesão de Rivera. Esta tendência seria contrária à centralização de Buenos Aires por motivações históricas, gestando-se com o artiguismo e, de forma semelhante, permanecendo em Rivera.

En su desarrollo, la Revolución de 1825 mantendrá por algún tiempo ambos sectores unidos, en medio de profundas contradicciones, que finalmente estallarán en 1826-27. La incorporación de Rivera y los caudillos rurales reforzará al sector caudillista. Será apoyado por el grueso de la clase comercial montevideana no vinculada al Brasil, que desempeñará un papel relevante en la Sala de Representantes y el Gobierno de la Provincia<sup>170</sup>.

<sup>168</sup> GOLIN, 2002, p. 143.

<sup>169</sup> GOLIN, 2002, p. 143.

<sup>170</sup> ALONSO ELOY, Rosa; SALA DE TOURON, Lucia; LA TORRE, Nelson; RODRIGUEZ, Julio Carlos. *La Oligarquía Oriental en la Cisplatina*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1970, p. 210.

A autonomia era parte importante para a manutenção do poder caudilhesco na Banda Oriental e a ausência de um poder centralizado permitia uma linha de atuação dos caudilhos. A Banda Oriental, mesmo com o domínio luso-brasileiro e brasileiro, não deixou de ter entre seus principais políticos e militares muitos caudilhos. Rivera e Lavalleja fizeram parte do aparato político-administrativo da Cisplatina. Apesar do domínio de Lecor, o raio de atuação das forças caudilhescas durante o domínio luso-brasileiro ainda eram incontestes na Banda Oriental – Cisplatina.

#### 4.4. A Paz

A diplomacia inglesa buscava desde o início da guerra, uma solução para o conflito. Para mediar o conflito pela posse da Banda Oriental, foi enviado o Lord John Ponsonby, que tinha como objetivo de acabar com a guerra entre Buenos Aires e Brasil, e manter relações com os dois lados do conflito.

Londres, febrero 28 de 1826. Excmo. Lord John Ponsonby. Excmo. señor: Como complemento de las instrucciones generales que S.M me autorizó a transmitir a V.E. en mi nota N° 1, hay un punto sobre el cual creo necesario suministrar a V.E algunas especiales: las diferencias pendientes entre el gobierno de Buenos Aires y el Brasil, sobre la reclamación de cualquiera de esos países a la posesión de la Banda Oriental y de Montevideo. Con en fin de proporcionar a V.E. una información completa sobre el origen de desarrollo de esa lucha, agregó copia de seis despachos dirigidos a sir Charles Stuart y de cuatro de S.E. sobre el particular. También incluyo copia de dos notas de M. de Sarratea expresando el deseo de su gobierno de iniciar, bajo los auspicios de Gran Bretaña, una negociación con el Brasil, a fin de evitar la guerra<sup>171</sup>.

---

<sup>171</sup> ACERVO WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica, Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo – NDH- PPGH-UPF. *La Mision Ponsomby(II)*. La Diplomacia británica y la independencia del Uruguay. Serie Revisión Historiografica. Vol. III. p. 09-10.

Os quase três anos de guerra mostraram a dificuldade da mediação do conflito. O Brasil não queria perder a Cisplatina; D. Pedro tinha gastado uma grande quantidade de recursos para manter a guerra e Buenos Aires queria reconquistar sua província. As forças autonomistas pretendiam a separação política de ambos os lados. Uma série de interesses conflituosos emperrava um acordo entre os beligerantes e fazia com que a guerra se prolongasse por um maior tempo. Aliado a isso, estava praticamente a paralisação da guerra. Tanto Buenos Aires como o Brasil tinham enormes dificuldades políticas e militares para manter-se no conflito.

Do lado argentino, a demora para um resultado da guerra também trazia preocupação. No ano de 1827, após as batalhas de Passo Rosário e Sarandi, a mobilização do exército platino era praticamente nula. As divergências políticas em Buenos Aires e na Banda Oriental afetavam a mobilização da guerra. Lavalleja, que no momento era governador da Província Oriental, expressou: “Como continuar a guerra? O exército paralisado em suas operações: as forças orientais se haviam dissolvido, o governo nacional havia caído, as províncias sem verdadeiros vínculos de união, sem obedecer senão ao que convinha”<sup>172</sup>.

Para o Brasil, a guerra afetava o comércio, hostilizava o regime monárquico e causava prejuízos financeiros e materiais. Ainda, como no caso argentino, as linhas de frente encontravam-se quase totalmente imóveis. Golin ressalta que:

Pelo lado do Brasil, em dezembro de 1827, a guerra terrestre encontrava-se praticamente paralisada pela falta de recursos. A luta marítima entrou em um período de pequenos conflitos: era o espaço dos corsários. Sob a bandeira republicana, eles provocavam sérios prejuízos ao comércio imperial: os navios negreiros eram seriamente atingidos. Em dezembro de 1827, o corsário César Fournier chegou a operar na águas do Rio de Janeiro<sup>173</sup>.

Com a guerra se arrastando para ambos os lados, a diplomacia inglesa dispunha de poucos argumentos de convencimento, tanto para Buenos Aires quanto para o Brasil, em fazer com que um ou outro abandonasse o conflito. Ponsonby, em carta a Dudley, em dezembro de 1827, demonstrava ser possível um governo autônomo na Banda Oriental.

---

<sup>172</sup> GOLIN, 2002, p. 141.

<sup>173</sup> Ibid., p.141.



La experiencia de esa guerra demuestra claramente que los brasileiros no pueden conservar bajo su dominio ninguna parte del país, excepto sus plazas fuertes; su destrucción, por consiguiente, privaría al emperador de toda probabilidad de éxito. Si en este estado de cosas el emperador y la republica tomaran como base la independencia de la Banda Oriental y convinieran mutuamente en garantirla, yo opino que podría concertarse una paz firme y estable, que se mantuviera las estipulaciones necesarias para aquietar completamente los temores y recelos de todos los bandos. Yo considera que ninguna dificultad se opondría al establecimiento de un gobierno en la Banda Oriental que sería, *por lo menos*, tan bueno como los de las provincias y el de Buenos Aires mismo<sup>174</sup>.

Sob esta situação foi que se tornou especialmente importante a invasão das Missões por Rivera em 1828. A campanha das Missões foi um novo elemento na guerra que contribuiu para a sua decisão. Em 1828, as negociações avançaram. D. Pedro se mostrava convencido da independência da Banda Oriental; Dorrego e seus demais correligionários, também. O desgaste e os prejuízos da guerra pesavam para ambos os lados. Para a assinatura do Tratado Preliminar de Paz, restava a saída de Rivera das Missões, mas o caudilho parecia irredutível.

Coube ao general Guido e ao ministro Ponsonby demovê-lo. O Tratado Preliminar de Paz de 1828 seria assinado, porém a sua ratificação ocorreria apenas com as Missões Orientais evacuadas. A contragosto e protestando, Rivera implementou a sua marcha de retorno ao Uruguai e chegou às fronteiras ainda indefinidas em 28 de novembro de 1828; estabeleceu-se às margens do Quarai<sup>175</sup>.

A guerra da Cisplatina acabou com a saída de Rivera das Missões para a Banda Oriental. Com ele saíram, também, parte dos guaranis missioneiros e vários outros povos de diferentes etnias. Ocorreu um êxodo das Missões Orientais para a Banda Oriental, sendo a população assentada por Rivera em solo oriental. Os motivos da adesão indígena a Rivera são descritos por Favre:

El éxito de esta empresa no solo se debió a la debilidad de fuerzas militares en que se hallaba la región sino, sobre todo, en que Rivera, conocedor de la situación de abatimiento de los indígenas, logró inspirarles confianza de que con él las cosas cambiarían. No pocos brasileños no indígenas también adhirieron al proyecto

---

<sup>174</sup> HERRERA, Luis Alberto de. *La Paz de 1828*. Instituto Historico e Geografico do Uruguay. Tomo XIV. 1938, p. 55.

<sup>175</sup> GOLIN, 2002, p.143.

republicano impulsado por el caudillo oriental, heredero de las líneas de acción de su antecesor, Artigas.<sup>176</sup>

As Missões era o trunfo que faltava para a vitória do projeto autonomista. Rivera representou sua ascensão à liderança de grande parte dos orientais, aqueles contrários a subordinação a Buenos Aires, e as forças caudilhescas venciam a guerra. O sonho de Artigas, de certa forma, estava realizado. Também, para Rivera as Missões representou a sua “limpeza de conduta”, todas as desconfianças dos orientais sobre seu caráter e posição política frente a Banda Oriental foram esquecidas, surgindo, naquele momento, uma grande força política na Banda Oriental; os partidários de Rivera. Nem Brasil e nem Buenos Aires saíram vencedores da guerra da Cisplatina e se apontamos um vencedor, este pode se dizer sem titubear: Rivera.

As Missões foram muito bem utilizadas por Rivera em sua autopromoção e sua argumentação na posição autonomista da Banda Oriental.

El general Fructuoso Rivera, héroe de las Misiones y a quien la causa de la Independencia Nacional le debería la colaboración eficaz que hizo realizable la empresa del 19 de Abril y la última jornada decisiva que obligó al Emperador del Brasil a suscribir la Paz, desde su Cuartel General en Itú; sobre las márgenes del Ibicuy, aceptaría de plano, también, sin reserva alguna, el articulado de Río de Janeiro, y en noviembre 28 de aquel año colocaría su valiente ejército a disposición de la autoridad superior de la República. En su nota de esa fecha, el vencedor de Misiones, luego de historiar los antecedentes de su temeraria expedición, decía: ‘En semejante estado el Gobierno de la República Argentina envió Plenipotenciarios al Janeiro, y ajustó los preliminares de una paz que restituye las Misiones al Imperio del Brasil, pero que desliga la Provincia Oriental de la federación argentina; le asegura su Independencia Absoluta y le hace pisar el primer escalón de sus altos destinos. LA SOBERANIA DE LA PROVINCIA ORIENTAL. Esta es la Base del Tratado, y este era el objeto de la invasión de Misiones en su origen, y la del continente, cuando se concibió que (la empresa) no era difícil. La guerra, pues, ha cesado para el Ejército del Norte, que ejecutó lo primero y se hallaba encargado de lo segundo. Y sus Jefes, Oficiales y tropa, enajenados con la perspectiva del nuevo Estado a que pertenecen, a nada más aspiran que a la dicha de saber que SU PATRIA’<sup>177</sup>.

A cartada de Rivera teve um efeito imediato nos rumos da guerra e nas indecisões políticas. O movimento autonomista ganhava força. O império dava sinais claros de desgaste

<sup>176</sup> FAVRE, Oscar Padrón. *Participación de Santo Ángel en el Éxodo Misionero al Estado Oriental*. Artigo. s/a. p. 139.

<sup>177</sup> ACERVO WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica, Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo – NDH- PPGH-UPF. *Cronologia Historica Documentada*. Tomo III. p. 382-383.

com a guerra. A posição de Rivera foi um banho de água fria nas intenções de Dorrego sobre anexação da Banda Oriental às Províncias Unidas. A divisão entre o exército “Nacional”, comandado por Alvear e o exército do “Norte” comandado por Rivera, mesmo com a política bonaerense para ocultar as diferenças, fez desse fato mais um sinal de divisão política entre orientais e as Províncias Unidas.

O esgotamento, tanto político quanto econômico, do Brasil e de Buenos Aires, fez com que, em 1828, sob mediação inglesa, fosse assinado o Tratado Preliminar de Paz. A Inglaterra se mostrou favorável à tendência autonomista oriental. Este favorecimento se explica no argumento que a Inglaterra não tinha o objetivo de estremecer as relações nem com o Brasil e nem com Buenos Aires. Seus objetivos comerciais correspondiam ao Brasil e, também, a região do Prata:

Após três anos de lutas, a Inglaterra, interessada em regularizar o comércio na região e em evitar um conflito permanente de fronteiras entre Brasil e Províncias Unidas, adotou a posição mediadora, indo ao encontro dos objetivos independentistas dos orientais. Finalmente, em 1828, foi criada a República Oriental do Uruguai, como o estado-tampão entre o Brasil e a Argentina, e como marca da sempre presente participação inglesa na política externa dos países do Prata<sup>178</sup>.

O final do conflito era mediado pela Inglaterra que se mostrou favorável à causa autonomista, assim, evitava um conflito constante na zona de fronteira. A abertura comercial tanto do porto de Buenos Aires quanto do porto de Montevideu estava garantida. O Brasil não poderia reclamar, pois não se deu por derrotado e Buenos Aires não ficou com a província. As Províncias Unidas saíram com o maior ônus; não aglutinaram a Banda Oriental e, ainda, ganhavam um rival comercial, que era o novo estado independente da Banda Oriental do Uruguai.<sup>179</sup>

Esta vitória autonomista beneficiava diretamente os caudilhos de maior relevância política da Banda Oriental: Juan Antonio Lavalleja e Frutuoso Rivera. Estes dois caudilhos formaram, cada um com seus aliados políticos, dois partidos dentro da Banda Oriental. Este dois partidos lutaram pelo poder nos primeiros anos da jovem república uruguaia, na base da política ou com o uso da guerra.

---

<sup>178</sup> REICHEL, Heloísa Jochims. *Fronteiras e Guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995, p. 36.

<sup>179</sup> Para alguns historiadores o Uruguai foi denominado Estado Tampão, pois cessava as lutas fronteiriças entre Brasil e Argentina (Buenos Aires). Ver: CERVO, Amado Luiz, RAPOPORT ( Orgs). *História do Cone Sul*. Rio de Janeiro: Revan,1998.

#### 4.5 Tendências políticas no Prata após a guerra da Cisplatina

A partir de 1828, como fim da guerra, as tendências partidárias tanto na Banda Oriental como nas Províncias Unidas do Prata foram aglutinadas em torno dos caudilhos mais poderosos: Rivera, Lavalleja, Rosas e Oribe. Todos haviam adquirido prestígios no processo de independência da Banda Oriental.

Para Rivera, a autonomia política do Uruguai não estava necessariamente ligada à independência. O caudilho era contrário a força centralista de Buenos Aires, e a sua ligação com o federalismo autônomo de Artigas, unida com a perseguição e as acusações de Rivadavia, em 1826, o fizeram tomar como maior inimigo da Banda Oriental, em seu ver, o centralismo portenho. “Tal ha sido el pensamiento de Artigas; es la intención de Rivera. Ellos luchan contra el centralismo de Buenos Aires, pero no contra la Provincias Unidas, cuyos fueros y hermandad invocan”<sup>180</sup>.

Em Buenos Aires a guerra civil entre *Federales e Unitários* provocou uma série de acontecimentos que culminou, em dezembro de 1829, na ascensão de Don Manuel Rosas, caudilho dominante do partido Federal das Províncias Unidas do Prata. Pimenta ressalta que

A ascensão de Juan Manuel de Rosas, chefe dos exércitos de Buenos Aires eleito governador de Buenos Aires em 6 de dezembro de 1829, dará início a um período de clara orientação federal, ainda que em uma modalidade peculiar de federalismo, mesclando a associação entre as províncias bastante autônomas com um poder central forte<sup>181</sup>.

Esta ascensão dos *Federales* provocaria o que a historiografia uruguaia chama de *La Guerra Grande*, onde as facções políticas tanto na banda Oriental quanto nas Províncias Unidas iriam se digladiar pela tomada do poder<sup>182</sup>. Rosas apoiava Lavalleja, que tinha uma tendência mais argentinista. Embora Rivera defendesse o federalismo, era contrário a Rosas, pois encontrava em Rosas a centralização do poder, a ditadura, a perda de seu mando como caudilho. Rosas incorporaria o poder central, instrumento letal para o poder dos caudilhos.

<sup>180</sup> ZUM FELDE, 1967, p. 108.

<sup>181</sup> PIMENTA, 2002, p. 248.

<sup>182</sup> Cf. HERRERA, Luis A. de. *Orígenes de La Guerra Grande*. Tomo I e II. Montevideo: Por la Patria SA, 1979.

No Uruguai, a posse da terra foi um dos motivos para as desavenças entre os bandos de Rivera e de Lavalleja. Rivera formou a partido Colorado e Lavalleja, o Blanco. A importância na disputa de terras entre Blancos e Colorados tornou-se um combustível para a exaltação dos ânimos entre os dois partidos.

La postergación de una rápida política en torno a la propiedad de la tierra dio nacimiento a una gran inseguridad en toda la campaña. Ningún hacendado estaba seguro sobre la real capacidad de cada uno al dominio de sus campos, todo ellos de inciertos límites o simplemente con posesiones superpuestas y contradictorias. En los campos de las Huérfanas, Rincón del Rosario, Pedro Manuel García, Azcuénaga, Alzaga, etc. Nuevos poseedores se enzarzaron en furiosos pleitos, algunos de los cuales finalizarían sino muy avanzado el siglo. No es del caso insistir aquí sobre la enorme importancia que tuvo este hecho para nuclear a los hacendados de intereses contrapuestos sobre la misma tierra, en facciones enemigas que a la postre – junto a otras motivaciones – se decantarían en los llamados partidos tradicionales: Blanco y Colorado<sup>183</sup>.

A luta entre fazendeiros pela posse da terra fez com que cada um procurasse a ajuda de um partido. No caso, ou o partido Blanco: Lavalleja, ou o partido Colorado: Rivera. Tanto brasileiros como bonaerenses tinham, em seu momento de domínio na Banda Oriental, a venda ou garantia de títulos de propriedade. Após a guerra da Cisplatina, muitas estâncias se encontravam em mãos de fazendeiros brasileiros.

Na primeira metade do século XIX, cerca de 30% do território uruguaio estava nas mãos de proprietários brasileiros, que lá possuíam 428 estâncias. Essas, em sua grande maioria, se concentravam nas áreas de fronteira entre o Uruguai e o estado do Rio Grande do Sul, principalmente nas terras situadas entre os rios Ibicuí e Jacuí. Muitas delas estendiam-se pelo território dos dois países e, desconhecendo a presença de qualquer linha divisória, atuavam como rota para o intenso contrabando de gado oriental que servia às charqueadas rio-grandenses<sup>184</sup>.

Sob o governo de Buenos Aires os títulos de propriedades foram estendidos aos seus aliados. As conseqüências seriam inevitáveis com a independência do Uruguai, pois muitos títulos de propriedade reconhecidos pelo governo de Dorrego não eram reconhecidos pelo estado independente da Banda Oriental do Uruguai.

---

<sup>183</sup> TORRE, Nelson de la; RODRIGUEZ, Julio C.; De TOURON, Lucia Sala de. *Despues de Artigas (1820 – 1836)*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1972, p. 98-99.

<sup>184</sup> REICHEL, 1995, p. 37

En 23 de abril de 1828, Dorrego extendía el título de propiedad a los poderosos comerciantes franceses. Posiblemente tal acto no tuvo consecuencias inmediatas si seguimos a la letra la relación de Pedro Trápani. Pero sus consecuencias no tardaron en hacerse sentir poco después de erigida la Banda Oriental en nación independiente. Em esos días, los viejos propietarios porteños de tierras confiscadas por Artigas comenzaron a presionar al gobierno de Buenos Aires para que haciendo uso de su poder lograra del gobierno oriental el reconocimiento de sus propiedades<sup>185</sup>.

As disputas pela legitimação da posse das terras aumentaram as lutas entre as duas forças políticas de maior preponderância no Uruguai. No momento em que um dos dois caudilhos tomasse uma decisão sobre o tema, o outro tomaria a oposição. Rivera, buscando solucionar o problema e procurando obter um maior número de aliados, designou Lucas Obes para o Ministério da fazenda, a fim de resolver os litígios na legitimação de posse.

La incapacidad del ministerio Giro-Muñoz para dar una salida radical al problema de la tierra, no tuvo poca parte en el irresistible ascenso de Rivera que en agosto se hallaba en el Ministerio a caballo de su prestigio de hombre de “tierras tomar”. Junto con él, el letrado encargado de vestir el expediente de todos sus desaguisados: Lucas Obes<sup>186</sup>.

Após a assinatura do Tratado preliminar de Paz, assume interinamente a presidência do Uruguai o general do exército nacional Uruguai, Rondeau. Em fevereiro de 1829, Rondeau entrega a Rivera a chefia do exército uruguai, aumentando ainda mais o seu poder na Banda Oriental.

En febrero de 1829, después de una entrevista Rondeau-Rivera, el caudillo pasó a ser el Jefe del Estado Mayor. Desde ese puesto y atento a las circunstancias puntuales en agosto llega a Montevideo y tras exigir la renuncia de los ministros nombrados (hecha efectiva el 27) Rondeau lo designa como Ministro Universal (responsable del gobierno en Hacienda, Relaciones y Guerra) y a Lavalleja como Jefe del Estado Mayor del Ejército. Estamos ante una ‘suma del poder político’ en manos del caudillo Rivera<sup>187</sup>.

---

<sup>185</sup> TORRE, 1972, p.101.

<sup>186</sup> TORRE, 1972, p. 103.

<sup>187</sup> ACERVO WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica, Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo – NDH- PPGH-UPF. *Cronologia Histórica Documentada*. Tomo III. p. 405.

A corrida para a primeira presidência da recém criada República da Banda Oriental estava se iniciando, e os dois candidatos eram Rivera e Lavalleja. Rivera intensificou a sua campanha política no interior da Banda Oriental, aproveitava-se do fato de ser o comandante em chefe da campanha. Sua posição prestigiosa entre a população da campanha, herdada ainda dos tempos da Cisplatina, facilitava a sua supremacia no interior. Este quadro sofreu uma profunda melhora depois da sua campanha exitosa nas Missões Orientais. As preliminares políticas na Banda Oriental, pós-guerra Cisplatina, aumentava o prestígio de Rivera e diminuía o de Lavalleja.

Las ventajas de Rivera y por ende las desventajas de Lavalleja se consolidaban, al punto que el primero va a la campaña para iniciar los trabajos electorales con mira a la 1a. presidencia, para lo que contaba con el cargo de Comandante general de la Campaña (enero 18 de 1830) creado especialmente, que le facilitaba la presión sobre los caudillos de cada pueblo. Lucas Obes como Ministro de Hacienda, Rondeau Gobernador Provisorio, anulaban en el futuro inmediato a Lavalleja interinamente Ministro de las carteras de Gobierno, Relaciones y Guerra.<sup>188</sup>

Após Rondeau entregar o governo interino a Lavalleja, a rivalidade entre os caudilhos aumentou. Nas eleições pela primeira presidência Rivera saiu-se vitorioso. A sua trajetória política estava, naquele momento, sendo coroada com o poder máximo na Banda Oriental. As lutas entre os caudilhos não terminaria com a vitória de Rivera pela primeira presidência. A aliança de *blancos* uruguaios e *federales rosistas* nos anos vindouros, atearia fogo mais uma vez na Banda Oriental. O partido colorado riverista, juntamente com o partido Unitário das Províncias Unidas do Prata, eram seus inimigos políticos tradicionais<sup>189</sup>.

Na região platina da primeira metade do século XIX, a guerra e a política andavam de mãos dadas. As guerras entre caudilhos seriam a tônica das jovens repúblicas platinas; as forças divididas entre dois bandos, escaramuças, golpes e tentativas de golpes dentro da política dos Estados, tanto da Banda Oriental quanto das Províncias Unidas do Prata ainda permaneceriam por muitos anos. Rivera continuaria com suas várias nuances e permaneceria como um dos principais protagonistas dos embates políticos caudilhescos que lutavam intestinamente na Banda Oriental.

---

<sup>188</sup> Ibid., p.405

<sup>189</sup> Cf. HERRERA, Luis Alberto de. *Origenes de La Guerra Grande*. Tomo I eII, Montevideo: Ed: Por la Patria S.A., 1979.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política platina do início do século XIX foi marcada por grandes ações geopolíticas, militares e de formação partidárias. O fim do domínio ibérico, os interesses da Inglaterra, da França, de Portugal e, posteriormente, do Brasil, aliados principalmente às novas tendências políticas que se formaram na crise do sistema colonial, faziam com que o cenário político se tornasse caótico e extremamente vulnerável a conflitos armados.

Na região platina, as diferenças entre Montevideu e Buenos Aires, que já eram notadas no período colonial, se tornaram mais agudas depois da declaração de independência de Buenos Aires. Com a inexistência de um estado centralizado, o caudilhismo ocupou o vácuo de poder deixado pelo governo espanhol. Não podia ser diferente; surgiu dentro do caudilhismo as forças políticas de maior relevância nas primeiras décadas depois da separação entre as colônias americanas e a Espanha.

Artigas, Rivera, Lavalleja, Rosas, Oribe, todos caudilhos de destaque dentro desta tempestade política platina. Com seus poderes e influências sobre grande parte da população platina, faziam de seus interesses pessoais bandeiras que levavam a população à guerra. As diferentes ideologias de governo dividiam opiniões e fronteiras. União, federação, centralização e autonomia eram palavras e conceitos utilizados para motivar alguma parte da população platina contra outra.

Politicamente, como conseguir alcançar o poder em meio a um cenário constante de entreveros, invasões e mudanças? Qual a estratégia a utilizar? Rivera demonstrou que para chegar ao poder requer tempo e decisões rápidas e controversas. Seu início político e militar sob a tutela de Artigas mostrou que para vencer no Prata era preciso lutar com “Titãs”, pois os inimigos do artiguismo cercavam por todos os lados. Em 1819, quando o caudilho viu que não havia mais saída, ao invés de entregar-se, procurou a barganha. O negócio com Lecor, em 1819-1820, não o deixava fora do cenário político e, pelo contrário, o mantinha nos alicerces do poder.

A autonomia da Banda Oriental no momento da configuração da Cisplatina, em 1821, era um sonho adormecido, mas quanto mais passava os anos mais crescia sua importância no aparato administrativo da Cisplatina. O posto de chefe da campanha dado a Rivera, pelo Barão de Laguna, mostrava duas coisas. A primeira é que seu trabalho como militar e chefe era bom e apreciado e a segunda é que o seu contato com a população do interior da Cisplatina – Banda Oriental – era mais que um trabalho para o Brasil. Era o meio utilizado de



aproximação com as *sementeiras*, onde de fato surgiam os soldados, necessários para a formação da milícia de um caudilho.

Rivera mostra, em sua trajetória, uma característica imprescindível para a sobrevivência política na região platina: a astúcia. O momento de se retirar de uma linha que esta desgastada, em crise. Fez com o artiguismo e fez com o domínio brasileiro na Cisplatina e não podemos dizer que foi uma traição. A astúcia política o levava a crer que os dias de poder daqueles governos estavam chegando ao final; a população em geral, no final do período artiguista e, também, do período brasileiro, estavam descontentes, então o momento era de mudar.

Podemos dizer que Rivera era politicamente mutável, de tempos em tempos, de ciclos em ciclos. Apenas duas características suas permaneceram intactas de 1811 a 1828: o sonho de autonomia da Banda Oriental e a aversão ao domínio portenho na política da Banda Oriental. A autonomia política uruguaia ficou apenas adormecida no período de dominação luso-brasileira, parece que recuperando as energias para um momento oportuno. A aversão ao centralismo portenho foi constante, mostrando isso em Guayabos, em 1815, e também em 1819. Quanto da opção de exilar-se em Buenos Aires ou aderir ao dominador, preferiu a segunda alternativa e, por último, o seu afastamento de Buenos Aires, em 1826, quando estava sob o domínio dos centralistas.

Mas todos os estratagemas anteriores não foram tão eficazes quanto à “Campanha das Missões”, em 1828. Rivera sabia que sua moral perante os orientais não dava condições de sobressair-se a seus inimigos políticos. As desconfianças por sua conduta, até agora inconstante, apesar de tê-lo beneficiado no ano final da Guerra Cisplatina – momento das decisões políticas mais importantes –, era uma carga importante de desvantagem. As Missões, o território perdido para Portugal, em 1801, reclamado por Artigas, foi invadido em 1828 e conquistado pelo chamado “Exército do Norte”, comandado por Rivera e formado principalmente por orientais, exército este que seria o protótipo do que viria a ser o exército uruguaio.

A vitória da campanha, aliada a sua importância para a assinatura de paz entre Brasil e Buenos Aires, alçou Rivera ao patamar de destaque entre os principais caudilhos da Banda Oriental. De uma só vez, o sucesso da Campanha desfez as desconfianças sobre sua conduta e o lançou como principal nome para a liderança de um país autônomo que se formava. A população oriental queria em seu comando um homem capaz de lutar e vencer seus inimigos. E naquele momento Rivera tinha feito esta demonstração de capacidade.

Rivera permaneceria influente na política platina após 1828. Sua conduta, após esta data, carece de uma abordagem mais pormenorizada; suas presidências e suas ações na chamada “Guerra Grande”. Também são estimulantes desafios historiográficos para empreender estudos da trajetória do caudilho antes de 1811, considerando sua adesão ao artiguismo.

## FONTES

ACERVO WALTER RELA. Núcleo de Documentação Histórica. Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo – NDH – PPGH – UPF. *Cronologia Historica Documentada*. Tomo III. p. 382-383.

ANÔNIMO. *Contribuições para a História da Guerra entre o Brasil e Buenos Aires – Uma testemunha ocular*. São Paulo: Edusp,1975.

ARCHIVO DE CORRIENTES. Calle Pellegrini 1385, Sala 2. Don Hernán Félix Gómez. *Correspondencia Oficial años 1810-1921*. Tomo 09 Folio 053 al 055.

ARQUIVO ARTIGAS – Tomos IV, V e XXX.

ARQUIVO GERAL DA NAÇÃO – AGN – Buenos Aires.

## REFERÊNCIAS

ABADIE AICARDI, Aníbal; ABADIE AICARDI, Oscar. *Portugueses y Brasileños Hacia el Rio de la Plata – Un informe geopolítico* (1816). Recife: POOL Editorial, 1977.

REYES ABADIE, Washington; VÁZQUES ROMERO, Andrés. *Crónica General del Uruguay. La Emancipación*. Vol.III. 2ª Ed. Montevidéo: Banda Oriental.1999.

ARAÚJO, Vidal Rubens. *Tempestade sobre o Rio da Prata*. Porto Alegre: Vozes, 1989.

AREND NETO, Hugo Carlos. *Império e Ideologia: neutralidade e equilíbrio de poder na sucessão portuguesa (1826-1834)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ARREGUINE, Victor. Historia del Uruguay. Boletín de Informaciones E. M. del Ejército. Número especial en homenaje al Brig. Gal. D. Frutuoso Rivera, en el 106 aniversario del Ricón de Las Gallinas. In: CARNEIRO, Davi. *História da Guerra Cisplatina*. Vol.41. Brasília: Universidade de Brasília. 1983. p.32.

AZARA, Félix de. *Memória sobre el estado rural Del Rio de la Plata y otros informes*. Buenos Aires: Bajel, 1943.

BARRÁN, José P.; NAHUM, Benjamin. *Bases economicas de la revolucion artiguista*. 2ª ed. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1964.

BAUZÁ, Francisco. *Historia de la dominación española en el Uruguay*. Montevideo: Barrreioy Ramos, 1967, T.VI, p.358. In: RIBEIRO, 2004, p.118.

BEVERINA, Coronel Juan. *La Guerra contra el Imperio del Brasil: Contribucion al estudio de sus antecedentes y de las operaciones hasta Ituzaingó*: Edicion especial de la Biblioteca del Oficial. Buenos Aires: Taller Gráfico de Luis Bernard Billinghamurst, 1927.

BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Orgs). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Colônia. V.1. Passo Fundo: Méritos, 2006.

BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Orgs). *História Geral do Rio Grande do Sul* Império. V.2. Passo Fundo: Méritos, 2006.

BRANCATO, Braz A. A. *Don Pedro I De Brasil, Posible Rey de España: Una conspiración Liberal*. Porto Alegre: Edipurs, 1999.

CÁCERES, Coronel Ramón de. Escritos Históricos de la época de la Patria Vieja. Revista Histórica, T. XXIX, Montevideo, 1959. p.577-578. In: RIBEIRO, Ana. *El Caudillo el Dictador*: 2ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2004, p. 25.

CALÓGERAS, J. Pandiá. *A Política do Exterior do Imperio I: As Origens*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1927.

CAMARGO, Fernando. *Britânicos no Prata: Caminhos da hegemonia*. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional*. Passo Fundo: Ed. Clio Livros, 2003.

CARNEIRO, Davi. *História da Guerra Cisplatina*. Vol.41. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1983.

CASTELLANOS, Alfredo R. *Historia Uruguaya. Tomo 3: La Cisplatina, la independencia y la república caudillesca, 1820-1838*. Montevideo: Banda Oriental, 1975.

CAULA, Nelson. *Artigas ñemoñaré*. Vida privada de José G. Artigas Las 8 mujeres que amo Sus 14 hijos. Montevideo: Rosebud Ediciones, 2001.

CERVO, Amado Luiz, RAPOPORT ( Orgs). *História do Cone Sul*. Rio de Janeiro: Revan,1998.

COMIRAN, Fernando. *Os cenários políticos da intervenção portuguesa na Banda Oriental do Uruguai (1811 e 1817)*. Dissertação de mestrado. Assis: Unesp, 2008.

CORTESÃO, Jaime. Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1956. Parte I, t.2.

DE VEDIA Y MITRE, Mariano. *El Manuscrito de Mitre sobre Artigas*. La Facultad. Buenos Aires: Bernabé y Cia, 1937, p.83-84. In: RIBEIRO, 2004, p.103.

DOCCA, E. F. Souza. *A Convenção Preliminar de Paz de 1828*. São Paulo: Empresa Graphica Rosseti, 1929.

HALPERIN DONGHI, Túlio. *Historia de America latina 3, Reforma y disolución de los imperios ibéricos 1750-1850*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

ALONSO ELOY, Rosa; SALA DE TOURON, Lucia; LA TORRE, Nelson; RODRIGUEZ, Julio Carlos. *La Oligarquia Oriental en la Cisplatina*. Montevideú. Ediciones Pueblos Unidos. 1970.

PADRÓN FAVRE, Oscar. *Participación de Santo Ángel en el Éxodo Misionero al Estado Oriental*. Artigo. s/a.

ZUM FELDE, Alberto. *Proceso Historico Del Uruguay*. Montevideo: ARCA, 1991.

FEREIRA, Fábio. (Artigo). Breves Considerções acerca da Cisplatina (1821-1828). In:

LYNCH, John. *Las Revoluciones Hispanoamericanas: 1808-1826*. Barcelona: Editorial Ariel, 1989.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. 2ª ed.rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FRÜHAUF, Elisa Garcia. (Artigo). *A “conquista” dos Sete Povos das Missões*: de “ato heróico” dos luso-brasileiros a campanha negociada com os índios. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/EFGarcia.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2008.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*: Como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: EDIUPF, Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 1998.

GOLIN, Tau. *A Fronteira*: Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUTFREIND, Ieda. O Gaúcho e sua Cultura. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (ORG). *A Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 241-252.

HEINSFELD, Adelar. *Fronteira Brasil/Argentina: A Questão de Palmas – de Alexandre de Gusmão a Rio Branco*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

HERRERA, Luis Alberto de. *La Paz de 1828*. Instituto Historico e Geografico do Uruguay. Tomo XIV. 1938.

HERRERA, Luis Alberto de . *Origenes de La Guerra Grande*. Tomo I e II, Ed: Por la Patria S.A. Montevideo, 1979.

HERRERA, Luis Alberto de. *La Mision Ponsonby*. La diplomacia Britanica y la independencia del Uruguay; Vol. I, II, III. Uruguay: Ed; Tradinco S/A.1988.

KERN, Arno Alvarez. *Missões: Uma Utopia Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KOSSOK, Manfred. *El Virrenato del Rio de la Plata*. Buenos Aires: La Pléyade, 1972.

LEITE, Renato Lopes. *Republicanos e Libertários: pensadores radicais no Rio de Janeiro (1822)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVENE, Ricardo. Vice-Reinado do Rio da Prata. In: LENEVE, Ricardo; HERAS, Carlos. *História das Américas*. São Paulo: Jackson, 1965.

LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart B. *América Latina en la Edad Moderna: Una historia de la América Española y el Brasil coloniales*. Tradução: J.G. Péres Martín. Madri – Espanha. Akal, S.A.1992.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História da América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MACHADO DE OLIVEIRA, J, J. Memoria historica sobre a questão de limites entre Brazil e Montevideo. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, tomo XVI, tomo 3º da terceira série [3ª série, n.12, 4º trim.1853], p.421. In: GOLIN, 2002, p. 123.

MAIZTEGUI CASAS, Lincoln R. *Orientales – Una Historia Politica Del Uruguay (De los orígenes a 1865)*. Buenos Aires: Planeta, Grupo Planeta, 2004.

MATTOS, Tomas de. *Bernabé, Bernabé!*. Trad. Sérgio Faraco. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

NAHUM, Benjamín. *Breve Historia del Uruguay Independiente*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental S.r.l., 1999.

PADOIN, Maria Medianeira. *Federalismo Gaúcho: Fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2001.

PAULA, Sergio Goes de (Org.). *Hipólito José da Costa*. Coleção Fundadores do Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2001.

PEREZ O., Eduardo. *Guerra Irregular en la America Meridional S.S. XVIII-XIX: Ensayo de Historia Social Comparada con España y La Nueva Granada*. Tunja, Colombia: UPTC, 1994.

PIMENTA, João Paulo G. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata: 1808-1828*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

PIMENTA, João Paulo G.; SLEIMIAN, Andréa. *O “nascimento político” do Brasil – As origens do estado e da Nação. (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). *Anais da Província de São Pedro*. Série Documenta 11. Porto Alegre: Mercado Aberto 1982.

PINTO, Julio Pimentel. *O Caudilhismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense AS, 1990.

POMER, Leon. *As independências na América Latina*. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PORTO, Aurélio. *Jesuítas no Sul do Brasil*. História das Missões Orientais do Uruguai. Segunda Edição revista e melhorada pelo P. Luís Gonzaga Jaeger, S.J. 2 partes. Porto Alegre: Ed.Livraria Selbach, 1954.

PRADO, Maria Lígia. *A formação das Nações Latino-americanas*. São Paulo: Atual, 1985.

QUERALT, Maria Pilar. *La Vida Y La Época de Fernando VII*. Barcelona: Editora Planeta, 1999.

QUEVEDO, Júlio Ricardo do Santos. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: BOEIRA, Nelson; Golin, Tau (Org). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 126.

RECKZIEGUEL, Ana Luiza Gobbi Setti (Cord). *Anais do II Simpósio Internacional de Relações Internacionais: “Estados Americanos: Relações Continentais e Intercontinentais”*. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

REICHEL, Heloísa Jochims. *Fronteiras e Guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995.

REICHEL, Heloísa Jochims; GUTFREIND, Ieda. *As Raízes Históricas do Mercosul: A Região Platina Colonial*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996.

RELA, Walter. *Cronología Histórica Documentada*. Parte I. 1527-1810. Banda de los Charruas-Colonización española. New York. 2000.

REYES ABADIE, Washington. *Artigas: Antes y Después de la Gesta*. Montevideo: Ediciones Banda Oriental La República, 1996.

REYES ABADIE, Washington.. *Artigas e el federalismo en Rio de la Plata*. Tomo 2, V.1. Montevideo: Ediciones Banda Oriental La República, 1998.

RIBEIRO, Ana. *El Caudillo el Dictador*: 2ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2004.

RIVERA, Fructuoso. *Correspondencia con Julián Gregorio Espinosa*. Prologo de Elisa Silva Cazet. Montevideo: República Oriental del Uruguay – Cámara de Representantes, 1993.

RODRIGUES, José Honório. *Independência: Revolução e Contra-Revolução*. (A Política Internacional). Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

SEGUNDO SILIONI, Vicecomodoro Rolando. *La Diplomacia Luso-Brasileña en la Cuenca del Plata*. Buenos Aires: Circulo Militar, 1964.

SILVA, Marechal Luiz Manoel de Lima e. *Guerra com as Províncias Unidas do Rio da Prata*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.

SLEMIAN, Andréa; PIMENTA, João Paulo G. *O “nascimento político” do Brasil: As origens dos Estados e da Nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1984; Brasília: INL, 1977, v.III, p.276-277. Inn: HEINSFELD, 2007, op.cit., p. 59.

TORRE, Nelson de la; RODRIGUEZ, Julio C.; De TOURON, Lucia Sala de. *Artigas: tierra y revolución*. Montevideo: Arca, 1967.

TORRE, Nelson de la; RODRIGUEZ, Julio C.; De TOURON, Lucia Sala de. *La Revolución Agraria Artiguista*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos S.A, 1969.

TORRE, Nelson de la. *Después de Artigas (1820 – 1836)*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1972.